FACTOS SEM FICÇÃO

W. R. CROSS

Tradução:

AMADEU ANTÓNIO

W. R. Cross

PREFÁCIO

Uma história talvez estranha, mas como se tornou parte da minha vida, foi intrigante, esclarecedora e normal. Saí de Leeds para servir no Corpo de Bombeiros do Condado de Buckinghamshire e conheci outro membro ativo, George Chapman, que recentemente adquirira mediunidade em transe. Através dele, um cirurgião falecido, William Lang, curava doentes, por vezes através de operações cirúrgicas. Eu não tinha conhecimento dessas coisas, mas a minha pergunta foi: “Poderá ele salvar a visão da minha mulher?” Salvou. Na primeira vez que nos encontrámos, William Lang disse-me que eu poderia, se quisesse, tornar-me orador público em assuntos psíquicos, que poderia ter um Círculo Doméstico para o desenvolvimento das faculdades psíquicas dos seus membros e que poderia escrever um livro sobre o assunto.

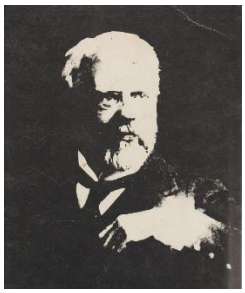
Este é o livro, sobre a minha amizade de quase trinta anos com George Chapman e William Lang, a história pessoal e íntima de como trabalhavam juntos, as muitas conversas com William Lang, o relato do seu serviço de cura do lado espiritual da vida e as suas opiniões sobre mediunidade, religiões, pessoas e a vida em geral. Fiz um registo taquigráfico de cada encontro nos primeiros anos e transcrevi-o em forma de diário, o que foi inestimável para escrever este livro. Há um capítulo sobre uma sucessão de suicídios num troço de linha férrea que só terminou graças à iniciativa de William Lang e à cooperação de George Chapman, Les Miles e minha.

De facto, falei em público para muitos tipos de organizações e tive um Círculo Doméstico de desenvolvimento, ambos iniciados mais de dez anos após o primeiro encontro com William Lang. Ele mostrou-se correto mais uma vez, e esses aspetos foram integrados na minha vida. Descobri que as pessoas estavam extremamente interessadas em aprender sobre faculdades psíquicas e em compreender que não existe morte para nenhum indivíduo. Foram pessoas do lado espiritual da vida que fizeram um excelente trabalho em controlar o Círculo Doméstico através dos seus conselhos e instruções, organizando ainda os “resgates” que ali realizávamos de almas perdidas e perturbadas, presas à Terra.

Fui muito privilegiado.

Tendo como propósito escrever sobre factos, tive de aceitar certas limitações quanto à forma de escrita. Fiz pouca referência ao trabalho de autoridades reconhecidas em relação a vários aspetos da minha experiência pessoal, porque não podia apresentar as suas conclusões como factos. Sublinho que este livro é sobretudo um registo da palavra falada transmitida a mim, que confio o leitor considerará agora dirigida a si para sua reflexão.

W. R. CROSS



WILLIAM LANG

William Lang, 1852-1937, formou-se como Membro do Royal College of Surgeons aos 22 anos de idade, quando trabalhava no London Hospital como médico residente e cirurgião. Mais tarde especializou-se como cirurgião oftálmico e foi nomeado Consultor/Cirurgião Oftálmico no Middlesex Hospital e no Royal London Ophthalmic Hospital (que se tornaria o mundialmente famoso Moorfields Ophthalmic Hospital).

Durante a sua eminente e longa carreira ocupou também outros cargos, incluindo o de Demonstrador de Fisiologia e Anatomia no London Hospital Medical College. A sua carreira é descrita em pormenor no livro *Surgeon from Another World* de George Chapman, e o seu obituário foi publicado no *British Journal of Ophthalmology* e no *British Medical Association Journal*.

William Lang teve um filho, Basil Thorn, e uma filha, Lyndon Marie. Basil Lang, 1880-1928, licenciou-se em Artes com distinção de primeira classe no Trinity College, Cambridge. Estudou no St Bartholomew's Hospital, em Londres, onde se qualificou como Membro do Royal College of Surgeons, Licenciado do Royal College of Physicians e Mestre em Artes. Para além de ser Cirurgião Oftálmico no St Bartholomew's, ocupou cargos em vários outros hospitais de Londres.

Serviu durante quase toda a Primeira Guerra Mundial como Capitão no Royal Army Medical Corps, e concebeu e supervisionou a adaptação de um veículo motorizado na primeira unidade de raios X usada na frente de guerra. Basil Lang trabalhou ainda como cirurgião oftálmico para soldados feridos em hospitais de Rouen e Etaples, em França. Era extremamente versátil e inventivo com aparelhos elétricos, instrumentos óticos e fotografia a cores, aplicando-os no seu trabalho profissional. O seu obituário e fotografia foram publicados no jornal médico *The Lancet*.

Os seguintes dados sobre William Lang e o seu filho Basil constaram num diretório de pessoas eminentes:

William Lang, FRCS.

Cirurgião oftálmico do King George Hospital, Londres, e consultor oftálmico do Middlesex Hospital e do Royal London Ophthalmic Hospital.
Nascido a 28 de dezembro de 1852, falecido a 13 de julho de 1937.
Casou com Susan, filha do falecido W. T. Buckland, Auckland, Nova Zelândia, e após a sua morte casou com Isabella Jane, viúva de A. M. Dunlop.

Uma filha, educada em privado. Entrou no London Hospital em 1870; ocupou os cargos de cirurgião residente e médico residente, depois demonstrador de Fisiologia e Anatomia na Escola de Medicina.

Basil Thorn Lang, MA, BCh, FRCS.
Cirurgião do Royal London Ophthalmic Hospital.
Nascido em Londres a 3 de outubro de 1880, falecido a 18 de janeiro de 1928.

Único filho de William Lang, "a quem todos os oftalmologistas têm a mais alta consideração".
Trinity College, Cambridge. Licenciado em Ciências Naturais com distinção de primeira classe.
Estudou no St Bartholomew's Hospital, Londres. LRCP (Lond), MA, BCh, qualificado MRCS.
Cirurgião residente e cirurgião oftálmico residente no St Bartholomew's Hospital. Diploma FRCS.

Trabalhou também no Middlesex Hospital, Moorfields Eye Hospital, Royal Westminster Hospital, Central London Ophthalmological Hospital, St Andrew's Hospital e Royal Northern Hospital.
Capitão, Royal Army Medical Corps.
Perito em aparelhos elétricos e fotografia a cores. Concebeu e dirigiu a primeira unidade móvel de raios X (uma ambulância motorizada convertida) usada na Primeira Guerra Mundial, bem como um telémetro para localizar aviões inimigos.

CAPÍTULO 1

O PRIMEIRO ENCONTRO COM WILLIAM LANG

Não tinha qualquer conhecimento nem forma de antecipar o que estava prestes a acontecer, deitado como estava de costas num divã de médico numa sala onde a luz do dia era abafada pelas cortinas. Consigo criar imagens na mente de olhos fechados, mas esta imagem não a criei eu. De olhos fechados, "vi" uma luz azul brilhante a irradiar em meu redor. O divã ficou esquecido, o quarto deixou de existir — só existia a luz azul. Então apareceram sobre o meu rosto, a cerca de trinta centímetros de altura, duas mãos, palmas para baixo, dedos estendidos, e os dedos médios opostos a tocarem-se ponta com ponta.

As mãos eram de um azul vívido e transparente e, dentro delas, ainda de olhos fechados, "vi" num azul muito mais claro os ossos dessas mãos, cada osso e cada articulação claramente visíveis. Sem alterar a posição relativa, as mãos moveram-se lentamente sobre o meu rosto, peito e em paralelo ao meu corpo. A minha mente estava completamente absorvida pelo que acontecia e não tive perguntas, apenas uma consciência intensa e uma enorme elevação jubilosa do espírito.

Não vi as mãos regressarem, mas elas reapareceram sobre a minha testa e repetiram o movimento anterior. Tornei-me consciente de que a luz azul não vinha até mim, mas partia de mim, como de um farol — eu era a fonte, e além havia escuridão.

Uma voz suave e calma disse: "Estou a tratar do teu corpo espiritual e há raios a sair de ti em grande quantidade." Agora quase rebentava de júbilo emocional, alegria extática e exultação — era isto o que, sem saber, tinha trabalhado, esperado, aguardado e rezado ao longo de toda a minha vida. A alegria e a liberdade da libertação eram maravilhosas, a culminação magnificada da aspiração. Mal consegui conter-me de gritar, mas não tinha palavras. As lágrimas corriam-me pela face. A experiência tinha a sua própria realidade autêntica, e depois terminou, de repente, como uma luz

apagada, deixando uma felicidade imensa. Aquela voz delicada e refinada voltou a falar, e mais tarde direi o que ela disse.

Foi o comandante da estação de bombeiros de Aylesbury, Les Miles, que desencadeara tudo, uns meses antes. Contou-me sobre o bombeiro George Chapman que, sem possuir qualquer conhecimento médico, estava a curar as dores e maleitas de outros homens do quartel com tanto sucesso que estes o chamavam a casa quando as mulheres ou os filhos estavam doentes. Ele simplesmente aproximava as mãos deles, sem tocar. Por vezes a cura era imediata, outras demorava alguns dias.

Estava tão consciente como qualquer outra pessoa dos métodos usados por alguns povos primitivos para curar doenças — alguns pouco atrativos, outros horríveis. (Recentemente vi na televisão um ministro da Igreja Anglicana que, na sua igreja, quase estrangulava um pobre homem em nome de Deus, alegadamente para exorcizar um espírito maligno de que se dizia possuído; os seus gritos e delírios igualavam o mais bizarro disparate, e não resultou).

Tinha lido sobre pessoas admiráveis e dedicadas, como santas freiras, que eram instrumentais em curas medicamente inexplicáveis com base no amor. Mas aqui estava a cura a desenrolar-se diante de mim; eu era testemunha, e as implicações estavam muitas vezes na minha mente. Conhecia George Chapman como um bombeiro discreto e modesto que fazia bem o seu trabalho.

Víamo-nos também socialmente, pois ambos fazíamos parte da equipa de ténis de mesa do quartel, a jogar numa liga local. A lista de curas bem-sucedidas estava a crescer. Havia o caso da esposa do bombeiro Stan Hunt, que tinha sido submetida a uma apendicectomia no hospital. Dois anos mais tarde sofria de fortes dores abdominais quase diárias; desenvolveu debilidade nervosa. Recebeu tratamento médico prolongado; por fim, o médico disse que as dores passariam e que nada mais podia fazer. Mas não passaram.

Não sei qual foi o diagnóstico do Dr. Lang quando viu a Sra. Hunt, mas relacionou o problema com a remoção do apêndice. O bombeiro Hunt (que mais tarde se tornou oficial superior) escreveu a George a dizer que era verdadeiramente notável que a dor tivesse diminuído ao longo de seis semanas e desaparecido ao fim de oito, e que a sua esposa regressara então a uma boa saúde normal.

A Sra. P. Oakley, esposa de outro bombeiro, foi ao Royal Bucks Hospital, em Aylesbury, onde lhe diagnosticaram cancro da mama. O bombeiro Oakley pediu timidamente cura à distância e depois marcou uma consulta

com o Dr. Lang, que operou e disse ao casal que o cancro tinha sido removido. Sugeriu que voltassem ao hospital e pedissem nova verificação. De facto, ela foi internada e o cirurgião fez a habitual última observação antes de operar.

Passou muito tempo com ela e depois disse que pediria uma segunda opinião, pelo que haveria algum atraso. O marido estava presente quando a sua esposa foi informada pelo consultor, Sr. Gardiner, chamado para a segunda opinião, de que tinha havido alguma alteração no estado mas que seria necessário operar para investigar e tomar depois a ação considerada necessária. A operação foi realizada. Nada de anormal foi encontrado e disseram ao casal que o diagnóstico inicial do cirurgião estava errado; agora assumia-se que tinha havido um pequeno quisto que, entretanto, desaparecera por si só. A Sra. Oakley saiu do hospital ao fim de três dias.

Conseguem imaginar o impacto que estes e outros casos tiveram nos homens da corporação de bombeiros. George pouco dizia; nunca discutia e, nos períodos de espera, tentava encontrar uma sala onde pudesse ler e meditar em silêncio, enquanto na sala de convívio as conversas se tornavam acesas e prolongadas.

Eu ainda não estava há muito tempo no Corpo de Bombeiros de Buckinghamshire e não tinha percebido que o homem com quem falara em várias ocasiões era o mesmo George Chapman. Hoje em dia já não há equipas de limpeza de bombeiros para certas tarefas de manutenção do quartel — agora são feitas por trabalhadores civis. Acho pena, porque há orgulho em manter tudo impecável pelo próprio esforço. No entanto, naquela altura os homens também trabalhavam no edifício da sede junto ao quartel, onde eu tinha o meu gabinete, e foi aí que George me perguntou a minha opinião sobre religião e sobre a santidade, ou não, de todas as formas de vida, incluindo insetos.

Estava disposto a falar porque esses assuntos me interessavam há anos, embora as minhas opiniões não tivessem mais valor do que as de qualquer outra pessoa. Não sabia que George Chapman tinha muitas perguntas na sua mente para as quais procurava respostas, sobretudo a partir da morte da sua filha quando tinha apenas alguns meses de idade.

Numa das noites em que o oficial Les Miles se juntou às conversas na sala de refeições, para ilustrar um ponto disse que, ao pousar levemente um dedo sobre um copo virado ao contrário, este se movia sem ele o controlar. Os bombeiros são pessoas práticas, têm de o ser, e esta história gerou risadas bem-humoradas e um desafio para que demonstrasse.

Arranjaram um copo de cantina e dispuseram o habitual círculo de letras do alfabeto à sua volta. Les Miles colocou um dedo levemente em cima e o copo moveu-se de letra em letra, soletrando palavras sem sentido. Para alguns dos homens que tentaram depois, surgiram outras palavras. Testou-se em várias noites; que o copo se movesse já era impressionante, mas não havia propósito em palavras tolas, por isso o interesse diminuiu.

No entanto, três mensagens claras surgiram e impressionaram George Chapman, que estava presente. O seu grande amigo Jock, um homem equilibrado e sensato como poucos, foi persuadido a tentar, e surgiu soletrado sem hesitação o nome do seu sargento no exército, no deserto africano, a quem ele tinha segurado nos braços quando morreu. Seguiu-se a data e o local em que fora morto. Jock empalideceu e saiu da sala.

A segunda declaração significativa surgiu quando um oficial tentou a sua sorte. Foi soletrado o nome de um homem e as palavras formaram-se a indicar que servira com o oficial na London Fire Brigade e tinha morrido durante um bombardeamento aéreo. O oficial tinha realmente servido nesse corpo, mas não se lembrava do homem. Na manhã seguinte telefonou para o quartel-general da London Fire Brigade e disseram-lhe que um bombeiro com esse nome tinha morrido em serviço durante um ataque aéreo a Londres. Nem Jock nem o oficial voltaram a participar em outra sessão.

Pouco depois, numa nova tentativa, foram transmitidas as palavras: “Acautelai-vos todos vós de pouca crença”. Foi o fim do copo; assustou toda a gente. Ninguém quis voltar a tentar e Les Miles deixou de incluir aquilo no seu repertório de entretenimento.

Por amor de Deus, caro leitor, não corra já para a cozinha em busca de um copo; espere até ler este livro, pois ainda tenho muito a dizer sobre a tábua ouija.

Les Miles manteve-me a par dos acontecimentos e, à primeira oportunidade, perguntei a George Chapman: “Esta cura, como acontece, o que fazes, do que se trata afinal?” A sua resposta foi: “Se queres mesmo saber, porque não vens a minha casa quando a cura tiver lugar e descobres?” Era mesmo esse o meu desejo.

Mantive a minha mulher informada, mas ela estremecia só de pensar em alguém a associar-se com mortos e sentia que havia algo de desagradável nesse tipo de coisa em que não devíamos querer mexer. Uma reação inicial nada incomum. Eu próprio tinha incertezas, mas queria compreender, e era meu propósito mantê-la a par porque havia em mim a ideia de que talvez pudesse vir alguma ajuda para aliviar os problemas de visão dela. Ela não se lembrava de um único dia da sua vida sem incómodo nos olhos, desde

irritações até dores fortes, devido — sempre ouvira dizer em casa — a um sarampo que tivera em criança.

No primeiro ano de casamento, os problemas eram tais que foi ao médico, que lhe marcou consulta com um especialista em Leeds. Ele foi circunspecto e nada disse, prescreveu gotas diárias (provavelmente nitrato de pilocarpina para contrair as pupilas), que usou continuamente durante anos sem efeito aparente. Prescreveu-lhe também novos óculos, que os olhos dela não toleraram. Então foi a um ótico de Leeds, que lhe forneceu óculos mais adequados e com lentes escuras. A luz forte era sempre um problema.

Esse homem disse-lhe que os seus olhos eram muito interessantes. Sem entrar em mais pormenores sobre o sofrimento nunca aliviado dela, volto à questão: “Poderia receber alguma ajuda de George Chapman?” A minha mulher nunca deixou que esse problema a dominasse; nunca cedeu e nem se atrevia a chorar porque dias de agonia se seguiriam. Contudo, eu não tinha ainda experiência direta da cura e ela mostrava pouco interesse nos meus comentários indiretos.

Eu não tentara persuadi-la a visitar George Chapman e ela não dera sinal de querer fazê-lo. Um dia tive de fazer uma viagem oficial de carro e levei a minha mulher e a nossa amiga Lorna para que fossem a uma grande loja pelo caminho. Quando regressei, encontrei consternação. Lorna andara até já não conseguir dar um passo; o joelho estava inchado desmesuradamente.

Nunca o tínhamos visto assim, embora conhecêssemos a história. Começara uns 35 anos antes e uma longa sucessão de médicos não conseguira dar remédio. O último prognóstico do médico de Lorna fora que teria de tomar os comprimidos e viver com isso. A minha mulher, muito preocupada, contou-lhe o que sabia de George Chapman e, para lhe dar ânimo, prometeu que, se ela fosse, iria com ela.

O Sr. Chapman vivia numa casa camarária e aceitou a visita. Levei-as numa noite e, ao chegar, vimos pessoas sentadas em cadeiras e de pé no hall de entrada, outras sentadas pelos degraus das escadas até ao quarto. Lorna entrou na sala da frente na sua vez e, poucos minutos depois, saiu a dizer: “Oh, ele é adorável, é adorável. Não há nada a temer.” Assim tranquilizada, a minha mulher entrou e contou depois como se sentara num banco, a pedido do Dr. William Lang.

Ele não lhe fez perguntas, apenas colocou as mãos (de George Chapman) dos lados da cabeça, depois à frente e atrás, antes de pressionar suavemente em vários pontos ao redor dos olhos. Também estendeu o

dedo indicador da mão esquerda e desceu-o lentamente como se aplicasse uma seringa hipodérmica naquela zona. Estalava os dedos repetidamente e falava com alguém que ela não via. A minha mulher não sentiu nada e ele não disse nada sobre a condição dos olhos. Entretanto, o problema de Lorna ficou curado após algumas visitas.

Quando ela saiu, entrei eu, como já tinha planeado sem contar a ninguém, nem ao próprio George Chapman. Seguia o convite dele para descobrir. Nessa altura não havia sistema de marcação. Não sabia o que esperar.

George estava de pé no meio da sala, pés um pouco afastados, braços soltos, palmas para a frente e dedos estendidos, cabeça inclinada para diante e para o chão. Os olhos pareciam fechados. Embora as cortinas estivessem corridas, via-se bem na sala. Caminhou lentamente até a um banco e, com uma voz muito diferente da de George, disse: “Boa noite, eu sou William Lang. Por favor, sente-se aqui.”

Colocou-se atrás de mim e pôs as mãos, palmas para baixo, sobre a minha cabeça, depois uma mão sobre a testa. Disse que tinha dito às duas senhoras que os corpos físicos eram de grande beleza e deviam ser cuidados com grande atenção. Tínhamos a responsabilidade de cuidar do nosso corpo, que era um dom de Deus. As suas mãos moveram-se lenta e levemente pela minha coluna e, já perto da base, pressionaram suavemente de um lado. Algo pareceu mover-se dentro de mim. Eu tinha dores ali há anos, que pensava deverem-se a um esforço a jogar críquete. Pediu-me que me deitasse num divã.

De novo, com as mãos sobre o couro cabeludo e o rosto, arrancou não sei o quê com uma mão e lançou ao chão. Nada se via. Estalou os dedos, depois disse-me para relaxar corpo e mente, o que me foi fácil naquele ambiente pacífico mas cheio de força. Pareceu-me natural fechar os olhos. A voz voltou a falar e disse baixinho: “Abri o teu corpo espiritual, que está completamente exposto para mim.” Assim começou a experiência, estranha mas gratificante, que relatei no início do livro. Terminou de repente, como se um interruptor apagasse a luz azul, deixando uma enorme elevação de espírito e regresso à realidade. Se ao menos pudesse continuar para sempre, mas infelizmente nunca mais tive uma experiência semelhante.

Os duvidosos podem teorizar e os céticos tentar explicar; o leitor tem direito aos seus pensamentos, mas eu sei.

William Lang, ou George Chapman se preferirem, afastou-se do divã e, sem hesitar nas palavras, disse-me que adorava o seu trabalho quando estava na Terra, que Jesus foi o homem mais maravilhoso que já viveu, que as leis de Deus não eram plenamente compreendidas nem na Terra nem no lado

espiritual, mas que uma coisa era clara: Deus fazia toda a sua obra pelo amor. Se ele, William Lang, não tivesse amor por cada pessoa que o procurava, não poderia curar nem ajudar.

Havia muito a fazer, dores no mundo a aliviar, muitas pessoas a ajudar, e eu podia contribuir nesse trabalho se quisesse. Havia bem e mal no mundo e a luta entre ambos era constante. Existiam pessoas boas e más também no mundo espiritual, mas semelhantes atraíam-se, pelo que muitos bons espíritos trabalhavam para partilhar o seu conhecimento e experiência com pessoas compreensivas e recetivas na Terra.

Aconselhou-me a procurar, a descobrir, a não aceitar nada apenas por confiança ou fé, a não ser ingénuo, mas a ser crítico com a evidência, a despedaçá-la, aceitando apenas o que convencesse o meu próprio juízo e bom senso. O resto deveria ser rejeitado, mesmo que fosse verdade, como poderia mais tarde descobrir, mas, no momento, devia afastá-lo. Convidou-me a voltar para o ver realizar o seu trabalho de cura e conversar mais. Por fim acrescentou: “Este meu instrumento (George Chapman) tornar-se-á conhecido por toda a Europa.” Apertou-me a mão e disse estar muito satisfeito por eu o ter ido ver. Saí de lá a pairar.

CAPÍTULO 2

A VISÃO DA MINHA ESPOSA É SALVA

A minha esposa visitava semanalmente, depois quinzenalmente, e mais tarde de três em três semanas, conforme indicado por William Lang, cujo único compromisso era tentar ajudá-la. Ao fim de doze meses, disse-me, quando estávamos a sós, que no início não tinha a certeza de conseguir evitar a cegueira total que era iminente.

O seu diagnóstico era glaucoma desde a infância, causado por um golpe na cabeça. Agora podia assegurar-me que ela não ficaria cega, mas deveria ter muito cuidado para não sofrer um golpe forte na cabeça. Muito mais tarde, William Lang comentou ainda que o glaucoma não costumava surgir antes da meia-idade e que, quem vivesse até uma idade normal, provavelmente ficaria cego antes de morrer.

A condição era mais frequente em homens do que em mulheres. As hastes da retina eram afetadas, mas o principal defeito estava no sistema de drenagem — uma acumulação de líquido que causava pressão dentro dos olhos, podendo destruir as fibras do nervo ótico e provocar cegueira gradual. Se as fibras se contraíssem, podia haver uma “explosão” de vasos sanguíneos atrás, e foi este o perigo imediato quando ele examinou a minha

esposa pela primeira vez. Obviamente, a explicação era em linguagem leiga, e foi assim que a registei na altura.

Cerca de vinte e três anos mais tarde, um ótico que já lhe fornecia óculos muito adequados há quinze anos, após exames e testes muito rigorosos com o equipamento mais moderno, disse que, da última vez que a vira, dois anos antes, não se teria surpreendido se tivesse encontrado catarata, e que agora até a esperava encontrar. No entanto, os olhos dela estavam notavelmente livres de qualquer problema. Perguntei-lhe se havia vestígios de glaucoma e respondeu: “Nenhum.” Depois de me examinar também, disse: “Ter uma pessoa sem complicações oculares depois de tantos anos de consultas já é muito incomum; mas ter duas pessoas assim, e ainda por cima juntas, é absolutamente extraordinário.” Não lhe contámos nada sobre o tratamento do Dr. Lang.

CAPÍTULO 3

CURAS PARA A FAMÍLIA

Perto de onde vivia havia um caminho rural estreito, ladeado por árvores em taludes altos e largos. No outono, quando caíam as folhas, o vento amontoava-as em montes. Todos os anos ia lá de carro e enchia sacos de folhas para fazer fertilizante para a horta. Nesse ano em particular, as folhas estavam muito molhadas da chuva, tornando os sacos cheios bastante pesados. Trouxe-os para casa e, ao virar o último saco e segurar nos dois cantos da parte inferior, tentei fazer como nos outros — levantá-lo para que as folhas caíssem. Levantei-o mas as folhas não saíram e senti uma forte pressão a atravessar-me o corpo, sobre o plexo solar.

Houve um estalo, como se algo dentro de mim tivesse rebentado. Custava-me endireitar e mantinha-me curvado para maior conforto. Na manhã seguinte a dor intensificou-se na zona, sobretudo debaixo das costelas do lado direito. Piorou durante o dia e, após duas horas de trabalho, tive de desistir, ir para casa e para a cama, onde fiquei imóvel durante vinte horas.

Levantei-me no dia seguinte para ir trabalhar, senti náuseas, vomitei violentamente várias vezes com muitas dores, sentia-me e parecia horrível, e voltei para a cama. O médico local visitou-me e diagnosticou um músculo rasgado junto às costelas direitas, e aplicou ligaduras adesivas. Consegui fazer meio dia de trabalho na manhã seguinte e passei o fim de semana de cama.

George estava de férias, por isso só pude ver o Dr. Lang na terça-feira, quando o seu diagnóstico seco foi: não era músculo rasgado, mas uma

pequena fissura num disco ósseo na parte inferior da coluna; fluido espinal libertado, deixando a parte inferior da coluna seca; o fluido espalhara-se pelos rins, fígado, canais e próstata, impedindo-os de funcionar corretamente; além disso, havia rutura do intestino delgado na junção com o intestino grosso, causando obstrução e dor acima do diafragma, perto das costelas, mas sem defeito real nessa área.

O Dr. Lang disse que iria operar e seguiu o seu procedimento habitual: estalar os dedos, pedir e usar instrumentos invisíveis para mim, e simular incisões e outros gestos sobre o meu corpo físico, deitado no divã. As suas instruções finais foram: repousar durante uma semana, não levantar pesos e voltar a vê-lo. Na segunda visita chamou-me ao divã e disse que o trabalho feito anteriormente tinha atingido o seu propósito, mas que iria operar de novo para completar o tratamento. Na primeira visita a dor desaparecera antes de eu me levantar e nunca mais voltou; após a segunda não tive mais restrições de movimento nem quaisquer efeitos posteriores.

Na casa de George conheci um oftalmologista de Harley Street que consultou o Dr. Lang durante uma sessão normal de cura. Escrevera um livro da sua especialidade e deixou uma cópia autografada para George. A Sra. Butler, uma antiga matrona hospitalar, era rececionista voluntária para o médico e para George. Apresentou várias pessoas suas conhecidas para tratamento e estava presente quando eram atendidas. Disse-me que o Dr. Lang fazia os gestos das operações cirúrgicas tal como se realizavam numa sala de hospital, mas muito mais rapidamente.

Contudo, quando Reg Abbiss, secretário de George, precisou de ser operado a uma hérnia, o Dr. Lang explicou que, para hérnias e apendicites, aconselhava sempre a operação em hospital; ele estaria presente e todos ficariam surpreendidos com a rápida recuperação. Ele próprio podia tratar dessas condições, mas o doente ficaria de cama cerca de duas semanas — o hospital seria mais rápido.

A menção a Reg Abbiss lembra-me algumas circunstâncias curiosas. Quando fui polícia em Leeds e transferido para o gabinete do Chefe da Polícia, trabalhei sob a direção do sargento Reg Abbiss. Fui depois transferido para a Polícia-Bombeiros; Reg tornou-se superintendente. Mais de vinte anos depois, encontrou-me na sede do Corpo de Bombeiros de Buckinghamshire; já estava reformado e vivia a dez milhas dali. Nós e as nossas esposas tornámo-nos grandes amigos. A sua mulher, Nance, tinha cancro. Apresentámo-los a George e ao Dr. Lang. Ela foi curada e viveu mais quinze anos. Reg tornou-se secretário de correspondência de George, em regime voluntário. Ter-nos-emos reencontrado por acaso? A minha vinda de Leeds para o sul foi coincidência?

Nunca me faltou prova da eficácia nem da variedade do tratamento do Dr. Lang. O nosso filho Geoff era ciclista de competição, com alguma notoriedade a nível nacional. Certa vez, quando vivia em quartos alugados, ficou terrivelmente preocupado: a pele tinha-se soltado dos pés. Tentou tratar-se sozinho, mas com horror viu a carne a desaparecer entre os dedos.

Foi ao Dr. Lang, que disse que a carne estava a ser corroída pelos ácidos do suor do ciclismo, e disse-lhe para voltar ao quarto, mergulhar os pés em água quente e mantê-los assim até haver mudança. Fê-lo todas as noites e, ao sexto dia, após duas horas, pus começou a sair-lhe dos pés durante mais uma hora, até cessar. Os pés sararam rapidamente, passou a usar meias grossas e nunca mais teve problemas.

Quando tinha entre onze e doze anos contraiu pneumonia e depois bronquiectasia, com os habituais danos nos pulmões, que eram controlados mensalmente no Leeds Chest Clinic. Nos primeiros tempos em que conhecíamos o Dr. Lang, levámo-lo a exame. O médico disse que havia cicatrizes e, num ponto, uma parte deixara de funcionar.

Geoff foi tratado várias vezes ao longo de alguns meses, até que o Dr. Lang lhe deu alta e explicou que conseguira reconstruir parte do pulmão com ectoplasma até esta parte reativar-se sob o seu tratamento e o ectoplasma já não ser necessário. Anos mais tarde, o nosso filho serviu de “cobaia” em muitos testes rigorosos de cientistas médicos que investigavam várias categorias de atletas treinados. Claro que exigiram o seu historial clínico, mas não acreditaram que tivesse tido bronquiectasia, pois encontraram-lhe os pulmões em perfeitas condições.

Pedalando cerca de quinze mil milhas por ano, teve alguns acidentes graves — inevitável, suponho — e recorria ao Dr. Lang quando não conseguia recuperar sozinho. Certa manhã de domingo recebemos um telefonema do hospital de Radcliffe, Oxford, a dizer que o nosso filho estava internado com comoção cerebral. Numa corrida colidira com outros ciclistas. Ficou quatro dias no hospital, retomou o trabalho em breve, mas ao pedalar para o trabalho sofreu desmaios perigosos, pelo que foi ao Dr. Lang, que disse ter removido um coágulo entre o coração e o cérebro. Cura imediata.

Noutra ocasião, ao regressar do trabalho de bicicleta, ficou encurralado por um camião com reboque e embateu num carro parado. A bicicleta ficou dobrada ao ponto de a roda traseira ficar junto da dianteira. Sofreu novamente comoção cerebral, dentes da frente partidos e dores internas, diagnosticadas por dois médicos no hospital como músculos abdominais rasgados. Depois da alta, a condição “muscular” piorou e sentia-se muito

mal. O Dr. Lang diagnosticou fígado deslocado e disse que o tinha cosido novamente no lugar. Nunca mais teve problemas.

Poderia acrescentar mais casos de emergências familiares tratadas, mas basta. Muitas vezes perguntaram-me se, tendo deixado de praticar há tantos anos, o conhecimento do Dr. Lang não estaria desatualizado. Coloquei-lhe a questão e ele respondeu que podia assistir a qualquer reunião de médicos em qualquer lugar, e estar presente em qualquer sala de operações hospitalar onde se realizassem cirurgias.

CAPÍTULO 4

ASSISTO AO TRABALHO DO DR. LANG

E TORNO-ME ORADOR PÚBLICO

“Raymond, queres por favor combinar com o George que eu vá a tua casa para conversar contigo e com a Anne?” Era algo incongruente o pedido vir da boca de George Chapman, mas era o Dr. Lang que me falava, durante uma sessão de cura em que eu era paciente, e George nada sabia dos desejos de Lang até eu lhos transmitir quando saiu do transe. Ele foi, com a mulher e os dois filhos. Havia rebuçados e televisão para as crianças, enquanto George, a minha mulher e eu nos reunimos noutra sala. Em poucos segundos estava sob controlo e o Dr. Lang falou demoradamente sobre as suas opiniões acerca das religiões e, como em outras ocasiões, sobre a perfeição de Jesus.

Depois sugeriu que eu escrevesse um pequeno livro com as minhas próprias ideias e opiniões, sobre se tinham mudado desde o primeiro encontro com ele. Fiquei algo embaraçado com a ideia e perguntei: “O que devo incluir?” Respondeu: “Deixo isso contigo, mas sei que tens encontrado muito em que pensar.” Era verdade, por isso fiz o meu melhor. O custo de imprimir um pequeno número de livrinhos era alto, por isso passei-o a estênceis e pedi emprestado um duplicador.

O resultado foi aceitável, intitulado *My Spiritual Progression*, e duzentos exemplares foram vendidos, mas mais tarde suspeitei que o Dr. Lang ficara desiludido por não ter sido impresso em tipografia. Vinte anos depois recebi um pedido de cópia de um homem que vivia nas Seicheles e que dizia ter lido sobre ele numa revista. Extraordinário.

Ao regressar ao encontro com o Dr. Lang, fiquei encantado quando ele me convidou a assistir a algumas sessões de cura para o ver em ação. O médico retirou-se então de George, que recuperou rapidamente, e todos tomámos chá.

Poucos dias depois fiz a minha primeira visita. George e eu entrámos no consultório; ele sentou-se numa cadeira de madeira com braços (que o Dr. Lang usava quando vivia na Terra) e eu sentei-me em frente. Não falámos, e ao fim de dois minutos levantou-se lentamente, de olhos fechados, fez uma careta — o seu rosto mudou, ganhou um sorriso tenso e parecia mais envelhecido.

A voz do médico surgiu claramente através dele, agradecendo a Deus por lhe ser permitido servir novamente “através deste instrumento”. Caminhou até à secretária, carregou num botão que acionava uma campainha como sinal para a rececionista, que trouxe o primeiro de vinte pacientes e anunciou o seu nome: “Sra. — Dr. Lang”. Ele respondeu: “Entre, menina, e sente-se”, apertando-lhe a mão.

Descobri que, para ele, quase todos eram sempre “jovem senhora” ou “jovem homem”, independentemente da idade. Enquanto o paciente se sentava num banco, ele falava brevemente mas não procurava informação sobre o motivo da consulta, pedindo de seguida que se deitasse num divã médico. O procedimento já o expliquei noutro ponto; aqui mencionarei apenas dois dos casos.

Enquanto uma senhora idosa se deitava no divã, ele colocou as mãos sobre a cabeça dela e lentamente moveu-as pelo corpo, falando ao mesmo tempo. “Vive sozinha, e muitas vezes, ao sentar-se, a sua mente enche-se de recordações da infância e de pessoas que a ajudaram nos seus primeiros anos.” Ela disse: “É verdade.” Ele continuou: “Também tem recordações de um medo; sabe ao que me refiro.”

A senhora respondeu com grande emoção: “Sim, sei.” O Dr. Lang prosseguiu, gentil mas firme, a expor os seus pontos. “Recorda também como, de certa forma, não aproveitou as oportunidades para ajudar outros que estavam em necessidade. Deve tentar reajustar os seus pensamentos e memórias, concentrando-se nas lembranças agradáveis da sua vida. Além disso, dedicou demasiada devoção aos outros e assim negligenciou o seu próprio corpo físico.

Agora, a sua audição não pode ser restaurada até entrar no mundo espiritual, porque certas partes físicas (que ele nomeou) deixaram de funcionar e já não podem ser revitalizadas.” Só quando mencionou a audição percebi que ela era surda, pois entendia claramente o que o médico dizia; falou duas vezes em concordância e acenava com a cabeça em confirmação, enquanto os seus olhos, distantes, viam o passado tal como o Dr. Lang lhe revelava, e encheram-se de lágrimas.

O médico disse-lhe estar satisfeito por ela ter finalmente decidido visitá-lo. Terminando o tratamento, ajudei-a a levantar-se do divã, mas ficou óbvio que não me ouviu quando lhe falei ao acompanhá-la até à saída.

Por vezes, sob a sua orientação, embora eu considere não ter qualquer poder de cura efetivo, colocava as minhas mãos perto de um paciente onde ele indicava, e estas frequentemente formigavam. Sentia-me como um frasco ou recipiente de onde algo era extraído por sucção, criando um vazio no meu corpo que logo se preenchia de novo. Não experimentava depleção depois disso — pelo contrário, ficava cheio de bem-estar.

Nesse dia voltei para uma sessão à tarde, e foi curioso ouvi-lo falar a uma senhora, com simpatia, sobre a idosa surda ser sua amiga. Conversando, disse que quando era cirurgião praticante na Terra, os pacientes que aguardavam uma operação estavam geralmente nervosos e apreensivos; ele sorria e tranquilizava-os para que tivessem a confiança que era essencial. Agora pedia-lhe que tivesse a mesma confiança, pois desejava, com a sua permissão, realizar no corpo espiritual dela o que, no corpo físico, seria uma grande e séria operação. Ela deu permissão.

O Dr. Lang colocou-se de um lado do divã com as mãos sobre o couro cabeludo dela, e colocou-me a mim do outro lado, com ambas as mãos a cerca de trinta centímetros do umbigo. Estalou os dedos e disse “Bisturi”, que alguém aparentemente lhe entregou. Observei enquanto simulava, com a mão esquerda, uma incisão na zona do umbigo, com cerca de vinte centímetros de comprimento e uns dez acima do corpo físico. Seguiram-se manipulações rápidas e habilidosas em toda a zona abaixo do local da incisão. Com voz firme e autoritária pediu outros instrumentos, com gestos de os receber. Não vi nenhum.

Alguns pareciam ser inseridos e fixados. Segurando o bisturi novamente, moveu-o em padrão irregular. Não fazia ideia do que estava a fazer e tentei concentrar-me na paciente, desejando-lhe bem. Por várias vezes senti a energia ser extraída de mim, como antes. De repente, e sem esperar, “vi” todos os órgãos internos inferiores da senhora como se uma tampa tivesse sido retirada. Foi um choque, pois não tenho esse tipo de curiosidade e senti que não devia olhar. A imagem desapareceu num instante. Em cerca de cinco minutos a operação estava concluída.

A senhora levantou-se sem dificuldade, dizendo que não sentira nada. William Lang disse-lhe para descansar nas semanas seguintes; poderia sentir-se doente no dia seguinte, até com dores, mas não deveria preocupar-se e aceitar o incómodo como prova de que a operação tinha sido eficaz. Foi o único caso em que me pediram para participar nessa tarde.

No final da sessão o Dr. Lang disse-me que tinha conseguido recolher raios de mim e utilizá-los em benefício dos pacientes, mas que eu não teria capacidade de desenvolver cura para além de ser membro de um grupo reunido para fornecer energia a um médium curador em ação. Por outro lado, insistiu veementemente que eu devia dar diretamente o que pudesse a qualquer pessoa doente que necessitasse.

Se desejasse desenvolver clarividência e clariaudiência para demonstração, poderia em devido tempo transmitir comunicação a duas, talvez três pessoas distintas, mas não mais. A escolha seria sempre minha, embora o seu conselho fosse concentrar-me na faculdade em que alcançaria um nível mais elevado — no meu caso, falar sobre assuntos psíquicos e espirituais, nos quais seria assistido do lado espiritual; além disso, escreveria um livro e poderia assim prestar um serviço ainda maior do que ao falar, e teria um Círculo Doméstico bem-sucedido.

Pareceu-me uma promessa imensa, a entrar no domínio da fantasia, quando disse que eu falaria perante órgãos políticos e seria capaz de lidar com quaisquer perguntas que os ouvintes levantassem. Eu sabia que tinha ainda um longo caminho antes de poder considerar escrever um livro; o único conhecimento que tinha de Círculos Domésticos era o que lera, e nunca tivera ligação com a política.

Contudo, desdobrou um pouco o plano ao dizer que, primeiro, queria que a minha esposa e eu frequentássemos um grupo de estudo. Assim fomos à sede da Spiritualist Association of Great Britain, em Londres, onde nos inscrevemos numa turma de doze pessoas, para doze reuniões semanais, destinadas ao desenvolvimento das faculdades psíquicas particulares de cada membro, sob a orientação de Ivy Northage, a quem reconhecemos grande conhecimento e experiência como médium. Mais tarde fundaria a sua própria escola de mediunidade. O que aprendi com os conselhos, instruções e prática fornecidos por Mrs. Northage revelou-se inestimável quando, anos mais tarde, tive realmente um Círculo Doméstico.

Concluímos o curso, mas a minha mulher achou as sessões extenuantes, quase ao ponto de colapsar no regresso a casa, por isso frequentei sozinho outra série e, no último encontro, quando a médium entrou em transe, o seu guia falou individualmente a cada membro. Disse-me que eu não faria mais progressos ali, mas deveria seguir em frente, como quem sai de uma escola para encontrar outros mestres a um nível mais elevado.

O edifício da Associação, em Belgrave Square, era um centro fervilhante de atividade, com muitas reuniões e centenas de visitantes todos os dias, e eu comecei a frequentar uma Reunião Semanal de Discussão Aberta. Com o tempo tornei-me presidente, depois membro do Conselho da Associação e

Vice-Presidente. Mas agora o Dr. Lang pressionava-me para me oferecer como orador em igrejas espiritualistas, sem usar notas. Mrs. Northage ligou-me a uma das suas pupilas clarividentes que preferia não proferir discursos; assim surgiram quatro compromissos. O Dr. Lang disse que essas igrejas deveriam convidar-me de novo — não o fizeram. Escrevi a quarenta e quatro igrejas semelhantes, oferecendo os meus serviços. Sete responderam, duas ofereceram convites: uma chamou-me cinco vezes, a outra dez vezes. Não foi uma história de sucesso. Não recebia honorários.

Então surgiu a oportunidade. O Conselho da Spiritualist Association of Great Britain recebia pedidos de oradores e pediram-me ajuda; aceitei os convites a leste do centro de Londres, por viver desse lado. O percurso fora indireto, mas o Dr. Lang tinha razão novamente. Falei a mais de duzentas e vinte organizações — clubes juvenis, clubes “Mais de 30”, grupos de pensionistas, faculdades, várias associações femininas, sinagogas, Rotary Clubs, Humanistas, um centro de formação de professores, e muitos outros, incluindo, e eis a ironia, mais de cinquenta Associações de Jovens Conservadores, Jovens Liberais e Jovens Trabalhistas — e a política não era o tema.

CAPÍTULO 5

UM GUIA ESPIRITUAL

COMENTA O DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO

Há uma exaltação em conhecer a existência e a importância da vida espiritual e as portas que uma capacidade psíquica bem desenvolvida pode abrir, mas não é tudo alegria, como foi claramente explicado na última sessão da turma de desenvolvimento de Ivy Northage. Era sempre uma ocasião especial, pois ela entrava em transe sob o controlo do seu guia, que assim podia dirigir-se aos alunos, individual e coletivamente, dando conselhos, encorajamento e avisos. Eis um resumo do seu discurso geral:

“Seguirão agora caminhos mais individuais, mas devem estar preparados, sem perturbação nem desânimo, para menor exaltação de sentimentos. Será sinal de crescimento e mudança na expressão psíquica. Além disso, devido ao progresso espiritual, a vida no exterior tornar-se-á mais difícil; as pessoas parecerão desnecessariamente indelicadas, talvez ressentidas. Surgirão exigências aflitivas.

Poderão sentir-se maltratados e perguntar porque sofrem assim. Como escapar? Não teriam estas coisas com que lidar se não fossem opositores da escuridão; reconheçam-nas sempre pelo que são. Se se deixarem

dissuadir do vosso progresso espiritual, os poderes das trevas vencem, e sofreriam uma derrota espiritual. Depois de fazerem as devidas concessões à reação humana, não relaxem no vosso objetivo espiritual. Tornaram-se mais conscientes e sujeitos às forças do bem e do mal, mas já decidiram de que lado trabalharão, por isso forças contrárias subtis inevitavelmente se acumularão contra vós. Não esperem um caminho fácil. Reconheçam o desafio à vossa decisão e recusem ser desviados ou desencorajados."

"Haverá outro problema. Sabem o que desejam alcançar — clarividência, clariaudiência, cura, oratória, ou outra — mas perguntem-se por que o querem, e, se o adquirirem, o que farão com isso. Se forem totalmente honestos, a resposta poderá não ser tão elevada quanto esperavam. Não conseguirão nada apenas pelos vossos próprios esforços. Atingirão verdadeiro desenvolvimento apenas na medida e com o propósito de estarem preparados para o usar em serviço. Isto pode ser um verdadeiro obstáculo ao progresso.

"Se estiverem determinados a encontrar a força para superar quaisquer dificuldades no vosso progresso espiritual, ninguém vos perguntará se tiveram êxito ou falharam, mas lembrem-se de que há aqueles no espírito que escolheram caminhar convosco, que vos escolheram como instrumento mais adequado aos seus propósitos, no ponto mais alto de realização, um instrumento de Deus ao serviço da humanidade. Façam desse também o vosso objetivo, em toda a humildade, realizem-no com alegria.

Se pararem, eles param; se progredirem, então eles podem prestar um serviço maior. Ambos têm algo a alcançar que ninguém mais pode realizar; não podem pensar: 'Se eu não avançar, alguém o fará', porque isso não é verdade. Deus nunca deixa de tentar, e nós, que temos esclarecimento, devemos agir da mesma forma. Aceitem o desafio à vossa própria força e poder espirituais e saibam que têm o apoio dos que estão no espírito."

Muitos só percorrem parte do caminho, muito poucos até ao limite.

CAPÍTULO 6

TODOS POSSUEM FACULDADES PSÍQUICAS

Como explicar as leis espirituais do universo que regem o nascimento, a vida e a morte a um grupo de crianças de 12 a 14 anos, ou a uma audiência de até 150 pessoas de 16 a 18, de 18 a 30, ou de pensionistas idosos? Uma enorme presunção em qualquer dos casos. Estas eram, grosso modo, as idades dos membros das diversas organizações a quem falei. Na semana anterior, talvez tivessem assistido a palestras sobre jardinagem, segurança rodoviária, instrumentos musicais pré-victorianos ou aborto legal.

Descobri ser possível e satisfatório seguir a mesma linha de raciocínio, apresentada de forma adequada à idade e ao contexto do público: aos mais jovens com algum assombro perante enigmas a resolver e respostas a encontrar; aos mais velhos e perspicazes, com afirmações diretas e provas de apoio. Há um velho e válido preceito pedagógico que sempre usei: falar sobre o que o público conhece ou reconhece na sua própria experiência e conduzi-lo depois a coisas que desconhece.

Começava por pedir-lhes que esquecessem tudo o que tinham lido, ouvido ou visto sobre assuntos psíquicos — era, em grande parte, disparates ou invenções alheias — e que se concentrassem em usar a própria mente e o bom senso para refletirem sobre si próprios e sobre os outros presentes na sala.

Prosseguia: obviamente cada um tem um corpo físico, sem dúvida com órgãos internos idênticos — coração, pulmões, fígado, etc. — que trabalham incessantemente para o funcionamento do todo, um conjunto maravilhoso. Mas o que vos torna diferentes de qualquer outra pessoa na sala, porque e como são um indivíduo único que não parece ter duplicado em parte alguma?

Dizemos que é a vossa personalidade, que tem muitas facetas — amistoso com todos ou apenas com alguns, otimista ou pessimista, calmo ou excêntrico, com gostos aqui e não acolá, de mente aberta ou preconceituoso em alguns ou todos os assuntos, generoso, egoísta, compassivo ou frio, superficial ou de perspicácia profunda, calculista ou emocional, ambicioso ou à deriva, e assim por diante, para além daquelas qualidades nas profundezas da alma que nunca revelam.

“Mãos no ar: quem já foi operado no hospital?” — perguntava. — “Quais peças terá o cirurgião examinado ou retirado?”

“Mãos no ar: alguém já teve a sua paixão pela música, a sua felicidade, ambições e aspirações retiradas do corpo físico?” Um cirurgião pode

dissecar um corpo físico como um mecânico desmonta um carro e alinhar todas as peças numa fila — mas onde estão vocês? O cérebro estará lá, mas não a vossa mente.

O espiritualista diz que tudo aquilo em vós que não é físico faz parte da vossa constituição espiritual e é mais real, mais permanente do que o corpo físico — é o vosso verdadeiro eu.

Precisamos de um nome para este utilizador do corpo físico; a palavra em si não é importante, desde que todos entendamos a que se refere — mente, subconsciente, psique, alma, espírito. Eu escolho “espírito”. As questões não seriam alteradas minimamente se usássemos outra palavra, e “espírito” pode englobar tanto as leves divagações da mente no dia a dia como as mais profundas emoções secretas e os vínculos do indivíduo com as forças criadoras do universo.

Vejamos outro aspeto de nós próprios. Já alguma vez olharam uma montra e sentiram a impressão de que alguém vos observava, sabendo até de que direção vinha? Movem-se para conseguir lançar um olhar rápido e a sensação confirma-se. Não podia ser imaginação. Entram por vezes numa sala onde há pessoas reunidas e imediatamente captam a atmosfera — calorosa e acolhedora, fria e distante, alegre, reservada? Já aconteceu saberem que alguém está prestes a bater-vos à porta, e essa pessoa aparece? Conheci uma senhora que ia regularmente ao telefone esperar que alguém, em quem estava a pensar, lhe ligasse. O telefone tocava e ela atendia primeiro, dizendo algo como: “Olá Mary, já estava à tua espera depois de acabares de fazer as camas.”

Conhecem alguém, talvez vocês próprios, a quem os outros recorrem quando estão em apuros? Podem pensar: “Porque é que as pessoas vêm sempre ter comigo com os seus problemas, quando eu já tenho tantos?” A razão é terem uma natureza simpática — ouvem, e isso faz com que se sintam melhor — são sensíveis. Eu gosto de visitar edifícios históricos antigos, mas muitas vezes a minha esposa acha impossível entrar quando sente uma atmosfera esmagadora, pesada, quase sólida de medo, infelicidade, sofrimento, que se abate sobre ela.

Não consegue lidar com isso e tem de se afastar rapidamente; pode levar várias horas a recuperar. Temos um entendimento: ao aproximarmo-nos da entrada, pergunto: “Está bem; consegues entrar?” Pode achar o lugar apenas negativo, ou aceitável, ou bom. Um dos seus preferidos é a Catedral de Cantuária; poderia ficar lá horas.

Quando encontra um edifício ou sala totalmente repulsivo e se investiga a sua história, há sempre um passado desagradável. Houve uma grande casa

no País de Gales, aberta ao público. Era bastante isolada e recebia poucos visitantes. Havia um pátio que a minha esposa não suportou e saiu; eu fiquei. O guia contou-me que, muitos anos antes, as autoridades obrigavam famílias indigentes a viver no pátio, em abrigos de serapilheira, em condições de pobreza e privação terríveis.

Embora saibamos que estas sensações acontecem, se não connosco, com outros, é legítimo perguntar se é tudo imaginação. A capacidade de recordar acontecimentos passados é uma faculdade que todos possuímos. Suponhamos que numas férias houve um dia especialmente feliz; anos depois conseguem reviver cada detalhe — o lugar, o cenário, as palavras ditas com as expressões faciais, as gargalhadas, cada pormenor observado e as emoções despertadas. Essa recordação representará factos da vossa vida, ou será imaginação?

Suponhamos que um dia alguém bate à vossa porta e, ao abrir, vos comunica que ganharam uma grande quantia de dinheiro. Para sempre seriam capazes de recordar o que estavam a fazer, o que passava pela cabeça, como se perguntavam quem poderia ser. Os brinquedos das crianças estavam no caminho no hall estreito; a porta encravou (como tantas vezes); e lá estava um estranho, escuro, de barba. Ele disse: “Boa tarde, é a Sra. Smith?” e vocês responderam: “Sim.”

Ele disse: “Sra. Alice Smith?” “Sim, sou a Sra. Smith.” “E isto é o número 24 da Elmside?” — e assim por diante. Cada palavra e pormenor ficariam guardados na memória, e essas lembranças não seriam imaginação. Além disso, poderiam rever tudo no “olho da mente”, como dizemos, geralmente quando tranquilos, como se fosse um filme a passar das memórias desses poucos minutos.

Isto aproxima-se muito da experiência do clarividente, que vê sem usar os olhos, e do clariaudiente que ouve sem usar conscientemente os ouvidos. É uma sensibilidade numa direção particular com que nasceram, parte da sua natureza, embora a faculdade geralmente necessite de ser desenvolvida para cumprir uma função útil.

Assisti a uma palestra de Grace Rosher, autora de *Beyond the Horizon* (mais tarde escreveu *Traveller’s Return*), onde contou como, ao sentar-se para escrever cartas pessoais, a sua mente vagueava, sonhando acordada, quando ouviu distintamente as palavras: “Deixa a tua mão aí e vê o que acontece.” Sem qualquer esforço físico da sua parte, a caneta escreveu uma saudação de um ente querido há muito falecido.

Grace Rosher ficou surpreendida e um pouco assustada, mas a possibilidade de contactar com o seu amigo foi tão forte que voltou a tentar

alguns dias depois. A caneta repetiu a façanha; ela pensava em perguntas e a escrita respondia. Sem qualquer conhecimento prévio destes assuntos, procurou o conselho do reverendo Maurice Elliot, secretário de uma organização da Igreja Anglicana, The Church's Fellowship for Psychical and Spiritual Study.

Ele conhecia a chamada escrita automática e deu-lhe apoio e orientação. Longas comunicações foram escritas, descrevendo em detalhe aspetos da vida após a morte física. Muitos escreveram pela sua mão nas suas próprias caligrafias, confirmadas por um perito consultado pelo reverendo Elliot. A caneta escrevia mesmo sem ela olhar, ou quando repousava sobre os dedos primeiro e segundo sem ser segurada; esse feito foi filmado. Através de outros médiuns de escrita automática, chegaram a ser produzidos livros completos desta forma.

Numa reunião pública ouvi um médium clarividente e clariaudiente dizer a uma senhora do público, entre outras coisas, que ela tinha dois periquitos. Ela disse que não, tinha apenas um. Ele insistiu, e ela também. O médium disse: "Lamento, minha senhora, mas não posso mudar isso." Mais tarde, ela escreveu ao presidente da reunião a explicar que, quando chegou a casa, tendo deixado a janela da cozinha um pouco aberta, um periquito fugido de alguém tinha entrado na sua cozinha, de modo que de facto tinha dois. Um assunto de pouca importância, claro, mas a questão a responder é: "Como é que ele sabia?" Ele dissera: "Estão a dizer-me" e "Estão a mostrar-me".

Noutra reunião em que estive, o médium clarividente falava a uma senhora no público quando exclamou: "Valha-me Deus, o que é isto? Vejo uma fila de copos pequenos com um líquido amarelo em cada um, e agora ouço uma só palavra — 'whisky'." A senhora reconheceu com uma gargalhada: "Oh sim, sei bem quem é."

Nas demonstrações públicas, os médiuns sentem-se dirigidos a uma pessoa específica — às vezes, entre duas ou três sentadas juntas, descobrem qual é dizendo: "Ouço o nome —". Pode então dizer que lhe mostram alguém ao lado da pessoa escolhida, e descrevê-lo em detalhe. Provavelmente ouve o nome, a relação com a pessoa escolhida, onde viveram, etc., e pode até dar informações que o recetor desconhece mas depois confirma ao investigar.

Só a partir deste tipo de mediunidade já se pode perceber a verdade monumental: aqueles que deixaram os seus corpos físicos não estão mortos. Vivem em espírito como as mesmas pessoas que eram na Terra; é isto que mais querem que saibamos, para provar que não há morte.

O escritor automático diz que os seus dedos, mão e braço são movidos por forças fora do seu controlo; a escrita não é sua e não sabe o que está a ser escrito. O artista psíquico afirma que, em criança, não tinha jeito nenhum para desenhar, e que não melhorou em nada desde então; tal como o escritor, desvia o rosto, lê um livro, não olha nem para o papel nem para os utensílios que a sua mão escolhe, mas em três ou quatro minutos o controlo termina e olha para o resultado: o retrato de um indivíduo ligado à pessoa que lhe escreveu.

Passemos agora a uma forma diferente de mediunidade — o transe. O transe é perfeitamente natural. Todos nós passamos pelo equivalente todas as noites quando adormecemos. Precisa de alguma explicação e devemos voltar a considerar a nossa constituição espiritual. Se o que disse até agora é verdade, então o espírito é um duplicado do corpo físico; pode ser visto e descrito pelo clarividente. De facto, é uma cópia até ao mais pequeno detalhe, verrugas incluídas.

Durante a vida terrena está ligado ao físico por uma espécie de cordão extensível — o cordão de prata mencionado na Bíblia. O corpo espiritual, mais flexível, interpenetra o físico, parte por parte. Mas o que acontece quando dormimos? O corpo físico precisa de repouso; o espiritual não, e para permitir ao físico dormir, retira-se. O corpo físico fica vazio e pode descansar. Na noite em que não conseguimos dormir, a mente continua a funcionar — isto acontece porque o espírito não se retirou completamente.

Um médium de transe adormece voluntariamente. Ninguém o pode forçar. O médium de transe que melhor conheço é George Chapman e, quando ele abandona o corpo físico, este é ocupado por William Lang, um eminente cirurgião que morreu em 1937, e é ele quem diagnostica o estado do paciente visitante, quem cura e, quando necessário, quem realiza operações.

Depois de dar alguns detalhes do trabalho do Dr. Lang, pergunto: “Alguma questão, por favor?”

Normalmente segue-se um breve silêncio, enquanto o público relaxa, se mexe um pouco, e depois as perguntas começam a surgir. Invariavelmente alguém diz: “Acredita em —?” e então esclareço que apresentei aquilo que foi provado como verdade para minha satisfação. No que me diz respeito, não se trata de crença, mas de factos. Costumam surgir muitas perguntas: Há provas de que William Lang viveu aqui? Que instrumentos usa? Há sangue nas operações? Existe reencarnação? Existem fantasmas? Onde fica o mundo espiritual? O que fazem lá as pessoas? Pensando em todos os que morreram, não estará sobrelotado? Acredita em Deus? Acredita em religião? Há vida noutros planetas? Porque é que poucas pessoas sabem

de tudo isto? Os animais vão para o mundo espiritual? Como descobrir se alguém tem poder para ser médium? Porque morrem bebés tão pequenos? Marido e mulher vivem juntos no espírito? Continuam casados? E muitas mais. Depois de quase todas as reuniões, alguns ficam para conversar mais em privado ou para contar experiências que agora reconhecem como psíquicas.

No colégio onde era professor, o departamento de Estudos Gerais tinha um programa chamado *Religiões Comparadas*, que incluía o Espiritualismo, e falei a vários cursos de estudantes a pedido dos docentes desse departamento. Não fazia parte do meu dever, era voluntário. Depois de uma palestra a aprendizes de engenharia, três ficaram para trás até os outros saírem da sala, e dois empurravam o terceiro, que se mostrava relutante, dizendo: “Anda lá, conta-lhe.” Ele contou-me que, desde que se lembrava, e tinha dezoito anos, conseguia ver uma aura colorida em torno de todas as pessoas que olhava, e nunca entendera porque os outros não viam o que para ele era tão óbvio.

Além disso, também fiz palestras abertas na hora de almoço, que reuniam cerca de oitenta estudantes. Organizei também uma conferência de Ivy Northage sobre mediunidade num dos grandes auditórios e estiveram cento e cinquenta estudantes presentes. Quero sublinhar aqui que é fatal introduzir religião quando se fala com jovens, principalmente porque hoje não aceitam que lhes digam no que devem acreditar. Querem provas, sobre as quais possam formar o seu próprio juízo.

Após onze anos como professor de colégio para estudantes a partir dos dezasseis, e as reuniões que dirigi sobre assuntos psíquicos, tenho confiança no bom senso da maioria dos jovens de hoje. Mas viver apenas de fé e crença não é para eles — exigem provas; sabem que o nosso mundo não foi criado em poucos dias.

CAPÍTULO 7

TENHO UM GUIA

Por mais firmemente que o Dr. Lang considerasse que eu deveria seguir determinada linha de pensamento ou ação, nunca transmitia qualquer sentido de urgência, nem ia além de algumas palavras de sugestão ou conselho, sem procurar compromisso da minha parte. Aprendi a não desvalorizar levianamente o que ele dizia, mas fiquei intrigado quando pediu que eu desse a George algum objeto pessoal que costumasse trazer comigo. O médico concordou que um lenço serviria. Disse que George não saberia o propósito, tal como eu, e que eu apenas devia dizer que o Dr.

Lang queria que o selasse num envelope, o guardasse numa gaveta pouco usada e esquecesse até receber instruções sobre o que fazer a seguir.

Cerca de três meses depois, George entregou-me um grande desenho a pastel, da cabeça e ombros de um homem de perfil, quase em tamanho real, com vestes de clérigo, e nele estava escrito *Rev. Charles Cheesman*. O episódio anterior estava já completamente esquecido quando, um dia, George ouviu claramente na mente uma voz a dizer: “O envelope que tens na mão com um lenço — envia-o ao Sr. Macdonald, artista psíquico em Londres. Diz que o dono é um amigo, cujo nome não podes revelar, e pede-lhe que faça um desenho ligado ao teu amigo.” Com o desenho do Sr. Macdonald vinha uma nota: “Aqui fica uma impressão que registei do Rev. Charles Cheesman. Desculpe a demora, mas só recentemente a consegui obter.”

Nunca ouvira falar deste senhor e, sendo dia de cura, esperei obter uma explicação do Dr. Lang. Depois do último paciente, entrei na sala dele com o retrato enrolado na mão. Antes que eu dissesse algo, o Dr. Lang afirmou que o artista tinha dado ao Sr. Cheesman um rosto um pouco mais fino do que era na realidade. Disse que este ministro viajara muito pelo país como pregador, era membro de várias organizações e, do lado espiritual, estava comigo desde os meus primeiros dias. Ajudar-me-ia nas conversas e discursos, e eu aprenderia mais sobre ele.

“Oh, ainda não é o momento certo para saberes” ou “De momento a porta está fechada e não vale a pena bater, porque só se abrirá na altura devida” — cedo aprendi estas observações-tipo, frequentemente dadas por comunicadores espirituais quando se pedia informação ou conselho. E, se alguém não tivesse já motivos de confiança na continuidade do seu interesse e integridade, pareceriam condescendência, como uma palmadinha paternal na cabeça.

Esperei pacientemente para obter informações sobre o Reverendo Cheesman, para confirmar a sua identidade e, com sorte, estabelecer algum contacto. Uma observação do Dr. Lang aceitei como pista e, talvez por ser a ajuda espiritual mais disponível àqueles que se ajudam a si próprios, segui-a e fiz uma viagem infrutífera à procura de uma determinada igreja — não existia.

Segui outra indicação, muito mais tarde, no meu Círculo Doméstico, até outra igreja perto de onde vivia; o reitor convenceu-me de que não havia possibilidade de o Reverendo Cheesman ter estado associado. Ambas eram igrejas anglicanas, o que se ajustava à minha suposição de que a sobrepeliz branca padrão sobre a batina preta usada pelo meu amigo Reverendo no retrato indicava que servira nessa Igreja. Vários médiuns

clarividentes disseram ver um clérigo junto de mim; alguns viam documentos antigos a serem folheados em busca.

Várias vezes mencionei ao Dr. Lang que nada sabia sobre o meu guia. “Ele está em segundo plano”, respondeu, e só ao escrever este livro, quando voltei a lembrá-lo da sua firme opinião de que os guias devem provar a sua identidade, é que ele disse: “Era um homem de Devon que trabalhou como ministro wesleyano na cidade de Exeter por volta de 1850; viajou pelo país como pregador e teve dois amigos e colegas em particular, Pitman e Osborn.”

Escrevi para “O Ministro da Igreja Metodista Central, Exeter” (as igrejas Wesleyana e Metodista tinham-se fundido) e recebi uma resposta atenciosa do arquivista honorário da Igreja Metodista Mint, que me informou que esta fora construída em 1812, era a única Igreja Metodista da cidade durante cerca de oitenta anos, e que na sacristia estavam pendurados três Planos de Circuito emoldurados. O de 1838 mostrava um Rev. J. Cheesman. O Dr. Lang disse que era esse o homem, que na sua época era conhecido como Charles.

Convém explicar brevemente que dois irmãos Wesley se separaram da Igreja Anglicana para fundar uma “igreja não-conformista”, livre de regras rígidas, e à medida que as novas igrejas abriam eram agrupadas em Circuitos, um sistema em que normalmente três ou quatro ministros wesleyanos eram nomeados, por um ano, pelos administradores do Circuito, para servirem as igrejas do grupo, deslocando-se de uma para outra domingo a domingo, por escala. Esta explicação será provavelmente uma simplificação de um desenvolvimento muito importante na vida religiosa organizada na Grã-Bretanha e na melhoria das condições sociais.

Teria uma porta sido aberta? Assim parecia, e levou a correspondência com quinze pessoas, muito generosas com o seu tempo e esforço para rastrear o meu Cheesman, incluindo os Arquivistas Metodistas dos distritos de Plymouth e Exeter, Newport, Haverfordwest, a *Wesley Historical Society*, os Arquivos Distritais de Cornwall, Devon, Carmarthen e Kent, a Biblioteca Universitária John Rylands de Manchester, a Biblioteca da Universidade de Gales e, especialmente, o Sr. Hefin Llwyd da Biblioteca de Aberystwyth. Estou-lhes grato a todos, e agora reúno as suas contribuições.

Jarvis Cheesman nasceu na aldeia de Mereworth, Kent, a 8 de fevereiro de 1803, filho de Jane e John Cheesman, e foi batizado a 24 de novembro de 1805, no mesmo dia que o seu irmão John, embora nada indique que fossem gémeos. A 7 de setembro de 1808 foi batizado um irmão, Henry, e a 25 de março de 1810 uma irmã, Elizabeth. O reverendo William Lavers exerceu grande influência sobre Jarvis e, sob a sua tutela, em janeiro de

1825, pouco antes do vigésimo segundo aniversário, Jarvis juntou-se à Sociedade Metodista. (William Lavers foi ministro em Maidstone, Kent, em 1824 e 1825.) Isso causou grave discórdia entre Jarvis e a família; não sei porquê, mas cito do seu obituário: “Logo foi chamado a mostrar o seu amor pelo Salvador sofrendo perseguição. Pela dolorosa experiência soube que, por vezes, os inimigos de um homem são os da sua própria casa.”

Depois de ser Líder e Pregador Local, entrou no ministério metodista no Circuito de Carmarthen para iniciar um período de prova, que se estendeu a dois anos no Circuito de Chelmsford e um ano no Circuito de Newport Pagnell. Em 1834, quando estava no Circuito de Horsham, foi admitido como ministro pleno e, ao longo de trinta e seis anos, serviu em dezenove circuitos, espalhados por quase toda a Inglaterra e País de Gales.

Há uma curiosa referência ao sistema de Circuito nas atas da Reunião Trimestral dos Administradores do Circuito de Exeter, de 26 de dezembro de 1839: “que os reverendos Joseph Wood, Jarvis Cheesman e Thomas Vasey sejam convidados a viajar connosco no próximo ano.” O registo de batismos do Circuito mostra que foi o ministro oficiante de abril de 1840 até ao fim de 1841 e que, a 18 de julho de 1840, batizou a sua própria filha, Emily Wallace, nascida a 26 de junho de 1840, de sua mãe Ann.

As contas financeiras do Circuito registam, pelo nascimento de Emily Wallace, um pagamento de £3. 3s. “pela recuperação da Sra. Cheesman”. Outras despesas pagas a Jarvis estão registadas, incluindo, no trimestre de abril a junho de 1841, £14 “pela mudança do Sr. Cheesman”. Obtemos um retrato mais completo da família a partir do Relatório Geral do *Wesleyan Centenary Fund* de 1844, do qual Jarvis foi secretário conjunto, que lista donativos do reverendo Jarvis Cheesman, da Sra. Cheesman, de Miss Cheesman (sem dúvida Emily Wallace), de Master John Wallace Cheesman e de Miss Louisa Cheesman.

Jarvis assinou todas as atas do Circuito durante os treze anos em que foi ministro superintendente. Tenho fotocópias de três cartas que escreveu, datadas de 1844 e 1846, de Wakefield, Yorkshire, e de 1848, de Derby. Em bela caligrafia do estilo antigo, e com delicada expressão em todas, a primeira é uma resposta ao Sr. Joseph German sobre alguns serviços especiais de campanha que tinham sido realizados, exprimindo prazer pelo interesse demonstrado e insinuando que ele não se inclinava a conformar-se com os princípios dos pais.

Cito: “Estou profundamente convencido de que a existência humana deve ser consagrada ao seu grande Autor antes que possa proporcionar o gozo que foi benevolamente destinada a oferecer. És filho de um pai piedoso, pelo teu bem-estar presente, futuro e eterno, muitas orações foram

elevadas ao céu. Tu também tiveste, o que muitos não tiveram, a vantagem de um exemplo piedoso. Que possas colher todos os frutos que tais circunstâncias envolvem é o meu sincero desejo e oração."

A segunda carta é um comentário familiar e descontraído ("com uma exceção, estão razoavelmente bem") a um "velho amigo e colega", não nomeado, mas que já servira o Circuito de Wakefield. Refere um colega ministro, Macdonald, a recuperar de doença, deixando três a fazer o trabalho de quatro. Menciona que o seu período em Wakefield estava a terminar, após três anos confortáveis que espera não tenham sido em vão; o pobre Lockey de Wast (ou West)

Moor tinha morrido, e Jarvis pregara o seu funeral em West Parade a 7 de junho. As novas escolas (serviços de abertura a 12 e 19 de julho) estavam quase concluídas e "ficaram bonitas". Termina: "Considerarei uma honra algumas linhas à tua conveniência. Com cordiais cumprimentos à Sra. e Srta. B., aos quais se junta a Sra. C., despeço-me, caro irmão, teu afetuosamente." (O reverendo George Browne Macdonald foi ministro principal em Wakefield entre 1844-46. Deixou o ministério em 1863 devido a problemas de saúde; morreu em 1868.)

A terceira carta mostra a sua convicção da santidade do púlpito e da Igreja. Jarvis escreve que se recusara sempre a anunciar do púlpito da igreja de Wakefield West Parade, ao domingo, que a Sociedade Local de Abstinência faria uma reunião na cidade durante a semana. Sofrera considerável pressão de alguns da sua Igreja que eram membros da Sociedade, e um dos principais dirigentes era fervoroso defensor da abstinência.

Agora pedia orientação sobre a propriedade ou não de tais anúncios no púlpito, terminando a carta: "Sei que tem sido ofensivamente imputado a pregadores que se recusaram a publicar tais avisos que, portanto, são indiferentes à moral do povo. Aguardando o favor da sua resposta, despeço-me, caro irmão, muito respeitosamente, J. Cheesman." É dirigida ao Rev. D. Bunting.

Tenho cópia do seu obituário, que apareceu nas atas da Conferência Anual Metodista de 1866 em Leeds. Ao que parece, era prática publicar um obituário para cada ministro falecido desde a conferência anterior. De acordo com o estilo evangélico então em voga, penso que os princípios religiosos de cada homem eram bastante enfatizados. Contudo, Jarvis é descrito como diligente, devoto, assíduo, afável, bondoso, cortês, um homem de bem.

A forma da sua morte foi mais detalhada no jornal *The Pembrokeshire Herald and General Advertiser*, impresso em Haverfordwest, a 9 de fevereiro

de 1866, que afirmou que, enquanto foi ministro superintendente ali durante três anos (1855-58), ao regressar de pregar em Spittal, pequena vila a seis milhas a norte, foi projetado da sua carruagem em Prendergast Hill e ficou gravemente ferido. Nos anos seguintes sofreu vários acidentes que, em conjunto, minaram a sua saúde, levando-o a anunciar, na conferência de 1865, que se retiraria e residiria em Haverfordwest como pregador supranumerário. No entanto, nunca mais pregou e um amigo notou que era apenas a sombra de si mesmo.

Três meses depois, o seu velho amigo e colega, o reverendo James Osborn (mencionado pelo Dr. Lang), visitou Haverfordwest em ligação com os Serviços de Aniversário Missionário, que Jarvis aguardava com grande prazer, mas no próprio dia a sua saúde deteriorou-se seriamente e nunca mais saiu de casa. Outro acidente apressou o seu fim; a 29 de janeiro de 1866 caiu ao subir escadas, fraturou o ombro e morreu no número 3 da Castle Terrace, a 3 de fevereiro. O artigo prosseguia, dizendo que a sua linguagem era sempre bela, cheia de significado, admirada pelos reflexivos, mas sem o fogo de um pregador “popular”. Os seus restos mortais foram sepultados no cemitério de St. Martin no sexagésimo terceiro aniversário do seu nascimento.

O seu amigo Pitman, citado pelo Dr. Lang, foi identificado como Edward Rogers Pitman, M.A., ministro da Igreja Anglicana. Tenho também cópia do obituário metodista do reverendo James Osborn, e uma lista de todos os circuitos em que serviu. Ele nasceu em Rochester a 22 de dezembro de 1809, aposentou-se em 1872 em Southampton e morreu a 28 de abril de 1882.

No momento em que escrevo este capítulo, a busca de informação sobre Jarvis continua, mas sei que não é o único a ter mostrado interesse na minha vida. Vários excelentes médiuns clarividentes viram comigo um egípcio. Só uma vez isso foi expandido, mas foi feito de forma vívida e completa numa noite no meu Círculo Doméstico, sob a supervisão de uma comunicadora habitual do Círculo, que falou através de um membro treinado em transe. Foi-me mostrado clarividentemente e impresso mentalmente muito da vida e dos atributos desse homem quando estava na Terra.

A minha descrição de tudo o que ocorreu foi gravada em cassete na altura, mas não posso provar qualquer parte dela, por isso não direi mais, exceto que me senti obrigado a mencioná-lo. Não é um guia para mim, mas um auxiliar que pode prestar apoio.

Há ainda outra história algo negativa a contar, se não for mais do que para mostrar que os planos espirituais nem sempre têm êxito. Refiro noutro

capítulo ter sido persuadido pelo Dr. Lang a empreender palestras públicas sobre assuntos psíquicos, o que fiz por deferência para com ele, sendo a primeira vez para o apresentar numa demonstração pública da sua cura, que ele me pediu para organizar. Não sabia então que a intenção era Jarvis Cheesman impressionar tanto a minha mente com o que deveria dizer que equivaleria a oratória inspirada, ele sendo o inspirador, e que esta parceria estava planeada para se desenvolver.

Nunca funcionou assim em tempo algum; foi um ano após essa demonstração que o Dr. Lang me contou a sua intenção, e nesse ano eu já tivera muitos compromissos de palestras. Mais tarde disse ao Dr. Lang que sentia ter falhado Jarvis, mas ele respondeu que eu não deveria pensar assim, pois se houve falha poderia não ter sido minha, mas de falta de esforço do lado espiritual.

Uma coisa ficou provada — o reverendo Jarvis Cheesman, cujo retrato o Dr. Lang providenciou para mim, viveu na Terra.

CAPÍTULO 8

CASOS TERMINAIS SEM DOR

Durante os anos de formação de George Chapman como médium de transe para cura, era impelido por sentimentos que não conseguia controlar a responder a todos os pedidos de ajuda. Cada apelo ia fundo na sua alma e a reação era espontânea; tinha de ir, mesmo que não houvesse perspetiva de cura, porque o doente estava à beira da partida.

A minha esposa e eu conhecíamos um casal de meia-idade, casados, que vivia em Wendover, por os termos encontrado em serões de danças antigas, que prosperavam naquela zona rural. Sabia-se que a senhora tinha cancro terminal avançado. Estava acamada em casa. Incentivei o marido a receber a visita do Dr. Lang; nenhum deles tinha qualquer conhecimento de assuntos psíquicos.

George pediu-me para o acompanhar e, para se ajustar ao nosso trabalho, visitámos de manhã cedo ou à noite, cinco vezes. Uma vez o filho adolescente entrou no quarto para ver e ouvir, mas o Dr. Lang pediu-lhe que saísse. Quando ele saiu, o Dr. Lang explicou que a constituição de algumas pessoas pode inibir a cura pela sua presença.

Após a primeira visita, George disse-me que sabia que ela partiria em breve porque vira, clarividentemente, muitas flores lindas arranjadas além da cabeceira da cama e, de cada lado, uma figura espiritual vestida de branco, como uma presença angélica. Para ele isto era um sinal certo, que já

observara noutros casos. Na última visita o Dr. Lang pediu que a filha jovem entrasse no quarto, pois queria falar com ela e com a mãe, e pediu-me para sair. Que confidências foram trocadas não sei. Não voltámos a visitar, pois George disse que o Dr. Lang nada mais podia fazer pela paciente além de garantir que seria bem cuidada. Ela morreu duas semanas depois. O marido contou-me que, desde a primeira visita do Dr. Lang, a dor diminuiu até cessar totalmente antes da sua partida.

Conhecia a Srta. D. A. Holdom, da Prebendal Avenue, Aylesbury (conhecida como “Holdie”), funcionária do hospital próximo de St. John, e a sua companheira, a Sra. Cooke, viúva e enfermeira no hospital Royal Bucks. Holdie relatou a sua parte desta história poucos dias depois de ocorrer; o resto ouvi de George Chapman. Era a única parente da sua sobrinha, que tinha cancro terminal e estava internada no hospital em Llanelli, País de Gales. A rapariga não se alimentava há dias e as drogas apenas aliviavam parcialmente o sofrimento.

Holdie perguntou a George se o tratamento podia ser dado no hospital o mais rapidamente possível. Ele disse que iria no dia seguinte, pois estaria de folga. Entretanto falou do caso ao Sr. Miron, cirurgião dentista que escrevera *The Return of Dr. Lang* e que vivera no País de Gales, pedindo-lhe o melhor percurso. O Sr. Miron foi categórico: a viagem de ida e volta não era possível num só dia; telefonou, reservou-lhe hotel e pagou a conta.

Holdie avisou o hospital de que o médium George Chapman iria tratar a sobrinha. Não houve objeções. Três médicos e a enfermeira-chefe reuniram-se em torno da cama, resguardada por cortinas, onde jazia a jovem, emaciada e semiconsciente. Tinham providenciado um carrinho de instrumentos. George disse-lhes que estaria em transe enquanto William Lang realizava o tratamento; tinha uma audiência atenta e curiosa; um dos médicos disse que a rapariga estava a morrer e George podia prosseguir.

Quando George saiu do transe, estavam a observar atentamente a paciente e, aparentemente satisfeitos, acompanharam-no até uma sala onde uma enfermeira trouxe chá. Perguntaram-lhe sobre a identidade do Dr. Lang, os métodos, e disseram-lhe que tinham sido abordados na sua linguagem médica habitual, recebendo também um diagnóstico preciso e comentários sobre o estado da jovem.

Dias depois, o hospital avisou Holdie para ir, pois o fim estava próximo. À chegada, disseram-lhe que desde a visita de George a sobrinha não sentira dor e, no dia anterior, pedira comida — especificando uma salada, que saboreara com prazer. Agora estava inconsciente e sob vigilância constante. Enquanto Holdie se sentava à beira da cama, chegou um cirurgião e os três ficaram surpreendidos quando a paciente se sentou com

pouco esforço, um sorriso iluminou-lhe o rosto e disse claramente: “Oh, que maravilha, que maravilha que é.” Os olhos fecharam-se, recostou-se devagar, e partiu.

Mais tarde na sua carreira George Chapman conseguiu exercer maior controlo sobre as suas emoções ao receber um apelo, sem sair sem comer ou descansar rumo a algum destino distante. Sem dúvida, o Dr. Lang também teve influência, mas contarei mais um exemplo notável.

No livro de George Chapman, *Extraordinary Encounters*, há um capítulo escrito por Jack Smalley, oficial do Corpo de Bombeiros em Newcastle que, após a reforma, se tornou vereador, no qual relata como o apresentei ao Dr. Lang emprestando-lhe primeiro um livro. Quando o devolveu, enviou uma carta a pedir se poderia organizar cura à distância para a sua esposa e para si (ele sofrera um AVC cinco anos antes com várias sequelas, mas o ponto desta história não é sobre ele). Levei a carta ao Dr. Lang, que disse: “Será dada cura à distância, mas em ambos os casos as condições físicas requerem cura por contacto.”

A Sra. Smalley estivera internada, submetida a tratamento com rádio para cancro do cólon e, depois de algum tempo, teve alta como incurável. George não tinha telefone, por isso Jack Smalley ligou-lhe para o quartel de bombeiros — prática malvista pela hierarquia, mas tolerada por Jack ser oficial de bombeiros — e, em grande aflição após meses de angústia, pediu se havia algo a fazer para aliviar a dor da esposa. O Dr. Lang disse-me que o tratamento com rádio, administrado no hospital para destruir as numerosas células cancerígenas, queimara os tecidos circundantes, causando graves complicações e dores atrozes.

Então, o que fez George? No fim do turno, de manhã, saiu do quartel, foi para a estação de comboios, viajou para Londres e depois para Newcastle, cerca de 480 km, foi direto à casa de Jack Smalley, entrou em transe, o Dr. Lang tratou a Sra. Smalley, George saiu do transe, tomou uma chávena de chá, voltou à estação, regressou a Aylesbury a tempo de entrar no turno da noite, sem sequer passar por casa.

Jack Smalley relatou que a dor da esposa se tornara suportável. George disse-me que, assim que entrou na rua onde eles moravam, soube que ela não sobreviveria — não apenas pela intuição, mas também pelo olfato, pois para ele o cancro tinha um cheiro característico. Poucos dias depois, Jack escreveu a dizer que a esposa já não sentia dor.

George foi uma segunda vez e repetiu a viagem. Jack contou-me que, nessa ocasião, o Dr. Lang disse à esposa: “Vai gostar de estar do outro lado, é tão pacífico.” Teve alívio até falecer poucos dias depois.

George recusou sempre aceitar qualquer pagamento, nem mesmo despesas, e se alguém insistia, desviava o assunto prometendo “resolver depois”.

É dessa segunda visita que falo agora. George tinha apenas dinheiro suficiente para viajar de Aylesbury a Londres e voltar. Ali, passou tranquilamente pelo revisor na barreira da plataforma do comboio para Newcastle, sem ser questionado, e embarcou. O mesmo aconteceu à chegada a Newcastle — ninguém lhe disse nada — e repetiu-se à partida, depois de visitar a Sra. Smalley.

Nesta viagem de regresso a Londres, todos os lugares estavam ocupados e vários passageiros estavam de pé nos corredores. George juntou-se a eles, a pensar no que faria quando o inspetor aparecesse, e, como era seu hábito, decidiu que admitiria não ter dinheiro para o bilhete. O comboio seguia em velocidade quando o inspetor entrou do vagão seguinte, chamando “Bilhetes, por favor” em cada compartimento. George foi avançando pelo corredor para não ter de confessar diante dos outros. Ao sair de um compartimento próximo, o inspetor aproximou-se dele.

A uns quatro pés de distância, o homem cambaleou de repente para o lado, como se tivesse esbarrado em algo ou alguém invisível. George nada via. O inspetor disse: “Peço imensa desculpa”, passou por ele sem falar e seguiu para o compartimento seguinte. George pensou: “Eles estão a cuidar de mim”, e regressou a Aylesbury, indo direto para o serviço a partir da estação. Mais tarde enviou o valor da passagem por correio, quando pôde pagar.

Talvez se perguntem o que comia. Muitas vezes perguntei o mesmo. Levava algumas fatias de pão com margarina da cantina do quartel. Talvez também se interroguem sobre a referência ao olfato de George. Ele diz-me que consegue sentir o cheiro do cancro, mesmo fora do transe, em qualquer doente próximo, mesmo que este não saiba da doença. No caso da Sra. Smalley, descreveu o odor acre e pungente característico logo ao entrar na rua onde ela vivia.

CAPÍTULO 9

UMA SUCESSÃO DE SUICÍDIOS

É possível sermos autossuficientes, livres para tomar as nossas próprias decisões e controlar o nosso destino? Existem forças que nos conduzem por caminhos que não escolhemos? E, se existem, levam-nos ao sucesso, à felicidade, ao fracasso, à tragédia? Seremos empurrados para determinadas circunstâncias da vida por influências invisíveis de que não temos consciência?

Com simpatia e profunda compreensão, tanto quanto me é possível, pelos que infelizmente estiveram envolvidos, relato uma série de acontecimentos trágicos que suscitaram estas questões e produziram algumas respostas.

A ponte de Smalldean, sobre uma linha férrea vinda de Londres, fica numa estrada rural estreita, rodeada de árvores e campos, uma zona belíssima a cerca de oitocentos metros da vila de Wendover. Foi aí que se desenrolou uma confrontação e um resgate dramáticos, numa manhã cedo, culminando os esforços e a cooperação de várias pessoas na Terra e outras no espírito.

A história começa quando o corpo de Michael Alfred Follett, um jovem soldado, foi encontrado na linha férrea perto de Wendover, depois de a tripulação de um comboio vindo de Londres, pouco depois da meia-noite, relatar que sentira o comboio sacudir ao passar. As averiguações e o inquérito revelaram, citando as palavras usadas, que ele era “um soldado raso que tentava ser um playboy”.

Tinha dois galgos, ia semanalmente a uma pista de corridas e apostava fortemente. Dava sempre a impressão de ter muito dinheiro e, duas vezes por semana, levava a namorada a Londres, em carro com motorista alugado — um Rolls Royce. Era extravagante e endividado, na verdade num estado crónico de dificuldade financeira, e foi reportado ter dito que devia dinheiro a indivíduos perigosos que o ameaçavam de o mandar para o hospital. Estes pormenores foram publicados na altura e não são aqui referidos para denegrir o pobre homem, mas para indicar um fator muito significativo de quão preocupado e desesperado devia estar.

Uma jovem chamada Margaret Wheeler (que não tinha qualquer ligação com Follett) vivia em Wendover e namorava regularmente com um rapaz de Missenden, ali perto. Estava muito feliz com ele e ficou profundamente perturbada quando ele lhe disse que terminava a relação e que não a voltaria a ver. Ela perguntou: “É mesmo o fim?” e ele respondeu: “Sim”, deixando-a na rua para ir a pé até à estação e apanhar o comboio das 8h10 para Missenden.

A rapariga correu atrás dele e implorou que não se separassem, mas em vão, e ele entrou no comboio. O que fez e para onde foi nas duas horas seguintes não se conseguiu apurar, mas pouco depois das 10h00, quando um comboio de Londres chegava à estação de Missenden, um revisor viu-a na plataforma. Foi a última pessoa a vê-la com vida. Na manhã seguinte, o maquinista de um comboio de Londres — o mesmo que conduzira o comboio relacionado com a morte do soldado — viu o corpo dela na linha, perto da ponte de Smalldean. As lesões eram consistentes com o atropelamento por um comboio.

Cerca de três meses depois, um jornal local publicou em manchete: *"Mulher encontrada morta na linha férrea; terceira vítima"*. Em tribunal, foi apresentado o histórico de Mrs. D'Ardenne: "totalmente absorvida pela arte, escrevia poesia, estava a escrever um livro, uma mulher reservada, angustiada, infeliz e vaga, uma personalidade estranha e confusa". Tinha estado três meses a convalescer num hotel em Missenden após uma doença, depois foi para o hospital. Ao sair, permaneceu mais alguns dias no hotel e mudou-se para um quarto em Wendover, onde havia um ateliê de artista. Foi dito que tinha problemas financeiros com o imposto sobre o rendimento.

O corpo foi encontrado na linha férrea, na ponte de Smalldean, e havia marcas a indicar que passara por uma vedação de arame e descera o talude. Perto estavam a mala de mão, o lenço e um ou dois objetos pessoais, arrumados com cuidado. Parecia estar muito preocupada com uma consulta marcada para o dia seguinte com um psiquiatra. Estava separada do marido, que a vira pela última vez noutro país cerca de quinze anos antes e não soubera mais nada dela, nem sequer onde vivia. O veredicto foi que o equilíbrio mental estava perturbado.

Três mortes em poucos meses no mesmo troço de linha já eram algo bizarro e perturbador, mas não foi o fim das tragédias. Passados mais seis meses, uma idosa, Mrs. Hilda Chapman (sem relação com George Chapman, o médium), residente em Wendover, foi encontrada morta no mesmo local. Já fora submetida a várias operações em hospital, mas queixava-se sempre de dores. Tinha uma consulta marcada para o dia seguinte.

Esta idosa era parente da jovem Margaret Wheeler e tinha-lhe grande afeição. Sentia constantemente que a rapariga estava presente em sua casa. Escreveu um bilhete, que deixou em casa, dizendo que ia juntar-se a ela. O coração da idosa estava em muito mau estado, com as válvulas a não funcionarem. Era algo sensitiva e, ao chegar à linha férrea, viu a rapariga e não conseguiu compreender, sabendo que ela tinha morrido.

Quando o comboio se aproximou, ficou aterrorizada e quis fugir, mas o coração não permitiu — falhou e ela morreu. De qualquer forma, não teria vivido muito mais tempo.

As informações acima, a partir da referência ao facto de ela ser sensitiva, foram-me dadas mais tarde pelo Dr. Lang. Ele acrescentou que Mrs. Chapman tinha deixado o bilhete para o marido.

O Dr. Lang mencionou estes casos e pediu-me que combinasse com Leslie Miles e George Chapman a escolha de um ponto acessível da linha onde os três pudéssemos ir e caminhar de noite, quando não houvesse ninguém por perto. Não explicou porquê, apenas disse: “Verão o que vai acontecer.” Não muito elucidativo. Reunimo-nos para discutir o pedido e assumimos que tinha a ver com as mortes.

Então Leslie Miles explorou a zona e encontrou um local que lhe pareceu de fácil acesso. Porém, havia um obstáculo que não conseguimos ultrapassar: George recusou terminantemente colaborar, dizendo: “Não vou andar por nenhuma linha férrea de noite. Posso entrar em transe e o que poderá acontecer então?” A questão ficou por aí durante vários meses, pois o Dr. Lang não podia obrigar George a agir contra a sua vontade.

Um dia, Leslie Miles regressava do almoço a casa para o quartel de bombeiros em Aylesbury quando se deparou com uma multidão perto de uma ponte ferroviária próxima do centro da cidade, que tinha de atravessar. Estavam lá também uma ambulância e a polícia, por isso parou e saiu do carro. Como estava de uniforme de oficial de bombeiros, conseguiu aproximar-se dos agentes, que lhe contaram uma situação muito estranha. Uma mulher de meia-idade disse-lhes que ia atravessar a ponte quando viu um homem deitado sobre a linha.

Gritou-lhe para se afastar e, como não houve resposta, agitada, trepou a vedação e desceu a encosta. Abaixou-se para o puxar, mas ele desapareceu. Ela desmaiou. Passantes tinham-se juntado e ajudaram a levar a mulher semicônscia de volta à estrada. Nenhum deles admitiu ter visto um homem lá em baixo. Chamaram a ambulância e a polícia. A mulher conseguiu contar a sua história, mas eles também não encontraram o homem. A ambulância estava prestes a partir quando Leslie Miles chegou; levou-a para o hospital, onde foi tratada por choque. À imprensa, a polícia apenas disse que uma mulher fora encontrada na linha e que estavam satisfeitos por não haver motivos para mais investigação.

No entanto, este quase acidente parecia reabrir a questão do que poderíamos fazer em cooperação com o Dr. Lang, embora não soubéssemos qual era a sua intenção. Nesse mesmo dia, Leslie Miles foi

contar a George este último incidente. Ele ficou muito preocupado. Podia ter havido outra morte, e haveria ligação com os casos anteriores? Se sim, claramente mais mortes poderiam acontecer — e que grande responsabilidade recairia sobre nós três para sempre se, ao acedermos ao pedido do Dr. Lang, pudéssemos ter evitado mais tragédias.

George continuava irredutível quanto a andar pela linha no escuro, mas aceitou um compromisso: estava disposto a ser levado de carro durante o dia até perto da linha, mas não em cima dela, e não sairia do carro. Além disso, teríamos de nos comprometer a impedi-lo de sair caso entrasse em transe e tentasse fazê-lo. Consultou-se o mapa — a ponte de Smalldean pareceu a solução.

Numa manhã cedo, Leslie Miles foi buscar George a casa e passou por mim em Wendover, onde vivia. George sentou-se sozinho no banco de trás. Wendover é uma aldeia pitoresca no sopé das belas colinas de Chiltern, com velhas casas de colmo. Infelizmente, como muitas outras aldeias semelhantes, foi bastante ampliada pela construção de novas casas e perdeu parte do seu encanto antigo. Vindo de Aylesbury, a rua principal de Wendover faz uma curva em ângulo reto no centro, segue uma subida reta de uns 250 metros e vira à esquerda para a estrada de Londres.

Ao subirmos lentamente essa ladeira, reparei particularmente no condutor de um pequeno carro Austin antigo, quase um carro de época, que descia no sentido contrário. A condutora era uma jovem, talvez com 30 anos, e o que me chamou a atenção foi o seu rosto extremamente pálido, como mergulhado em farinha, lábios pintados de vermelho forte e cabelo preto espesso até aos ombros. Os lábios e o cabelo acentuavam o rosto branco. Ela estava concentrada na condução, olhando em frente, enquanto passava.

Virámos à esquerda para a estrada de Londres e, cerca de 800 metros adiante, entrámos à direita numa estrada rural estreita, que subia diante de nós e, a uns 100 metros, passava sobre a ponte de Smalldean. Atravessámo-la, demos a volta e parámos à direita, em parte sobre o pequeno talude de relva, com o guarda-lamas quase a tocar o início do parapeito de tijolo. Ninguém poderia ter saído do carro desse lado. Tínhamos visão desimpedida da estrada sobre a ponte e até à estrada de Londres, pois estávamos num ponto mais alto e a estrada era reta.

Não sabíamos o que esperar e ficámos em silêncio, à espera. Uma carrinha dos Correios veio de Wendover e parou na estrada principal, perto da entrada da nossa rua, numa posição estranha, projetando-se na faixa da estrada e atrapalhando o trânsito, além de obstruir parcialmente a entrada de veículos na rua. Menciono isto porque levou Leslie Miles a comentar e a

perguntar: “Porque é que uma carrinha do correio havia de parar ali, quando não há casas nem marcos do correio?” Observámos com curiosidade — nada mais havia a fazer — e, após uns três minutos, a carrinha partiu. Tudo ficou calmo e pacífico.

Vindo de Wendover, surgiu o carro antigo, conduzido pela mulher de rosto branco. Virou para a nossa rua, olhou para nós e seguiu em frente. Nesse momento, ouvimos o som de um comboio a aproximar-se; ainda vinha ao longe. Criou-se um ambiente estranho dentro do carro. Poderia este comboio ter o mesmo infortunado maquinista? Quais terão sido os sentimentos dos que morreram ali ao ouvir o comboio? Passou ruidosamente sob a ponte e o som desvaneceu-se.

George estava inclinado para a frente no banco de trás, ombros curvados, olhos vidrados. Fechou os olhos. Estava em transe. O Dr. Lang falou; primeiro quase se desculpou por nos ter feito levantar cedo e depois disse: “Alguém aqui deve ser sensitivo — chegaram exatamente a tempo de evitar a quinta morte na linha. A jovem que viram a conduzir sobre a ponte estava muito envolvida emocionalmente com o homem que conduzia a carrinha dos Correios. Tinham combinado encontrar-se, mas ele não estava lá quando ela chegou e, no estado em que se encontrava, teria parado o carro na ponte, descido para a linha e ter-se-iaatirado ao comboio que acabou de passar.”

Prosseguiu agradecendo a nossa presença, pois evitara que a jovem parasse e ajudara-a a ultrapassar uma crise crítica. Isso dera-lhe tempo para se reajustar, o que agora conseguiria fazer sem risco para a vida. (Muitas vezes me perguntei como foi que acabámos por escolher a ponte de Smalldean para esta expedição.)

O Dr. Lang explicou que, há muito tempo, um vagabundo vagueava por aquela zona, vivendo como podia e passando bastante tempo junto à linha de caminho-de-ferro, onde encontrava algum abrigo. O vagabundo morreu na linha. Sem perceber que estava morto, decidiu “enraizar-se” ali e que iria “apanhar” casais jovens e outras pessoas para as persuadir a ir para a linha, mas nunca conseguira levar ninguém à morte. Depois juntou-se-lhe o soldado, e os dois formaram uma dupla temível.

Tentavam aproximar-se e influenciar pessoas que, pela sua angústia, se encontravam num estado muito baixo — preocupações com a saúde, negócios falhados, relações pessoais intensas que se tinham tornado insuportáveis — até não conseguirem ver solução nem esperança. Isso dava aos dois homens uma satisfação, vinda do modo como eles próprios tinham encontrado a sua “solução”: impressionar as vítimas de que a única saída era morrer, e que um meio fácil era deixar que um comboio o fizesse

por elas. Essas pessoas eram suscetíveis às suas sugestões e à persuasão de que assim encontrariam libertação.

O Dr. Lang disse que, naquele mesmo momento, os dois homens estavam juntos na linha, a ser abordados pelo Dr. McEwan e pelo Dr. David Little, membros da sua equipa de cura, assistidos por outros auxiliares espirituais. O Dr. Lang calou-se e houve uma ligeira pausa. George endireitou-se, com a cabeça erguida, e depois voltou a curvar-se como antes. Uma outra voz falou através dele e soubemos de imediato de quem se tratava: Hughie, que já tínhamos ouvido noutras ocasiões, normalmente um espírito muito bem-humorado e dado à réplica.

Mas agora não houve piadas, enquanto dava um relato em direto, dizendo que todo o grupo vinha ao longo da linha em direção à ponte, com os culpados a colaborar, depois de lhes ter sido transmitido o pesar e o sofrimento causados às pessoas angustiadas que precisavam de ajuda e aos seus familiares e amigos, bem como o estado traumático desesperado daqueles que tinham morrido sob a sua instigação. As vítimas iriam perceber que os seus problemas não tinham desaparecido; pelo contrário, pesariam ainda mais, porque já não tinham oportunidades terrenas de os enfrentar e resolver.

Foi-lhes dito que agora os dois homens estavam numa situação semelhante. Hughie continuou a dizer-nos que Les Miles e eu, no carro, estávamos a ser usados pelos trabalhadores espirituais para ilustrar aos dois homens a diferença entre eles e nós, ainda na Terra, com corpos físicos. Estavam a começar a compreender, e a perceber a gravidade do que tinham feito; Willie, o vagabundo, iria falar.

George voltou a endireitar-se, não tanto como antes, mexeu ligeiramente os ombros para a frente e para trás duas ou três vezes, e depois abateu-se, curvando-se um pouco. O seu rosto mudou de expressão, contorceu-se como se de dor. Observámo-lo intensamente, e muito devagar, palavra a palavra, com esforço, uma nova voz falou através dele. Disse:
“Eu — sou o Willie — o vagabundo... nós — — estamos — — muito arrependidos do — que temos — andado — a fazer — a fazer — — — — — não — voltaremos — a fazê-lo.”

O rosto de George relaxou à medida que se endireitava, e Hughie regressou, dizendo alegremente: “Já está tudo resolvido agora.”

Hughie voltou a ser o seu eu efervescente habitual e disse que estavam ali vários guias bem conhecidos, nomeando dois, juntamente com o Dr. Lang. Estavam na estrada, perto do carro, a olhar para nós, com sorrisos no rosto e a expressar grande satisfação pelo desfecho positivo. Um deles quis falar-

nos mas sabia que a sua voz era tão forte que poderia atrair atenção, por isso Hughie foi encarregado de nos agradecer em seu nome e de dizer que não haveria mais mortes naquela linha vindas da mesma fonte.

George saiu do transe, perguntou o que acontecera, e nós dissemos-lhe que conversaríamos a caminho de regresso no carro — o pequeno-almoço chamava antes de irmos todos trabalhar.

Mais tarde, a pedido do Dr. Lang, Les Miles e eu tivemos uma reunião com ele, onde confirmou os pormenores aqui relatados e agradeceu a nossa colaboração. Acrescentou que havia um homem, James Martin, que tinha morrido acidentalmente eletrocutado enquanto trabalhava na linha. O doutor descreveu-o, na altura, como “uma pessoa muito misteriosa”, que não percebeu o que lhe acontecera e ficou furioso com a frustração das limitações que sentia que o cercavam e o oprimiam. Estava preso à Terra e nunca reconhecera Deus ou qualquer estado espiritual. Desde então, progredira bastante e tentara impedir o soldado e o vagabundo nas suas atividades, mas sem efeito. Estava presente com os auxiliares quando os dois homens foram tratados.

Perguntei ao Dr. Lang como é que estas mortes lhe chegaram ao conhecimento e ele respondeu que fora Hughie a contar-lhe, pois Hughie trabalhava com uma equipa empenhada em ajudar espíritos presos à Terra e em sofrimento.

Ficou claro que muito mal pode ser causado a partir do mundo espiritual por aqueles que, ao passarem, eram de índole irresponsável, traquinas, maliciosa ou vingativa, a pessoas na Terra suscetíveis às suas influências. Por outro lado, muito bem pode ser feito a partir do mundo espiritual por aqueles que, ao passarem, eram de índole bondosa, simpática, prestável, generosa, amorosa, a pessoas na Terra suscetíveis à sua influência.

CAPÍTULO 10

PROBLEMAS COM A RELIGIÃO ORTODOXA

Este novo conhecimento adquirido levantou problemas. A partir dos nove anos, sob a bem-intencionada pressão dos meus pais, comecei a ir à Escola Dominical Metodista Wesleyana ali perto, embora deva admitir que às vezes ia dar um passeio sozinho e gastava o dinheiro da coleta. Não entendia o que os adultos diziam e não tinha contacto com eles. Os meus irmãos aliciaram-me a ir para a Escola Dominical Baptista, que eles frequentavam — oferecia uma festividade de Pentecostes muito melhor para os alunos, um evento de grande importância naqueles tempos no

norte. Era um lugar muito mais alegre e eu gostava. A partir dos onze anos o ensino começou a ser muito importante para mim. Fui Baptista durante mais de trinta anos, tornei-me diácono da igreja e superintendente da Escola Dominical.

Ao mudar-me para o sul, juntei-me à Igreja Anglicana local porque a visão de bom senso do vigário me atraiu; era um homem notável. Durante vários anos fui ajudante de serviço e leitor, revezando-me com outros na leitura das passagens bíblicas definidas para a congregação nos dois cultos dominicais. Depois surgiu George Chapman e o consultor William Lang na minha vida, e a experiência com eles introduziu uma nova dimensão no meu conceito de Deus e no papel diário do homem, com muitas perguntas inquietantes sobre a parte que eu desempenhava.

Ali estava eu, numa igreja antiga, uma entre milhares sob a égide de uma hierarquia de ministros eruditos e devotos, onde em cada domingo lia, juntamente com outros leitores, as mesmas ou semelhantes passagens bíblicas a fiéis que escutavam reverentemente relatos, por exemplo, de como Deus ordenava aos líderes dos israelitas que organizassem ataques a cidades e matassem todos os homens, mulheres, crianças e animais encontrados. Também que roubassem como despojo todo o ouro, prata, bronze e ferro “para o tesouro do Senhor”.

Dou outro exemplo: “... o Senhor voltou cada espada de homem contra o seu próximo”. David atingiu Golias com uma pedra e, enquanto este estava inconsciente ou atordoado, pegou na espada dele, matou-o, cortou-lhe a cabeça e levou-a como lembrança. No fim de cada leitura eu tinha de dizer: “Que Deus nos revele (ou abençoe) o sentido da Sua santa palavra”. Ora, isto simplesmente já não fazia sentido e preocupava-me muito.

Estava a aprender que a sobrevivência após a morte como a mesma pessoa era um facto; que todos sobreviviam; que Deus não condenava ninguém, mas tinha estabelecido leis inexoráveis de causa e efeito que se aplicavam a todos, com ou sem crença religiosa; que Deus nunca infringia essas leis por ninguém; que o amor, sinónimo de Deus, era o maior poder no mundo e no espírito. As únicas pessoas fora das leis de Deus, temporariamente, eram aquelas que a si próprias se tinham colocado nessa posição, mas tinham sempre a liberdade de regressar — e o regresso era, de facto, inevitável. A minha mente não parava.

Marquei encontro com o vigário e contei-lhe sobre a cura realizada por William Lang através de George Chapman, e sobre o que o Dr. Lang me dissera acerca da sua vida presente e do serviço de cura que desempenhava. O vigário disse que não podia argumentar contra mim e, no geral, não podia negar o que eu lhe tinha relatado. Depois contou-me que,

quando serviu como sacerdote nas Forças Armadas, o seu capelão-chefe também era espiritualista. Perguntou-me se eu reparara que, na nossa igreja, um ministro visitante regular, que trocava ocasionalmente o púlpito com ele, nunca usava notas para os sermões — era um orador inspiracional.

Foi então que li *Spirit Teachings* do Reverendo Stainton Moses, que tinha servido como sacerdote anglicano e descobrira ser um médium versátil. Em linguagem de prosa incomparável, através da escrita automática guiada por comunicadores espirituais, transmitiam-se as implicações religiosas, filosóficas e éticas do Espiritualismo, conforme vistas por espíritos altamente evoluídos. Foi uma revelação emocionante e cada palavra marcou fundo; lançou grande luz sobre o que eu vinha perseguindo em penumbra durante tanto tempo. Continua a ser o livro mais esclarecedor que conheço sobre a natureza de Deus e do homem, sobretudo para quem tem formação religiosa ortodoxa. Demorei doze meses a reajustar-me e a decidir. Escrevi ao vigário:

“Ocorreram mudanças na minha vida espiritual que parecem afastar-me da Igreja Anglicana... Não consigo ler as lições do Antigo Testamento com o sentido de crença pessoal necessário para as proclamar em voz alta na igreja... Estou cada vez mais convencido da necessidade de maior conhecimento do mundo espiritual como base para a fé e a prática, e da necessidade de todas as denominações recorrerem aos discernidores de espíritos em vez de os ignorar, contornar ou banir... Não tenho dúvidas de que sigo aquilo que acredito ser o caminho da verdade... Tenho a certeza de que, nesta direção, posso fazer mais com Deus e pelos meus semelhantes do que de qualquer outra forma”.

O vigário respondeu:

“Recebi a tua carta com tristeza mas sem surpresa. Quando falámos pela última vez admitiste que os teus novos interesses tinham afetado a tua vida de oração, e eu apontei o perigo de negligenciar a tua Comunhão. Agora já não tens confiança no Antigo Testamento e, assim, uma após outra, as partes da tua vida como membro da Igreja estão a ser atacadas e a desmoronar-se, na convicção de que segues o caminho da verdade. Embora lamente, não questiono, evidentemente, a tua sinceridade. Gostaria muito de voltar a conversar contigo...”

Nunca mais o vi. Na altura não me pareceu necessário ou útil fazê-lo; anos mais tarde desejei tê-lo feito, pois tinha grande respeito e afeto por ele, como pessoa e sacerdote — estou certo de que teríamos tido boas conversas.

Não tenho qualquer desavença com a Igreja Anglicana; enquanto fui membro, era o melhor que conhecia, e não vejo razão para que as muitas pessoas que descobrem a verdade acerca da comunicação espiritual e das suas implicações não possam continuar a ser membros dignos e lúcidos de qualquer igreja, embora para mim não fosse adequado.

Nas reuniões privadas, William Lang dava frequentemente opiniões firmes, sobretudo sobre dois temas — a qualidade e a sacralidade da mediunidade, e onde a Igreja ortodoxa falhava em cumprir a sua verdadeira missão.

Uma paciente, convidada para uma dessas reuniões, perguntou a sua opinião sobre um conhecido evangelista americano, Billy Graham, que periodicamente vinha ao nosso país com uma comitiva considerável que cooperava com as igrejas na organização de grandes encontros ao ar livre, com o principal objetivo de “converter” pessoas e levá-las à igreja.

A resposta não teve hesitação — Graham era um homem muito sincero; fora observado por pessoas no mundo espiritual, incluindo o Dr. Lang, que não ficaram impressionados com a sua pregação martelada da Bíblia nem com o exibicionismo. O homem tirava da Bíblia apenas o que lhe convinha a si e aos seus seguidores; para compreender deveria considerar a Bíblia inteira, incluindo as partes que ele e eles não gostavam. Esse pregador viria a descobrir, a seu tempo, que algumas das coisas que dizia sinceramente não eram corretas.

Existiam três grandes religiões e nenhuma detinha toda a verdade. Muitas pessoas que não iam à igreja conseguiam encontrar Deus porque Deus estava em todo o lado. A religião estava dentro da pessoa, não fora. Todos os que procuravam o seu santuário de cura eram atendidos, independentemente da sua religião ou ausência dela; não havia credo eclesiástico nessa cura.

Billy Graham levava muitas pessoas às igrejas mas elas não encontravam lá o que precisavam e acabavam por se afastar, de modo que o resultado final era pequeno. Para encontrar a verdade era essencial reconhecer que existia um mundo espiritual onde as pessoas continuavam a viver e a ser activas.

William Lang não se limitava a comentar em palavras fáceis, mas falava com ênfase, deixando claro que o assunto era de grande importância e mantendo sempre o mesmo tema, que reuni a partir de várias ocasiões:

“Desde que vim para a esfera espiritual visitei muitas das vossas igrejas. Há, naturalmente, muitas dúvidas e dificuldades, mas a religião é muito importante, embora não muitas pessoas na Terra hoje o pensem. Vi pessoas nas igrejas que observam a forma exterior da religião mas nada

têm dentro. Muitos perderam o impulso de fazer uma contribuição construtiva, pensando que não vale a pena. Sorriem e parecem agradáveis — ainda acham que têm superioridade e posição ou privilégio especial, uma liberdade de encargos no além, comparados com os que não vão à igreja.

Usam um sorriso e parecem agradáveis ao passearem por esta cidade; gostaria de os ter comigo por algum tempo no mundo espiritual. Lamento dizer que, de momento, passam a vida sem propósito, inutilmente, mas satisfeitos consigo próprios. Nas igrejas estabelecem uma atmosfera muito mista e negativa para o culto. Estas pessoas precisam de ajuda daqueles que têm algum conhecimento da verdade.

“Queremos que as pessoas na Terra falem mais connosco, espíritos, e que não nos temam como algo maligno, como muitos dos nossos amigos nas igrejas fazem hoje. Então a religião ocupará o lugar adequado nos corações; seguirão uma religião de bondade, amor e compaixão para com os seus semelhantes. Deus é amor, a menos que adorem um deus diferente. Cristo amava Deus; Deus vivia em Cristo. Quando Cristo se sentava sozinho havia música maravilhosa na Sua alma, e o Seu ser tornava-se um com Deus; não precisava de rezar.

“As pessoas da igreja dizem que Jesus é Deus, mas não é assim. Jesus foi um homem como tu e eu, mas mais próximo de Deus do que alguém jamais esteve. Compreendeu Deus como nunca ninguém o fez; o homem mais extraordinário que já viveu. Ensinou as leis de Deus e viveu o que pregava. Jesus tinha poderes de Deus. Fui ensinado a ser médico e cirurgião e posso usar o meu conhecimento e experiência, agora ampliados, até ao fim do meu trabalho no lugar onde estou, quando passarei a outro lugar e entregarei a outros controlos.

Jesus usou todos os poderes psíquicos na Sua obra, incluindo aqueles que agora utilizo para curar os doentes, o que faço com a Sua permissão. Este trabalho é de Deus. As igrejas e a profissão médica precisam de aceitar a existência do mundo espiritual tal como está provado ser. Muitos cirurgiões rezam por orientação antes de operar, e alguns também durante as operações.”

“A Bíblia é um grande livro psíquico, embora a vossa versão esteja incorreta em muitos casos. Os tradutores cometeram erros e houve também influências tanto de visões católicas romanas como protestantes. Desejar ou aprovar que alguém sofra dor e tristeza é contrário às leis de Deus; não há ódio nem dor no amor de Deus. Os cristãos mataram muitas pessoas e queimaram-nas na fogueira em nome da sua religião, não em nome de Deus — de facto, em contradição com as leis de Deus. Lembra-te, nunca ensines as crianças a temer a Deus.

“Procura e descobre; não desistas. Estuda a história e as religiões antes do nascimento de Cristo, pois houve muitos Cristos, muitas religiões e muitos deuses, que devem ser estudados.

“Depois lê os ensinamentos de Jesus. Tenta compreender os significados interiores profundos, visualiza o Seu rosto na tua mente, e quando sentires o Seu amor a vir ao teu encontro e a tocar-te, então saberás que estás a começar a compreender. Procura e descobre, pois a Terra é um campo de treino, um início de que o mundo espiritual é continuação.”

Isto não era totalmente novo para mim, mas a minha leitura tinha estado confinada a livros sobre cristianismo ortodoxo. Agora, através de leituras mais amplas, tive algumas surpresas, sobretudo com o conhecimento espiritual de muitos líderes religiosos de tempos pré-cristãos. Alguns hinos hindus de há quatro mil anos não ficariam deslocados em igrejas cristãs de hoje.

Uma revelação marcante foi a estreita ligação que o generalizado mitraísmo tinha com o cristianismo, pelo qual foi substituído — ou terá sido uma apropriação? A minha pergunta era, e continua a ser: “Porque é que ninguém me disse isto?” Transmito o conselho do Dr. Lang de estudar a história e as religiões antigas — sem dúvida matéria dos currículos nos colégios teológicos para ministros — mas porque é que não falam sobre isso?
Obrigado, Dr. Lang.

CAPÍTULO 11

O DR. LANG DEMONSTRA EM PÚBLICO

Uma igreja cristã espiritualista em Ipswich convidou George Chapman para uma visita de fim de semana, para que o Dr. Lang pudesse demonstrar cura em público na igreja. George pediu-me que fosse também para o apresentar a ele e ao doutor à assembleia, e igualmente para os proteger enquanto estivesse em transe, uma precaução necessária como indicado noutros capítulos.

Fomos de comboio numa manhã de sábado. O edifício da igreja tinha sido uma grande casa particular isolada em pedra, com jardim. Fora-lhe feito um acrescento para fins de igreja. Havia ali um médium residente, clarividente e clariaudiente. Na tarde do primeiro dia o Dr. Lang fez uma demonstração pública de duas horas para a qual os bilhetes esgotaram, e foi dada cura a cerca de quinze pessoas, cada uma das quais ele convidava ao estrado onde havia um divã médico. O seu método era indicar o número de filas

atrás e o número de lugares à esquerda ou direita onde a pessoa estava sentada. A uma senhora pediu que viesse receber tratamento aos olhos, mas ela protestou que a sua doença era no estômago, confirmada pelo seu próprio médico, e pareceu um pouco incrédula quando o Dr. Lang explicou que a forte perturbação estomacal era causada por outra condição que ele trataria.

Ela deitou-se no divã e ele falou de forma que todos pudessem ouvir o seu diagnóstico. Havia lesão no quarto osso craniano que provocava pressão no cérebro; isto afetava os nervos da cabeça e dos olhos. A condição do estômago era causada por preocupação. Com a concordância dela, operou o corpo espiritual, estalando os dedos como era seu hábito, pedindo instrumentos — recebendo-os de ajudantes invisíveis e usando-os a cerca de quinze centímetros acima do corpo físico da senhora.

Todos observavam em suspenso enquanto acompanhavam a feitura de uma incisão e depois manobras muito delicadas na zona do rosto e pescoço. Trabalhou rapidamente e com grande decisão, dizendo ao mesmo tempo que estava a operar o osso, depois aplicando pressão de elevação seguida de descida suave e libertação. Disse que o osso craniano estaria corrigido no fim de sete dias, que, entretanto, as dores de cabeça continuariam mas não tão fortes e depois desapareceriam. A condição do estômago desapareceria ao mesmo tempo. Pediu-lhe que escrevesse a George sobre os progressos e disse que gostaria de a rever. Chamava-se Mrs. Blacker e de facto foi a Aylesbury para mais tratamentos, que tiveram sucesso.

Houve o caso da Mrs. Hetherington. O diagnóstico foi que quatro a cinco anos antes sofrera um choque físico violento, como num acidente de automóvel contra um objeto fixo. A senhora confirmou que isso lhe acontecera e desde então não estivera bem. O Dr. Lang explicou que as nódoas negras visíveis no corpo também podiam surgir internamente, e que ela sofrera fortes contusões internas que originaram um tumor. Procedeu à sua eliminação por operação espiritual, sem causar incómodo à paciente.

Uma doente em consulta privada disse que sofria de dores numa perna havia treze anos sem melhoria apesar de muitos tratamentos. Acrescentou que dali iria ao hospital cumprir uma consulta para serem feitas radiografias. O Dr. Lang diagnosticou um problema numa vértebra na base da coluna, que tratou, dizendo que as radiografias já não mostrariam nada. Pediu-lhe que escrevesse ao Sr. Chapman a relatar a evolução. Ela escreveu; nada apareceu nas radiografias e a dor tinha desaparecido.

O seio esquerdo de Mrs. Reynolds fora removido desnecessariamente, disse o Dr. Lang, pois não havia malignidade. As suas conclusões foram:

uma fissura no pulmão, acumulação de pus atrás do pulmão, enchendo um ou mais lobos. Não havia malignidade. Disse que removeria o pulmão no corpo espiritual durante um ou dois segundos e nesse tempo Mrs. Reynolds não poderia respirar. Depois reconstruiria o pulmão com ectoplasma e voltaria a pô-lo a funcionar. A senhora disse que não usava esse pulmão havia quinze anos. Ele afirmou que seriam necessários mais tratamentos.

O marido dela, enfermeiro hospitalar, entrou na sala com ela, e o Dr. Lang pediu-lhe que ficasse junto ao divã a observar a operação, explicando o que fazia. Depois disse-lhe para colocar as mãos na esposa como indicara, durante pelo menos dez minutos por dia, acrescentando: “Sir Arnold Lawson, colega e amigo meu na Terra, um dos maiores cirurgiões de todos os tempos, que foi meu cirurgião interno no Middlesex Hospital e é agora especialista em pulmões, tem trabalhado aqui comigo neste caso e está satisfeito com o que foi feito.”

Lamento ter perdido o rasto deste caso depois da visita e, quando perguntei ao Dr. Lang, ele assegurou-me que Mrs. Reynolds “se saíra bastante bem”.

Estes foram apenas alguns dos casos tratados. Nos seus comentários não duvido que o Dr. Lang poderia ter usado termos médicos que pouco significariam para os ouvintes, mas utilizava linguagem corrente.

Entre diagnósticos e explicações dos tratamentos conversava com os pacientes e com a audiência como se fosse um velho amigo. Disse que gostava muito de leite de manteiga, que custava um meio-tostão o litro, e falou do interesse do seu filho cirurgião, Basil, em inventar aparelhos mecânicos e elétricos, e de como equipara a primeira unidade móvel de raios X a operar na frente da Primeira Guerra Mundial. Conversando, disse que Basil agora trabalhava com ele, assim como os médicos McEwan, McPherson (que gostava de whisky), David Little, e os cirurgiões Sir Arnold Lawson (especialista em doenças do peito e parceiro de golfe do Dr. Lang).

Falando com um paciente homem perguntou como se arranjava com a esposa, e o homem respondeu: “Ah, ela dá trabalho.” O Dr. Lang perguntou a brincar: “E como achas que eu me arranjo? Tenho aqui duas para lidar — fui casado duas vezes.” Contou depois que a sua primeira mulher, Susan (Buckland), da Nova Zelândia, a quem amava muito, morrera aos trinta anos. A segunda esposa foi Isobel Jane, cujo primeiro marido, membro da família Dunlop, tinha falecido. Agora Susan, Basil e ele viviam juntos; todos se davam bem e eram amigos de Isobel, que estava com o seu primeiro marido.

Depois da sessão George saiu do transe, bebeu dois copos de água e desapareceu para a sala de repouso. Eu já pedira que não fosse envolvido

em conversa durante pelo menos trinta minutos porque, embora respondesse racionalmente, depois não teria qualquer lembrança do que dissera e poderia ter feito alguma promessa. Tomámos chá com o médium residente e mais tarde fui para um hotel, enquanto George ficava a dormir nas instalações da igreja, como hóspede do médium.

George tomou apenas uma fatia de pão ao pequeno-almoço, pois havia uma sessão de cura previamente marcada para pacientes em consultas privadas das 9h00 às 11h15. Ficámos surpreendidos ao saber que tinham sido marcadas mais consultas para outra sessão às 14h45. Isto não era esperado e implicava apanhar um comboio mais tarde do que o planeado, além de George não poder comer mais do que um bocado de pão.

Às 16h30 eu disse com ansiedade ao Dr. Lang que havia ainda seis pacientes e que tínhamos de terminar em cinquenta minutos para conseguirmos apanhar o comboio. Ele disse: “Oh, meu Deus”, e a partir daí foi trabalho puro. Trabalhou rapidamente e deu instruções firmes aos colegas pelo nome, com muito estalar de dedos, recebendo e devolvendo instrumentos. Apanhámos o comboio mesmo a tempo. George esteve em controlo quase cinco horas, nenhum de nós tomou chá e ele comera três fatias de pão nesse dia. No comboio comeu uma maçã que alguém lhe tinha posto no bolso.

Durante a viagem percebi que estava muito desconfortável; tendo saído do transe para um turbilhão de atividade, mal sabia onde estava. Como sempre, havia complicações que poucos conhecem — durante algum tempo ele transporta no corpo físico uma mistura de todos os sintomas das doenças dos pacientes tratados, assim como um resíduo das características menos agradáveis que estes possam ter.

Suporta um castigo até conseguir afastar o desconforto extremo e restabelecer o corpo físico ao seu estado normal. Nesta ocasião demorou mais do que o habitual devido à correria, e disse-me que durante a viagem estava tão sensivelmente desperto que conhecia os pensamentos de cada um dos cinco outros homens no compartimento; não os queria, mas eles impunham-se-lhe, e alguns estavam longe de ser agradáveis.

Isto não foi tudo, porém. Ele não se tinha recuperado totalmente da demonstração pública do dia anterior. Não só todos os lugares tinham estado ocupados, mas se somarmos as entidades espirituais presentes, associadas a membros da audiência, então a sala estava cheia duas vezes ou mais.

Para George Chapman isso trazia uma complicação, porque ele captava um emaranhado das diferentes vibrações delas, e algumas não tinham

progredido muito. Eram-lhe distantes, não próximas como os pacientes, mas havia uma influência residual vinda delas. O trabalho que o Dr. Lang podia demonstrar era limitado em alcance — as pessoas querem ver algo — e nessa altura era mais um dever participar em demonstrações; estas acabaram por ser ultrapassadas por consultas privadas, quando George aceitou a cooperação mediúnica com o doutor como obra da sua vida.

Nesse fim de semana em particular George teve realmente uma experiência dura. Já disse que dormiu nos aposentos da igreja; na verdade dormiu apenas cerca de meia hora, depois acordou. Sensitivo como é, ao entrar no quarto encontrou-se numa atmosfera perturbadora e conflituosa. Ao despertar viu rostos no quarto, nenhum deles bem disposto para com ele. Era como se cada rosto estivesse na ponta de um fio forte preso a ele, puxando-o em muitas direções. Repetidamente desapareciam e voltavam, exceto um, um rosto barbeado, contorcido de raiva ou dor como se fosse torturado.

Com esse rosto vinha um corpo vago e uma forte e persistente tentativa de atacar George, de se intrometer nele e usá-lo como canal de comunicação. Durante três horas George manteve-o afastado, pois o intruso não conseguiu vencer a sua força de oposição. O auge crucial da luta passou. George levantou-se da cama e sentou-se numa cadeira. Viu o Dr. Lang noutra cadeira, e soube que a proteção estava ali. Gradualmente a paz e a calma instalaram-se no quarto, mas o principal intruso permanecia na distância, por isso George ficou acordado. Se dormiu, não se apercebeu.

Na manhã seguinte mencionou casualmente ter visto alguém no quarto, e descreveu-o. A anfitriã não teve dúvidas: era o marido dela, que tinha morrido. O quarto e a cama conjugal tinham sido deles durante muitos anos.

George era o intruso.

Acompanhei-o noutras excursões, incluindo seis demonstrações públicas que organizei em diferentes cidades a pedido do Dr. Lang, e cada uma foi um trabalho duro e cansativo para ambos. Tenho admiração e simpatia pelos médiuns que viajam continuamente de cidade em cidade para demonstrações públicas.

CAPÍTULO 12

QUANDO O DR. LANG MORREU,

E LONE STAR FALA

Quando morreres, serás capaz de escrever a um amigo para lhe dizer o que te aconteceu? Gostarias de o fazer? Inconcebível para mim em tempos, mas já foi feito por escrita automática e por voz. William Lang falou pessoalmente da sua morte à minha mulher e a mim. Como em ocasiões anteriores, exprimiu o desejo de nos falar em nossa casa, por isso combinámos com George.

Sentámo-nos na sala, George numa poltrona. Após alguns minutos de conversa os olhos dele vidraram e saiu da conversa, que cessou, sentou-se direito, inclinou-se ligeiramente para a frente três vezes e depois tombou um pouco na cadeira, em transe. William Lang falou, primeiro sobre o seu filho Basil, cuja morte precoce de pneumonia veio demasiado cedo, e também sobre a sua filha Lyndon, a quem estava muito grato por se ter dedicado durante muitos anos a cuidar dele, pois viveu até idade muito avançada e tornou-se frágil antes de partir.

O doutor continuou:

“Estou feliz por me ser permitido entrar na vossa casa para vos falar e desejo falar do meu mundo. Quando passei para este mundo, o meu trabalho como cirurgião ajudou-me a ter uma vaga ideia de que as pessoas continuavam a viver, embora não tivesse qualquer antecipação de como, aliado à minha firme crença em Deus. Sabia que estava a procurar, a estender-me, mas não sabia em direção a quê. Então adormeci, penso que durante muito tempo, e enquanto dormia vi a minha esposa Susan, o meu pai, a minha mãe e a minha irmã. Eles ficaram muito contentes por me ver e eu a eles. Perguntei: ‘Onde estou? Estou a sonhar?’ e Susan disse: ‘Vem comigo’.

Não me apercebi de ir com ela, mas de seguida vi uns grandes portões a alguma distância, como portões de ferro de uma mansão, com intrincados desenhos em espiral. Não me lembro de ver pilares a sustentá-los. Caminhei na direção deles mas não sabia o que havia debaixo dos meus pés; só via os portões e, ao aproximar-me, como vindas do nada, surgiram muitas pessoas alegres e acolhedoras que não identifiquei, mas que me deixaram muito contente e tranquilizado, pois sentia que emanavam um forte jorro de amor em redor.

“Então senti uma libertação. Fiquei completamente livre de preocupações e do peso de um corpo físico gasto. O que vim a saber ser o meu corpo

etérico, a fonte de energia na Terra, deixou-me, pois já não precisava dele — vi o meu corpo físico apenas como um invólucro vazio que desapareceu. Foi o verdadeiro 'eu' que passou por aqueles portões. Para si, minha querida senhora, tantas vezes falei do grande amor que vejo em si; se conseguir sentir um amor que nunca poderia ser expresso em palavras, amor espiritual, não apenas por uma pessoa mas por todas as que vê, é assim que me senti ao atravessar aqueles portões, pois podia agora ver pessoas que operei para seu alívio ou cura; elas tinham partido, talvez por doença, ou ocorreu-me, talvez por erros meus. Fui capaz de evocar cada uma e elas mostraram o seu amor.

"Para além dos portões entrei num caminho e estava agora sozinho, todas aquelas pessoas tinham desaparecido da vista e já não sentia a sua presença. Pensei: 'Devo estar a sonhar; vou acordar em breve'. Mas não; caminhei pelo caminho e havia muitos outros a desviar-se para ambos os lados. Qual deveria tomar? Parei para pensar e decidir; enquanto ali estava, veio-me a consciência de que tinha realmente morrido. Estava morto, devia estar, mas estaria eu a experimentar a morte? Pois surpreendia-me que nada de estranho me tivesse acontecido. Certamente não deveria avançar até que Deus viesse de além e se pusesse diante de mim como uma presença temível que eu não pudesse enfrentar, sabendo todas as coisas, para me dizer que não iria para o céu ou, como acreditava ser o meu destino, para um inferno de sofrimento e penitência.

"Nenhum Deus apareceu enquanto esperava e esperava, olhando em apreensão, vendo apenas nevoeiro. Ainda assim nenhum Deus, e pensei: não há de ser assim, pelo menos por agora, por isso devo prosseguir. Imediatamente a minha mente ganhou vida e ficou mais desperta — parecia já não estar morto, mas ter uma nova energia, e houve um clarão de luz no nevoeiro. Uma senhora sorridente veio na minha direção, bastante perto, e agarrou-me no braço para me conduzir por um dos caminhos que escolheu.

Avancei devagar mas facilmente, perguntando-me o que viria a seguir. Chegámos a um grande salão. Não me apercebera de me aproximar de um edifício, apenas de entrar no salão onde a senhora me deixou. Vi médicos e enfermeiros ali, pessoas da minha própria profissão, que me saudaram ao aproximar-se e disseram-me que tinha acabado de entrar no mundo espiritual, mas como não compreendia o meu novo ambiente, as atividades e a minha própria situação, estava por agora num plano baixo. Disseram que era livre de perguntar, por isso circulei e falei com alguns, fazendo perguntas; disseram-me para não ter medo — mas, sabem, quando se morre e se passa para lá, sem algum conhecimento prévio, pode-se ter muito medo, e eu tinha medo, medo de Deus, pois estava consciente dos erros que cometera.

“Depois fui levado por essas pessoas da minha profissão e colocado numa estrada, uma longa estrada que percorri sozinho, mais uma vez a perguntar-me o que me aconteceria e para onde ia. Já podia ver o ambiente à minha volta, um campo; havia trabalhadores nos campos, árvores de muitos tipos. Estava no meio da beleza. Flores abundavam, criações como nada que haja na Terra. Estava mais tranquilo ao caminhar. Então ouvi nitidamente uma voz calma mas clara dizer: ‘É um bom espírito o que está em ti, a guiar-te e a manter-te no caminho direito’.

Caminhei durante muito tempo, refletindo no que me acontecera, tentando apreender o significado. Depois irrompeu em mim um amor profundo que nunca antes sentira. Com ele veio uma compreensão das coisas espirituais que dissipou problemas da minha mente. As nuvens afastaram-se de mim e senti-me no limiar da descoberta de alguma verdade espiritual. Em primeiro lugar, soube que estava vivo.

Depois fui detido porque, mais do que nunca, caiu sobre mim uma profunda consciência de omissões, negligências, rejeições e outros erros em vida pelos quais era agora responsável. Nenhum Deus veio diante de mim a julgar. Estava sozinho e tinha todas as provas, que atravessavam a minha alma e faziam-me julgar-me a mim mesmo, com verdade até ao último detalhe. Nada senão a verdade revelada; a minha alma foi varrida.

“Passou a ser meu desejo cumprir a vida pelo serviço ao próximo. O desejo era avassalador — então os céus pareceram abrir-se e foi-me permitido entrar num mundo de beleza. Uma voz clara disse-me que, com o amor que encontrara e o meu conhecimento, poderia ajudar muitas pessoas em espírito que traziam consigo as condições de doenças terrenas. Assim pus-me a trabalhar, restaurando a saúde dos seus corpos espirituais. Enquanto trabalhava percebi que desejava ajudar os doentes na Terra e que, para o fazer, precisaria de regressar através de um médium adequado e disposto. Como sabeis, foi isso que fiz.

“Deixem-me dizer um pouco sobre o mundo espiritual para onde passareis. Não temos rádio, jornais, telefones — todos aqui são ensinados a usar a mente e os pensamentos para comunicar com os outros. Também as pessoas são treinadas a usar a mente de forma a que informações possam ser transmitidas àqueles na Terra que têm o dom de receber. Também eles são preparados deste lado para desenvolver esse dom, se assim o desejarem.

“Quando deixarem a Terra e passarem ao espírito não encontrarão nada de estranho; não há nada de estranho no mundo espiritual. O vosso tempo aqui está destinado a terminar, e estais tão ligados um ao outro que o intervalo entre a passagem de vós e da vossa esposa será muito curto.

Aqueles que vos amam serão atraídos e viverão em grande felicidade; tereis uma grande compreensão das coisas.

“Enquanto na Terra, adquiri conhecimento, pois será muito importante quando regressardes ao vosso lar espiritual. Mas agora deixai-me afastar um pouco e permitir que o guia deste instrumento vos fale com uma voz que tanto aprecio, mas pedirei que a mantenha o mais suave possível antes de partir. Nesta sala estão muitas entidades espirituais maravilhosas que demonstram grande amor; poderão tentar transfigurar o rosto deste meu instrumento, mas agora Lone Star...”

George Chapman levantou-se lentamente e, dando alguns passos, parou em frente à lareira, voltado para a parede lateral, pés afastados, braços erguidos ao lado do corpo. Levantou os braços devagar, lateralmente, até ficarem estendidos acima da cabeça. Ao fazer estes movimentos, o que testemunhámos era impossível — o seu corpo físico aumentou de tamanho. Cresceu em altura cerca de quarenta e cinco centímetros. Os braços alongaram-se e o peito expandiu-se para quase o dobro do tamanho normal.

Se foi uma impressão mental colocada nas nossas mentes não sei, mas o acontecimento foi suficientemente real para nós, e era plena luz do dia, numa tarde. Lentamente erguendo o rosto para o teto, saiu de George uma voz de tal profundidade e volume barítono como nunca ouvira nada que se aproximasse. A esta altura a minha esposa estava verdadeiramente assustada e a sua primeira reação foi perguntar-se o que a nossa vizinha do lado pensaria daquela voz, esperando ao mesmo tempo que não estivesse em casa. Depois levantou-se de um salto da poltrona e saiu a correr da sala, dizendo: “Vou fazer uma chávena de chá”.

Esta voz extraordinária disse:

“Eu, Lone Star, guia deste instrumento, saúdo-vos do meu mundo do espírito. Tal como vos foi dito por Lang, que controla este instrumento, não há medo. O vosso Deus é um Deus poderoso e, usando esta mesma sala convosco, dá-vos a Sua proteção. Não temais em momento algum. Deus é todo-poderoso. Deus, o Grande Espírito Branco, derramando amor pelos Seus filhos, não deseja que nenhuma criança na Terra sofra dor. (A minha esposa tinha regressado discretamente depois de pôr a chaleira ao lume).

Para si, Mrs. Cross, minha senhora, que irradia condições maravilhosas do seu corpo físico e da sua alma espiritual, se se sentasse num Círculo com pessoas do seu género, desenvolveria em breve o dom da clariaudiência. Para si, Mr. Cross, do seu corpo irradia poder magnético e quando certas pessoas com quem se encontra falam consigo durante algum tempo, esse

poder é extraído de si e o seu estado de saúde enfraquece. É através disso que a doença se instala nos músculos da língua e causa inchaço e outras condições. Isto é provocado através do espírito.

“Tem uma mente que o ajuda a pensar e falar com sensatez. Continue a aprender através da literatura, como Lang lhe disse, e nunca ficará só em relação ao espírito.

“O homem destrói os animais que nós amamos. Neste mundo os animais vagueiam com o homem mas não o destroem como podeis pensar. O homem come a carne como alimento e absorve as vibrações do medo, causando doença. Amor e compreensão são necessários se o homem quiser libertar-se de alimentos que lhe fazem mal, e então aproximar-se-ia de novo do seu Deus. Agradeço-vos.”

George baixou lentamente os braços para o lado e ao mesmo tempo retomou a sua estatura normal, caminhou de volta até à cadeira e sentou-se. Lone Star tinha partido; William Lang voltou, dizendo:

“Agora que regressei a esta sala vejo belos raios que iluminam o meu mundo. Lone Star é o pai espiritual de George. Tem muitas atividades espirituais; possui mais conhecimento e é um curador maior do que eu.

“Vocês dois podem seguir de mãos dadas, procurando mais, sabendo que o que fazem é certo. Deus caminha ao vosso lado todos os dias e chegará o momento em que os vossos espíritos provarão a sobrevivência. Queremos que as pessoas na Terra falem muito mais connosco, espíritos; não nos temerão como algo maligno, como muitos dos meus amigos nas igrejas fazem hoje. Então a religião ocupará o seu lugar devido nos corações das pessoas e seguirão uma religião de bondade, amor e compaixão para com os seus semelhantes.

O Arcebispo Lang, que investigou o Espiritualismo há muitos anos, se pudesse viver de novo na Terra, falaria a verdade do que encontrou.* Lamentamos que o vosso povo não saia a falar abertamente da verdade. Como já disse, os fiéis podem ser profundamente sinceros no que dizem, no que acreditam ser certo, mas em muitas dessas crenças não há verdade. Não há garantia de verdade em lado algum. Olhai sempre para dentro dos vossos corações e para a história dos diferentes povos. Deus é amor.

“Vejo diante de vós dois uma pequena assembleia de homens reunidos como numa igreja. Vós entrais. Ouço música maravilhosa que nunca ouviríeis na Terra. Tem amor, sentimento e beleza dentro dela e, enquanto falo, uma senhora muito bela, Mrs. Cross, estende as mãos e toma as vossas nas dela. O poder do amor flui desta filha para vós. Na Terra, foi uma Irmã que nunca casou, que seguiu o seu caminho ajudando outros,

como fazem todos os homens e mulheres da medicina. Deu a vida pelos outros; agora a vida emana tão forte dela. Tinha conhecimento do mundo espiritual e, se tomardes profundo interesse por este mundo, esta senhora será uma guia para vós, guardiã, que vos falará, inspirará e impressionará. O seu nome era Joan. Surge também uma Irmã da Misericórdia, com uma cruz sobre si — ela ajudar-vos-á a compreender o verdadeiro sentido de Deus.

“Mr. Cross, pode parecer-lhe estranho que um homem de mente poderosa, cheio de conhecimento, se dará a conhecer a si à medida que avançar neste trabalho. É um mestre que acrescentará à sua mente muitas coisas maravilhosas, que virão a ser postas em papel.
Agradeço-vos a ambos.”

George saiu do transe e tomámos aquela chávena de chá.

* Refere-se ao relatório de uma Comissão nomeada pelos Arcebispos Lang de Cantuária (sem relação com o Dr. Lang) e Temple de York em 1937 para investigar o Espiritualismo. O relatório da maioria foi favorável. Foi suprimido pela Câmara dos Bispos. Disponível em *The Psychic Press Ltd., 23 Gt. Queen St. London.*

A condição da língua a que Lone Star se referiu foi um assunto estranho e desagradável. Não sou uma pessoa politicamente ativa, mas ocupei um cargo de secretário voluntário num sindicato, o que implicava visitas ocasionais a várias partes do país para reuniões, nas quais era hóspede de dirigentes sindicais locais. Estes ficavam contentes por ter alguém novo com quem falar dos seus problemas e pouco falavam de outra coisa. Foi no final de uma dessas viagens que a minha boca ficou dorida e, no dia seguinte à chegada a casa, surgiu um problema sério.

A minha língua inchara e supurava de tal forma que enchia a boca e cobria os dentes. Não consegui comer nem beber durante quatro dias nem falar durante dois deles. Garganta, fossas nasais e olhos ficaram afetados. O meu médico receitou comprimidos de penicilina que eu introduzia com dificuldade na boca. À primeira oportunidade consultei o Dr. Lang, que me tratou. Explicou que eu me tornara muito mais sensível psiquicamente. Algumas das pessoas que tinham falado comigo tinham-me drenado e enfraquecido o meu estado de saúde, permitindo a instalação de doença nos músculos da língua. Ao fim de cinco dias estava de novo normal.

Alguns meses depois fiz outra viagem de três dias e o desconforto voltou ao final do segundo dia, quando através de um médico local obtive mais comprimidos de penicilina que ajudaram. Ao regressar, visitei o Dr. Lang e a condição desapareceu. Depois houve uma terceira vez em que tive de

regressar a casa antes do fim de uma conferência de três dias. No dia seguinte consegui ir trabalhar e procurei o Sr. Chapman. Ele disse que me procurava porque, numa reunião da noite anterior, convocada pelo Dr. Lang para pessoas por ele escolhidas, para ilustrar um ponto dissera que havia um homem ausente naquele momento que estava a desenvolver a sua sensibilidade psíquica e por isso era suscetível aos outros, e devido a algumas pessoas com quem se encontrava, estava a ser drenado e contraíra uma doença da boca.

George soube disto após a reunião. Na mesma noite o Dr. Lang tratou-me o rosto e o pescoço durante cerca de trinta minutos, muito mais tempo do que alguma vez vi em qualquer caso. Depois disse que a cor estava a mudar como desejava e que por então nada mais podia fazer. O problema desapareceu ao fim de dois dias; deixei de ir às reuniões e não voltou.

Mais tarde o Dr. Lang abordou o tema da ingestão de carne animal. Disse: “Do mundo espiritual vemos muito sofrimento na Terra e vemos o abate dos animais. Deus não deseja que ninguém mate. Vemos também curadores que dizem que tumores cancerígenos podem ser causados pela infelicidade. Sim, mas de onde vem essa infelicidade? Não queremos dizer que um homem com cancro não possa ser feliz, pois vemos muitas vezes duas pessoas felizes juntas, uma das quais tem cancro.

A infelicidade de que falo é a que é absorvida no corpo através da ingestão do animal morto para alimento. Vi muitas pessoas a morrer, algumas jovens, que não queriam morrer, e o seu medo da morte e do desconhecido drástico que poderia seguir-se permeia o corpo físico e gera más condições. Se um condenado sabe que vai ser executado tem grande medo dentro de si; digo-vos que é errado que seja morto. Mas olhai para os animais: milhares são abatidos e que medo entra na carne?

A carcaça parece limpa — não vedes tumores ou doença — é examinada por peritos, que podem retirar partes. Não falo dessas coisas mas sim do medo no animal quando é morto, pois sente medo, independentemente do método usado. Isto tem um mau efeito na carne e o homem que a come leva para o seu corpo físico as condições e vibrações impressas no animal, originando muitas doenças. É imprudente. Além disso, nos processos evolutivos de homens e animais houve e há muitas ligações. O homem ainda tem conexões com animais com coluna vertebral e é sensato que não os coma.

“Não acredito que o homem deva afastar todos os prazeres e apenas pregar. Acredito que o homem deve desfrutar da vida social e de passeios, bem como de vinho se assim desejar, mas não deve destruir.”

Desde o dia da visita de Lone Star nunca mais comi carne vermelha.

CAPÍTULO 13

O DR. LANG DISCORRE SOBRE MEDIUNIDADE

O Dr. Lang falava frequentemente sobre mediunidade nas reuniões que a minha esposa e eu tínhamos com ele, e aqui reuni algumas das suas observações.

“A ambição na vida é necessária para estimular o esforço e a determinação em alcançar objetivos que ajudem o progresso de uma pessoa nas condições da vida terrena. Trabalhar para adquirir experiência, conhecimento, qualificações numa ocupação que conduza a prestar um serviço digno à própria família, ou mesmo à humanidade de forma indireta, é louvável. A disciplina e a abnegação envolvidas têm um impacto espiritual, dependendo da sinceridade com que a ambição é perseguida e dos resultados obtidos. Isto é bom.

Se o homem na Terra não consegue usar bem o seu próprio cérebro e mente, também os espíritos não conseguem. Qualquer pessoa sem ambição, contente por se sentar de braços cruzados, nada alcançando, sem interesse na vida nem nas oportunidades que surgem, quando chega ao espírito e olha para trás diz: ‘Meu Deus, se ao menos tivesse sido mais ambicioso em cumprir a minha vida e torná-la valiosa’.

“Quando estive na Terra, embora fosse ambicioso na minha carreira, de modo algum fui homem de negócios. Falava muito pouco, como os meus mais próximos podem confirmar, e isto incomodava a minha esposa. Era religioso, sem qualquer contacto com o Espiritualismo, e frequentava ocasionalmente a Igreja do Estado, mas não estava preso a atitudes ortodoxas. A minha vida era trabalhar e depois recolher-me ao meu gabinete para ler os meus livros ou ouvir a música que adorava. Garanti que a minha família ficasse provida — ainda hoje há quem na Terra beneficie de disposições que deixei.

Os meus entes queridos comigo no espírito não desejam que eu seja diferente — tornamo-nos espiritualmente esclarecidos, mas não seres espirituais maravilhosos. Deve compreender-se que os grandes seres espirituais que existem deste lado fazem muito pouco do trabalho com médiuns na Terra. A responsabilidade recai sobre aqueles de nós que aprenderam o suficiente para poder satisfazer os requisitos e que têm dedicação em prestar serviço à humanidade. Os espíritos mais avançados ficam em pano de fundo, exercendo supervisão.

“Não possuo corpo físico, mas tenho o equivalente de circulação sanguínea, um coração que bate, e uma alma. Continuo a amar o meu trabalho e amo os meus pacientes na Terra. Mas tenho ainda maior amor por George, o meu instrumento; foi meu irmão numa vida passada. Nesses tempos discutíamos muito e não nos entendíamos. George tem liberdade para discordar de mim agora, e por vezes discorda. Ri-me bastante quando ele uma vez me disse: ‘Vai para o diabo’. Não fui porque não gosto do cavalheiro.

Se George examinasse a sua árvore genealógica veria que não se livra de mim assim tão facilmente. Ele é parte da minha alma, e esta é a base da nossa parceria atual. Tal como providenciei pela minha família, é meu dever assegurar que George seja bem cuidado, e não o falharei.
“Se George tivesse de me dizer: ‘Dr. Lang, não quero mais que me controles’, eu aceitaria a sua palavra e deixá-lo-ia, mas ele ficaria como um vaso vazio lançado num mar agitado, e partiria para o espírito bastante rapidamente.

“Podem discordar de algumas das minhas opiniões sobre certos assuntos, mas isso significa pouco. Tudo o que respeita ao nosso serviço de cura faz parte de um plano elaborado aqui, no qual tenho o meu lugar. Dentro desse plano não fazemos nada que vá trazer dano a alguém na Terra. Se por vezes na equipa de cura parecemos severos, e o nosso médium é visto por alguns com alguma dúvida, pergunto: que podemos fazer com pessoas que atraem sobre si próprias o sofrimento e continuam a fazê-lo?

“A mediunidade é um potencial na natureza da pessoa, infelizmente geralmente afundado pelas exigências ou indulgências da vida terrena, que deixam pouco ou nenhum tempo ou interesse para investigar a própria natureza, origem e destino.”

O Dr. Lang enfatizava sempre a sacralidade do serviço de cura exercido a partir do espírito, e a grande responsabilidade que recaía sobre aqueles na Terra que tinham a capacidade de cooperar eficazmente como canais e tinham consciência disso, mas também falava sobre alguns perigos e erros comuns.

“O clarividente que ousadamente diz a alguém: ‘Tens poder de cura’, porque vê uma cor azul característica na sua aura em redor da cabeça e ombros, pode causar mal-entendidos. A evidência de aptidão pode não ir além de refletir uma espécie de natureza simpática para com as pessoas em geral e especialmente para com aqueles com grandes dificuldades, que não sejam doença. Esta aura azul nem sempre indica mediunidade para condições físicas, embora seja um atributo importante e digno.”

Prosseguiu:

“Há pessoas saudáveis que possuem superabundância de energia — uma qualidade física, não psíquica ou espiritual. Se alguém assim pousar as mãos sobre uma pessoa doente, deprimida ou esgotada, pode haver uma transferência dessa energia que dá ao sofredor um impulso e o faz sentir-se melhor, mas raramente se obtém uma cura.

Quem, apesar da sinceridade, não tiver esta abundância inata não deve praticar o método da imposição das mãos para curar. Se o fizer, pode estar numa fase de energia mais baixa do que o paciente, e nesse caso o suposto curador retirará energia do paciente, e este ficará ainda mais enfraquecido. Há sempre uma transferência inevitável do mais forte para o mais fraco.

Se o aspirante a curador estiver muito pouco adequado, mesmo temporariamente, e o paciente estiver num estado muito negativo, o curador pode ele próprio adoecer (ou piorar do que já estava), e o sofredor ficará ainda mais reduzido. Quando há antipatia entre ambos, em qualquer direção, não há rapport e nenhum pode beneficiar em caso algum; isto reflete-se na cor de ambas as auras — ficam vermelhas.”

Especialmente desde que George Chapman e William Lang se tornaram conhecidos internacionalmente pelo seu trabalho e pelo tratamento de pacientes no estrangeiro, não só pessoas na Terra alegaram falsamente associação, como também parece que espíritos indignos tentaram reclamar ou assumir ligações. George foi atormentado, e o Dr. Lang também suponho, por declarações de que o médico falara através de outro médium, curara por intermédio de outro médium, fora auxiliar num Círculo Doméstico, e assim por diante, ocasional ou regularmente.

A maioria dessas declarações foi ignorada, mas é preciso atenção quando médiuns aclamados e conhecidos do público anunciam que William Lang cura através deles, ou trabalha por meio de um assistente que procurou uma entrevista. George escreveu várias cartas de correção adequadas e diplomáticas, e o *Psychic News* ajudou por vezes com declarações gerais.

As consequências podem ser graves porque não só as pessoas são enganadas, como também doentes podem acreditar que William Lang lhes dá tratamento com o padrão que alcançou e foi reconhecido internacionalmente por médicos, quando tal não é o caso. Quem personifica o Sr. Lang, que competência de cura possui, e com que razão ou propósito comete a fraude?

Mais recentemente, um homem escreveu de um país do norte, dizendo ser dirigente de uma grande Associação Espiritualista e médium de cura, sendo

o seu mentor o mesmo William Lang que trabalhava através de George Chapman. Além disso, escreveu que o Dr. Lang lhe tinha falado através de médiuns em reuniões e feito escrita automática pela sua mão. Acrescentou que isto lhe fora confirmado por médiuns de renome, como (um médium muito conhecido em Inglaterra) e --- (um médium americano). Deu os nomes. Segundo este último, William Lang teria dito: “Espero que o meu George não pense que o estou a deixar, mas estou a trabalhar em tantos lugares e através de tantos médiuns. Para George pensar que só curo através dele é como dizer: ‘Esta é a minha esquina’ numa rua muito movimentada.”

George mostrou-me a carta e pediu-me que a lesse ao Dr. Lang antes de começar a sessão de cura naquele dia, e que registasse em estenografia quaisquer comentários que fizesse. Depois George ficou surpreendido, e contente, com a declaração abrangente do doutor, que lhe permitiria responder a esta e a quaisquer outras alegações semelhantes. O Dr. Lang pediu-me que respondesse ao homem enviando a sua declaração, e que enviasse uma cópia ao *Psychic News*, que a publicou — embora um ou dois comentários irónicos do doutor eu não tivesse incluído.

O que ele tinha a dizer é importante também porque deu uma visão do serviço de cura psíquica que conduz, valiosa para médiuns estabelecidos e iniciantes, bem como para quem com eles contacta. Aqui ficam alguns excertos.

Primeiro explicou que foram precisos vários anos para a coordenação entre George e ele se tornar uma parceria eficaz ao mais alto nível possível. O trabalho envolvia em média entre 30 e 40 pacientes por dia, além de milhares de pacientes em cura à distância. Continuou:

“Estamos ambos ocupados 7 dias por semana. Além disso, tenho o trabalho de um grande hospital deste lado, e não conseguiria lidar com todo o trabalho sem a ajuda constante da minha equipa de médicos, cirurgiões e outros aqui. Não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo. Simplesmente não é possível para mim empreender trabalho por outros canais, mesmo que tivesse essa inclinação, o que não tenho.
“Existe também um limite espiritual para o que pode ser realizado, ao contrário do que alguns possam dizer; o espírito cansa-se pelo esforço e energias despendidas, e é necessário tempo para relaxamento e recuperação.

“Os meus pacientes são a minha preocupação... Não me associo a quaisquer médiuns que não sejam George Chapman, e nunca tive qualquer desejo de o fazer. Muitos médiuns induziram pessoas em erro com declarações de que estou presente e comunico de várias formas, de que

sou o curador que trabalha com alguém que não George Chapman, e assim por diante. Todas essas afirmações são falsas. Não digo que haja engano intencional, mas pergunto-me como podem médiuns fazer tais afirmações e com que fundamento.

“A personificação pode ocorrer sem o meu conhecimento, e possivelmente óculos pequenos e uma barba grisalha são apresentados de forma enganosa, por isso não digo que os médiuns estejam conscientemente em erro, mas erro é. Atividades para além da minha cura e cirurgia, e da convivência que aqui tenho, não me interessam, e eu não tentaria, por exemplo, a escrita automática através de outro médium. A escrita automática, tal como a tábua ouija, é muito suscetível de personificação a menos que seja da mais alta qualidade comprovada.”

“Há outras razões convincentes para eu trabalhar com George Chapman e com mais ninguém. Existe um ciclo cármico que envolve a mim, o meu filho cirurgião Basil, que trabalha comigo aqui, George Chapman e o seu filho curador Michael. Todos nós estivemos associados em vidas anteriores e isso continuará a ser assim deste lado e na reencarnação na Terra... Quando George passar para este mundo, então, passado algum tempo, eu reencarnarei na Terra, seguido mais tarde por Basil e Michael, e assim o ciclo cármico continuará o seu caminho.

“... O homem que trouxe à luz estas alegações, não o conheço de forma alguma e nunca tive qualquer associação com ele; não o culpo pelas afirmações, mas interrogo-me que provas lhe foram dadas ou que obteve. Se alguém for informado por um médium de que eu, William Lang, estou com ele, deve responder perguntando se eu tinha irmãos ou irmãs (tive uma irmã) e quais os nomes de alguns deles senão todos, e ainda com quem a irmã se casou. Qual era o nome da minha mãe, a data da sua morte, e assim por diante. Tais detalhes, se verificáveis e corretos, constituiriam boas provas. Os médiuns devem ser capazes de fornecer pormenores para que isto se possa confirmar.”

O Dr. Lang terminou deixando um convite ao autor, nestas palavras:

“Se voltar a Inglaterra, por favor avise o George com bastante antecedência e, se desejar ter uma consulta comigo, ficarei contente por o receber. Desejo-lhe bem e sucesso no seu trabalho psíquico, e considero-o afortunado por o nosso amigo ter podido tomar estas notas para sua ajuda.”

George enviou a declaração, sem qualquer comentário próprio, e recebeu uma resposta em termos bastante antagónicos e de descrença de que o Dr. Lang tivesse feito a declaração. Como George disse: “Que mais se pode fazer?”

Posso acrescentar que o Dr. Lang expressava frequentemente a sua firme opinião de que os comunicadores, através dos vários meios disponíveis, deviam dar provas substanciais da sua identidade, e não concordava com aqueles que adotavam pseudónimos. Considerava que, se estavam dispostos a assumir o trabalho, deviam estar preparados para dizer quem eram e prová-lo.

Isto mostra, se nada mais, que as pessoas no espírito têm opiniões pessoais, pois muitos comunicadores respeitáveis, que são guias de médiuns, usam pseudónimos e dizem fazê-lo porque quem são não é importante, apenas a mensagem que transmitem.

William Lang falou-me sobre a posição das crianças. Disse:

“Uma criança nasce sem pecado mas fica sujeita a influências desde esse momento. Se um pai tiver pensamentos maus, estes podem, sem intenção, ser facilmente implantados na mente da criança, e o anjo da guarda, se quiser usar essa expressão, é empurrado para o fundo. As influências do mundo espiritual sobre a criança, boas e más, travam uma batalha, e muito depende da absorção pela criança do ambiente criado pelos pais. Assim, a criança atrai boas ou más influências. Muitos jovens que estão em instituições de detenção são o produto disto.

“Alguns terão tendências psíquicas, até mediunidade, e à medida que envelhecem podem sentir-se atraídos e interessados em assuntos ligados ao Espiritualismo. O mal pode já exercer algum domínio na sua vida, ou pode haver um estado de indecisão, mas em qualquer caso há novamente uma luta entre as influências do bem e do mal.

Se o mal tiver ascendência (ainda assim haverá bem neles) e se desenvolverem psiquicamente, não alcançarão mais do que um tipo inferior de clarividência, ou seja, quaisquer impressões que recebam do espírito serão de espíritos espiritualmente pouco desenvolvidos, aqueles no limiar, talvez brincalhões, talvez maliciosos ou vingativos, ou poderá haver fenómenos físicos de baixo nível.

Nunca estarão envolvidos em cura espiritual, nem serão oradores inspiracionais. Quando pessoas adequadas na Terra tiverem sido bem desenvolvidas em linhas corretas, como será explicado no teu livro, então forma-se uma cadeia de influência e apoio do espírito e nenhuma dessas influências malignas lhes chegará em momento algum.

“Algumas pessoas, mas poucas, são escolhidas pelo Criador para cumprir a missão de Cristo, Deus se quiser, mas ninguém está livre de conflito espiritual na sua vida terrena.

“As pessoas no vosso mundo, especialmente os potenciais médiuns, devem compreender a importância do autocontrolo. Não apenas de temperamento, como geralmente se entende, mas do funcionamento da mente, dos pensamentos em que se ocupa.

Se não forem capazes de se controlar desta forma, se não compreenderem a necessidade constante de dirigir as energias mentais para apreender o puro e o verdadeiro na vida que Jesus ensinou, então não devem entrar neste assunto em profundidade e certamente não na mediunidade. Tornar-se-iam influenciados por forças do meu mundo que não são boas. Podem, sem problema, conversar com espíritos através de um médium como outros fazem, podem receber cura, mas nunca devem sentar-se para desenvolvimento nem integrar um Círculo Doméstico de desenvolvimento.

Há pessoas tolas — por falta de compreensão — que entram neste trabalho, e se alguém pensa e age tolamente ou faz perguntas tolas, então haverá reações e respostas tolas, até perigosas, do espírito. É fácil abrir a porta psíquica pessoal e deixar entrar as influências de muitos. Espíritos fiáveis não se divertem; compreendem o verdadeiro participante do Círculo e a substância da sua vida desde os primeiros dias.”

CAPÍTULO 14

COMO A MEDIUNIDADE

DE GEORGE CHAPMAN SE DESENVOLVEU

Nunca foi fácil envolver George em conversa sobre a sua mediunidade; prefere passar todo o crédito ao cirurgião e falar apenas superficialmente do seu papel. Não incentiva entrevistas de escritores, etc. Quando surge publicidade, pergunta-se quantas mais cartas chegarão em catadupa e quantas horas depois da meia-noite passará a responder-lhes. Não é uma perspetiva que o agrade.

A sua mediunidade é muito pessoal e privada, baseada na sua convicção mais íntima de que está, juntamente com William Lang e a equipa de cura, ao serviço da humanidade, com a aprovação de uma hierarquia espiritual suprema. Ele não poderia, talvez não teria, continuado a trabalhar assim sem essa certeza.

Faça-se a si próprio esta pergunta: aceitaria que um quinto da sua vida, durante mais de trinta e cinco anos, fosse completamente perdido para a sua consciência, sem saber nada disso? Entre seis e sete anos sacrificados. Considere a hora do dia — durante anos era à tarde e à noite, separadamente, depois mudou para o fim da manhã até à hora do chá. Foi

necessária uma resolução muito forte para se demitir de um emprego seguro e com direito a pensão para se dedicar a tempo inteiro à cura, tendo a responsabilidade da esposa e de dois filhos pequenos. Passou por um período traumático de decisão durante vários meses.

Sofreu pressão do Chefe dos Bombeiros, que o mandou chamar e disse: “Está interessado no Serviço e espera ser promovido; se trabalhar tão empenhadamente nas suas funções como faz no Espiritualismo não terá problemas, por isso trate de fazer aqui o que lhe compete.” George certamente não negligenciava em nada os seus deveres, eu sei. O Subchefe também lhe falou — disse: “Acho que devia deixar este tipo de coisa de lado.”

Como chegou George a esta situação? Como é que a sua vida, iniciada no norte de Inglaterra, se entrelaçou com a de um cirurgião que viveu em Exeter e depois em Londres, estudou na Suíça e morreu em 1937? George nunca tinha ouvido falar de William Lang, e este nada sabia de George (como George Chapman) até depois de 1937, e depois de ele ter aprendido a aplicar a cura psíquica, pois foi então que lhe disseram (segundo afirma) que George seria o seu médium e a sua relação especial foi revelada.

A história compulsiva de George remonta à infância. Bernard Hutton escreveu em *Healing Hands* como, aos oito anos, já tinha fama de cuidar de gatos e cães vadios ou feridos num velho barracão de jardim, e os donos traziam-lhe os animais doentes. Contudo, não pense que era um dócil fazedor de boas obras. Bem longe disso. A sua educação foi dura. A mãe, a quem estava muito ligado, morreu aos trinta anos — Elizabeth Barlow era espiritualista e membro fundadora de uma igreja da União Nacional Espiritualista em Bootle.

Isso nada significava para George na altura, não foi levado a reuniões, mas teve, sem saber, o primeiro contacto com a cura. Era uma criança frágil e tinha fraqueza numa perna, para a qual usava botas feitas de propósito. Após a morte da mãe, quando George tinha três anos, a sua vida tornou-se muito difícil, mas não deseja que eu inclua quaisquer pormenores. George tinha cerca de cinco anos quando o seu tio George, apenas dezanove anos mais velho do que ele, se tornou seu tutor e, com ideias firmes sobre os benefícios da forma física e da força, tirou-lhe as botas e obrigava o pupilo a saltar todos os dias à corda. Além disso, massajava-lhe pacientemente as pernas e, gradualmente, a deformidade desapareceu por completo, sem deixar sequelas.

As suas inclinações voltaram a mostrar-se quando foi pugilista amador e depois (aos dezassete anos) profissional. Sentia-se impelido a oferecer massagens a colegas de desporto com músculos doridos ou lesionados. Os

seus cuidados davam o alívio e ajuda necessários e estava sempre solicitado. Também nas Forças Armadas transformou um celeiro velho em ginásio e, além de instrutor, era o primeiro a ser chamado para massagens.

Pensava muito nos homens que ajudava a treinar para a guerra, sabendo que muitos iriam sofrer e morrer, assim como os milhares igualmente treinados em todas as forças armadas envolvidas. Seriam recompensados pelo sacrifício, como pregavam os capelães de todas as denominações em todos os países? Esses capelães distribuíam as bênçãos de Deus muito livremente, mas como e quando é que elas chegavam? Mas foi a morte do seu filho de um mês, no fim da guerra, que o levou a procurar diligentemente uma resposta para a velha pergunta: “Há vida depois da morte?”

George e o seu amigo bombeiro Jock convidaram um padre católico romano, ministros de igrejas protestantes e alguns pregadores leigos, um de cada vez, para a esquadra de bombeiros durante o turno de prevenção da noite, para falar sobre religião. A resposta foi boa. O padrão de cada visita era o mesmo — queriam discursar e discutir sobre a Bíblia. George disse: “Tinham estudado a Bíblia como eu fora obrigado a estudar os manuais de instruções das Forças Armadas.

Nós tínhamos preparado perguntas sobre a vida depois da morte e sobre o conhecimento e experiência da humanidade neste processo”. Jock tinha algumas perguntas pertinentes próprias acerca de pessoas que se consideravam religiosas. Nem George nem Jock aprenderam nada sobre a vida após a morte nesses encontros com o clero.

Um dos primeiros sinais foi um exemplar do jornal *Psychic News* que George encontrou no banco de um comboio enquanto viajava de Londres para Aylesbury. Ao lê-lo pensou: “Estará a resposta no campo espiritualista?” Assim, foi a um serviço numa igreja espiritualista, onde o médium em demonstração, apontando para ele, disse que tinha poder de cura.

George pensou: “Que bom, gosto dessa ideia.” Foi a outra igreja e disseram-lhe o mesmo outra vez, pelo que ficou para perguntar aos responsáveis o que significava. À medida que lhe explicavam, o seu interesse despertou de verdade. Tornou-se insaciável à medida que pedia esclarecimentos a outros, incluindo Horace Leaf, um médium de excelente qualidade e um intelectual.

George foi a um Círculo Doméstico quatro ou cinco vezes, onde conheceu pessoas muito simpáticas, mas não ficou impressionado com o procedimento do médium responsável. Agora estava no caminho da obra da

sua vida e a aprender rapidamente; ficou convencido de que o seu filho continuava a viver. Além disso, fez algo que mais tarde desaconselhou vivamente às pessoas: experimentar para ver se acontecia alguma coisa. Passou tempo em casa, numa sala escura, a tentar mover objetos sem lhes tocar — e conseguiu. Durante todo este tempo a sua mente voltava constantemente ao sucesso com as massagens e à referência dos médiuns à cura.

Estando sentado confortavelmente em casa depois do serviço, adormeceu. Quando acordou, a esposa disse-lhe que tinha falado com uma voz estranha, dizendo: “Eu sou William Lang, médico.” Isto aconteceu várias vezes, e a voz começou a pedir a George que pusesse as mãos sobre pessoas doentes. Ele fê-lo, e o “instinto” dizia-lhe onde as colocar. Assim começou a parceria.

Provavelmente George adormecia normalmente e depois, por um curto período, era levado a um estado de transe sem o saber. Isto foi em 1944.

Quando conheci o Dr. Lang pela primeira vez, a sua fala era muitas vezes arrastada e indistinta, em frases desconexas ou meias frases. Passaram-se muitos meses até falar clara e consistentemente. O plano original era que a maior parte da cura fosse feita através de George em estado normal, mas à medida que se espalhava a notícia e as pessoas pediam ajuda, queriam que o Dr. Lang as tratasse diretamente. George achava fácil adormecer e deixá-los realizar o seu desejo.

Alguma confusão foi causada por um chinês, Chang Woo, e um italiano, Neopoli, que falavam através de George nas suas línguas nativas. Anos mais tarde o Dr. Lang explicou que eram membros da sua equipa de cura e que, quando estava na Terra, ele sempre tivera grande interesse pela China e pelo seu povo. Visitou o país e conheceu Chang Woo, cirurgião, e deu-lhe assistência no estudo de oftalmologia. Quando o chinês morreu, juntou-se ao Dr. Lang.

A propensão de George para ajudar outros surgiu novamente. À sua própria custa alugou uma sala de igreja uma noite por semana e anunciou a abertura de um centro recreativo para crianças deficientes. Foi um grande sucesso. Vários colegas bombeiros ajudaram, incluindo Jock e Les Miles, que tocava piano. Perto do Natal, anunciou um pedido de brinquedos em qualquer estado. Os bombeiros reparavam-nos para os oferecer às crianças. Ele e Jock também tentaram obter o uso de uns antigos balneários da autarquia em Aylesbury para um ginásio, mas o pedido foi recusado porque o edifício ia ser demolido. A cura acabou por suplantar as iniciativas dos Chapman.

George afirma sempre que entrar em transe é adormecer, mas como é que ele adormece em quinze a trinta segundos? Primeiro tem de estar relaxado. Quando uma sessão de cura se aproxima, gosta de ter um curto período sozinho para se recompor. Quando isso não é possível, tem de fazer um esforço de vontade para excluir as preocupações à sua volta, mas em todos os casos passa pela seguinte experiência.

Vê um rosto muito pequeno “a milhas de distância” que se aproxima muito rapidamente. Prende totalmente a sua atenção, com uma compulsão que não questiona. À medida que se aproxima, sente-se letárgico e pesado. O rosto aumenta continuamente e agora vê-o claramente como William Lang, a sorrir amplamente, que lhe diz: “Está bem, George, sem problemas; estarás em boas mãos.”

Pode perguntar: “Temos muitos hoje?” e George pode responder: “Sim, a agenda está cheia com alguns extras, mas sê o mais rápido que puderes.” O rosto do cirurgião aproxima-se cada vez mais até parecer maior do que o seu próprio e depois funde-se com ele como se estivesse prestes a atravessá-lo. Nesse momento George sente como se tivesse uma almofada sobre o rosto a impedi-lo de respirar, mas não reage, pois sabe que não deve resistir — depois já nada sabe.

Quando a sessão termina, o processo é o inverso da tomada de controlo. George tem sensações vagas de despertar, o rosto do Dr. Lang afasta-se do seu, ainda sorridente. À medida que recua e ainda é reconhecível, o rosto vira-se de lado, mostrando a nuca. Ao mesmo tempo, uma mão levanta-se ao lado da cabeça e acena em agradecimento e despedida. Continuando a afastar-se e a diminuir, o Dr. Lang desaparece. Durante alguns anos, neste momento George sentia náuseas intensas, mas isso deixou de acontecer.

Assim, o médium fica agora sozinho na sala de consultas; sabe que está de pé, mas não tem ideia de onde e sente uma preguiçosa relutância em descobrir. É acometido de muitos desconfortos físicos — os efeitos residuais do contacto do Dr. Lang com os problemas e doenças dos pacientes, uma espécie de resíduo que é extremamente desagradável, embora vá diminuindo. O ambiente à sua volta começa a registar-se, embora pareça mover-se em várias direções — está tonto.

Agora faz esforço para se firmar e estabelecer-se, caminha até à porta e abre-a, depois encosta-se habitualmente ao batente, com os olhos semicerrados a tentar ver como se lutasse contra a luz solar intensa. Cumprimenta claramente quem está por perto, mas não deseja conversar; isso colidiria com os seus nervos e obrigá-lo-ia a pensar. “Quem me dera que se calassem.” Os olhos começam a focar, afasta-se da porta e fica por

perto um ou dois minutos, à espera de uma chávena de chá fraco e doce, que foi preparada com conhecimento de causa. Depois de beber, entra em casa, toma banho, veste-se, bebe mais chá e, meia hora após o transe, está recetivo a uma conversa ligeira, principalmente por parte dos outros, durante uns dez minutos. Então pode dizer-se que a sessão de cura terminou.

Não é o fim do seu compromisso diário com a cura. Há a cura à distância, resultante das cartas recebidas. A quantidade de correspondência sempre foi um problema. No início George não tinha ajuda secretarial e, fosse a que hora fosse da noite ou da madrugada, respondia a cada carta no mesmo dia. Criou também um ficheiro em cartão de pacientes e percorria-o todas as noites por volta das 22h00, quando lhes era pedido que se ligassem.

O procedimento de cura não se altera — ele obtém das cartas a informação necessária para o Dr. Lang, que a recolhe à medida que lhe passa pela mente. Nesse momento a impressão psíquica de George é muito sensível e há uma compreensão entre ele e o cirurgião, quase uma consulta. George toma consciência da condição do paciente e vê a parte ou órgão do corpo afetado (não em cor). Se um paciente pede consulta, é nesse momento que se decide em conjunto se pode ser aceite. Nestes e em todos os outros casos a cura à distância torna-se imediatamente operativa, e durante o sono um membro da equipa de cura visita-o; ele, não George, faz o diagnóstico. A distância não é barreira.

Algumas palavras sobre a primeira carta de um paciente ou de alguém que escreva em seu nome. George pode segurá-la ou, em muitos casos, o envelope fechado, e ver uma cor que lhe dá informação significativa. Uma cor “suja” ou “turva” mostra que a pessoa não está espiritualmente desenvolvida e que a condição física é fraca. Se houver também um fundo vermelho-tijolo escuro, então a cura à distância não pode ser eficaz. Se a cor for um vermelho forte, especialmente brilhante, há um estado físico extremamente mau. Se uma carta disser respeito a várias pessoas, a parte afetada de cada paciente tem a sua própria cor individual.

Entre as centenas que escrevem, George consegue identificar um remetente regular pela cor que vê ao segurar o envelope fechado. Ele não consegue explicar este fenómeno, nem eu. Pode-se especular, mas isso não leva a lado nenhum. As descrições de cores dadas são apenas exemplos do código — algumas indicam personalidades mais esclarecidas. Todos os pacientes são tratados de forma otimista na correspondência para incutir uma atitude positiva.

As pessoas são livres de escrever a dar conta dos seus progressos, e muitas fazem-no — mas em muitos casos já não é necessário. O escritor

deve incluir uma declaração clara de que o paciente melhorou, não melhorou ou piorou — mas antes de ler George já vê a mensagem da cor. Uma linha verde fina sobre qualquer cor “suja” mostra melhoria e, à medida que a largura da linha verde aumenta em relatórios subsequentes, mais progresso é indicado.

A opinião sobre a condição é recolhida pelo Dr. Lang e pelos seus auxiliares e complementa ou confirma o conhecimento que já têm. Penso que, se um paciente sofre uma deterioração rápida, então uma carta imediata a George Chapman vale muito a pena; os curadores não podem estar em residência contínua com os pacientes. Se um paciente está para além da cura, pode ser ajudado a suportar a condição.

COMO O DR. LANG

COOPERA COM GEORGE CHAPMAN

Não é possível estabelecer uma demarcação clara entre a experiência de transe de George e a do Dr. Lang. As duas personagens principais estão tão intimamente entrelaçadas que nenhum pode dizer: “Isto é meu, aquilo é teu”. Para completar a história do transe, William Lang disse que eu poderia ter uma reunião com ele para apresentar perguntas relativas a pontos deste livro. Foi marcada uma data, a seguir ao último paciente de uma sessão de cura. Dois dias antes, estando eu com George, tinha também algumas perguntas pendentes para lhe fazer — quando ele disse: “Porque não vê o Dr. Lang hoje? Posso arranjar tempo e sinto-me capaz.”

Tenho de dar aqui algum pormenor ao leitor e a razão em breve será evidente. Para mim pareceu uma boa ideia, pois estou certo de que por vezes o cirurgião acha menos fácil concentrar-se em conversa quando houve mais casos difíceis do que o habitual e um período prolongado de cura. No entanto, enquanto falávamos, George levantou-se e saiu do gabinete, regressando um minuto ou dois depois — não que na altura eu tivesse dado muita importância a isso. Disse que a sua assistente Eliane tinha vindo de França para ajudar com a enxurrada de cartas após alguma publicidade numa revista de lá, e que teria de a levar ao aeroporto para o voo de regresso, depois poderíamos ter a reunião.

No regresso, o filho Michael insistiu para o levar a ver um carro usado que estava à venda — “Não demorará mais de dez minutos”. Foram embora, durante quarenta e cinco minutos. Ao voltar, George quis conversar um pouco, na verdade para se preparar para o transe.

Fomos para a sala de consultas de Lang e a minha reunião começou com um pedido de relato sobre o que o Dr. Lang fazia para tomar controlo do seu médium.

Ele disse:

“Começarei pelo exemplo de hoje. Pelo George tinha entendido que me veria depois de amanhã, por isso não considerei que falaria comigo hoje, e sabia também que o George não tinha em mente qualquer alteração. Quando discutiu isto consigo hoje, deve ter notado que ele o deixou por uns momentos no gabinete da sua casa — foi a outra sala e enviou-me pensamentos a perguntar se estava bem para hoje, já que não havia pacientes e ele se sentia relaxado, assim disse. Estabeleceu contacto mental comigo como um telefone. Concordei. Ficámos com ele durante a viagem ao aeroporto para garantir que conduzia bem e relaxado. Quando regressou eu estava pronto, mas não contava com a ida dele de um lado para o outro com o Michael.

“Prosseguindo: quando veio aqui com o George para a sala de consultas (um edifício separado), já tinha feito contacto com ele para me fundir com a vibração e cor da sua aura. Ele pôde ver o meu rosto na sua mente assim que se sentou nesta cadeira, e eu sorri-lhe. Estava relaxado e pronto; o seu corpo espiritual saiu, eu simplesmente entrei e assumi o controlo. Quando tomo posse asseguro que o corpo físico dele continua a viver e a minha equipa de cura também é uma proteção. Estou sintonizado com este trabalho de cura, sou apenas eu próprio, com as minhas expressões e os meus pensamentos, como se estivesse num consultório que é o meu para este fim, e sinto-me completamente à vontade no corpo dele. Foi assim que vim falar consigo hoje.”

Em resposta à minha pergunta disse que não ocupava em fases.

“George por vezes interroga-se se é ele próprio ou o Dr. Lang — e há ocasiões em que eu sinto o mesmo em relação a ele, porque os nossos pensamentos podem correr juntos, mas isto não acontece durante o transe. “Recentemente George tem tido um problema com o braço direito; adquiriu a condição que eu tinha, que causava tremor na minha mão direita, pelo que tive de usar mais a mão esquerda nas operações cirúrgicas; mais tarde o meu filho cirurgião Basil trabalhava frequentemente comigo e podia operar sob a minha direção.”

(Nessa mesma manhã George tinha-me contado da dificuldade recente com a mão direita. Por várias vezes os dedos tinham ficado rígidos e, por momentos, não os conseguia mover. Recordou que, mais ou menos na sua

idade actual, o Dr. Lang em vida desenvolvera uma paralisia no braço direito).

O Dr. Lang continuou:

“Quando desejo contactar o George em qualquer momento, deixo o trabalho que estou a fazer e venho até onde ele me pode ver. Assim ele sabe e retira-se para escutar.

“Para uma sessão de cura, que naturalmente está pré-combinada com o meu conhecimento e acordo, reúno os membros da minha equipa e digo-lhes o objetivo. Avançamos para a sala de consultas. George vê luz quando me aproximo e, ao ver-me, falo com ele. O corpo espiritual dele tem de sair antes de eu poder tomar posse. Ao fazê-lo, aplica-se pressão entre os olhos e o cérebro de George, que é então desacelerado para que não capte pensamentos da sua mente enquanto ele está aqui, do lado do espírito.

“Se George está demasiado cansado, é necessário que eu dê alguns empurrões aqui e ali para completar o processo. O maior impedimento é a preocupação — se ele teve tempos de preocupação, talvez por assuntos domésticos, acumulação de trabalho, etc., isso permanece no seu cérebro, impedindo-o de estar suficientemente relaxado. A interferência é realmente ligeira, mas está a pairar e colada à sua aura, com a qual eu preciso de ter integração completa.

A minha própria mente espiritual sente isto como uma intrusão e temos de trabalhar em George para remover este fardo de preocupações. Nessas alturas não quero que os pacientes entrem em rápida sucessão, porque até que o problema seja resolvido preciso de tempo com os dois ou três primeiros pacientes para garantir que a cura deles não falha em nada — e nunca falha.”

Perguntei se as preocupações dele voltavam depois do transe, e o Dr. Lang disse que sim, voltavam, reiniciavam, como problemas que se consegue pôr de lado por algum tempo mas acabam por regressar.

O Dr. Lang continuou:

“Quando todos os pacientes foram atendidos e é hora de eu partir, ainda usando o George, agradeço a Deus pelo privilégio de me ser permitido e assistido prestar este serviço de cura, e exprimo gratidão pelo meu fiel médium, o meu instrumento, que me deixa usar o seu corpo físico. Depois, os membros da equipa dizem ao George que é tempo de regressar, e trazem-no para aqui. Quando ele se aproxima, eu sorrio-lhe e digo algumas palavras, como, ‘Voltarei a ver-te; agora alguém ficará contigo para garantir que não há espíritos indesejados por perto’. George nessa altura sente paz

e harmonia, está completamente relaxado, e então, gradualmente, retoma posse do seu corpo, regressando assim ao estado consciente. Eu ajusto-me às condições em que vivo."

CAPÍTULO 16

GEORGE CHAPMAN

TORNA-SE CURADOR A TEMPO INTEIRO

George estava a conseguir lidar, à justa, com as exigências feitas ao seu tempo. Nunca se anunciou; a recomendação pessoal de pessoas tratadas foi suficiente. Mas não sabia que uma cadeia de acontecimentos estava prestes a ser desencadeada, que levaria a parceria Lang-Chapman a tornar-se conhecida no mundo e a trazer pacientes desses países a Aylesbury com o único propósito de consultar o Dr. Lang. Às vezes chegavam sem marcação vinda da Índia, do Japão ou de outros lugares, e batiam à porta da frente de George a pedir: "Posso ver o Dr. Lang, por favor?"

Ainda estava para vir a publicação de artigos em jornais, revistas e periódicos em muitas línguas, contando a história. Cinco livros viriam a ser editados sobre o serviço de cura em inglês, francês, alemão, neerlandês, espanhol, árabe e português. A abertura de centros de cura em Paris, Marselha e Genebra, e visitas de trabalho por convite aos Estados Unidos, Espanha, Marrocos, Alemanha.

George não sabia, mas penso que o Dr. Lang sempre teve consciência dessas possibilidades e tinha um papel a desempenhar.

Um primeiro passo foi a realização de um serviço regular de cura fora de Aylesbury. Enquanto George ainda estava nos bombeiros, por acordo, a Sra. Caunt e a Sra. Carter, presidente e secretária da *Silver Street Christian Spiritualist Church* em Birmingham, abriam mensalmente as instalações como centro de cura para o Dr. Lang, num dos dias de folga de George. Acompanhei-o várias vezes. A procura era enorme; não havia sistema de marcações e alguns esperavam mais de três horas por uma consulta. A notícia espalhou-se pela região.

Chegaram convites de pessoas abastadas em várias partes do país para visitar as suas famílias e alguns amigos que se reuniriam em suas casas, alguns necessitando de tratamento. George mostrava-se algo receoso de ser usado como entretenimento e não ia, mas sugeria que qualquer pessoa que necessitasse de tratamento lhe escrevesse. Um convite chegou da Sra. Newey, em Birmingham, ligada à maior empresa de Inglaterra fabricante de

colchetes e fechos de vários tipos. Desta vez, quando George leu a carta, recebeu um aceno de aprovação do Dr. Lang.

À chegada, encontrou muito mais pessoas do que esperava. Entrou em transe. O Dr. Lang selecionou os pacientes, deu tratamento e depois falou ao grupo. Quando George estava quase de volta a si próprio, mas ainda supersensível, sentiu fortemente a excitação considerável na sala. A Sra. Newey disse que, por arranjo, estava presente um médico que conhecia intimamente a carreira do Dr. Lang, e também uma senhora que servira com Lyndon Lang, filha do Dr. Lang, no *Women's Voluntary Service* durante a Primeira Guerra Mundial. Tinham-no questionado em pormenor e, segundo a Sra. Newey, ele impressionara todos com as respostas imediatas, comentários e recordações pessoais para além do âmbito das perguntas, mas confirmadas por esses dois convidados especiais.

Um segundo passo surgiu do primeiro — o centro de cura na igreja — e o terceiro passo surgiu do segundo. George recebeu um convite para se encontrar com um grupo de médicos em Londres e foi-lhe pedido que estivesse num local precisamente indicado, à saída de uma estação do Metro, onde seria recebido. O Dr. Lang aprovou. À hora marcada, parou um táxi, um homem saiu, perguntou se ele era George Chapman e convidou-o a entrar no carro. O motorista, sem mais instruções, levou-os a um hotel onde George foi conduzido a uma sala reservada.

Disseram-lhe que as pessoas à espera eram, na sua maioria, médicos interessados no trabalho do Dr. Lang. Não queriam que os seus nomes fossem revelados a George e pediram-lhe que se comprometesse a não divulgar nada sobre o encontro. Ele aceitou e, a pedido, entrou em transe. Depois, fizeram apenas comentários sociais, deram-lhe uma libra para despesas de viagem e providenciaram um táxi para o levar a uma estação de Metro, de onde seguiu de volta para Aylesbury.

Foi então convidado a encontrá-los semanalmente, na medida em que as suas funções nos bombeiros o permitissem, sempre em locais secretos diferentes e, de novo, táxi para hotéis distintos. Mais tarde fixaram-se num hotel, possivelmente já com confiança adquirida, e depois todas as reuniões passaram a realizar-se num apartamento.

Numa determinada fase dessas reuniões, George foi coberto de instrumentos médicos de medição e registo e, mais tarde, disseram-lhe que em cada ocasião em que entrava em transe estava momentaneamente tão próximo da morte clínica quanto era possível estar e ainda viver. Nunca lhe contaram o que se passava entre eles e o Dr. Lang. Fizeram, contudo, alguns testes com George em estado normal, com a colaboração de Alexander Cannon, um velho amigo da família Lang. Telefonaram-lhe a

partir de sua casa, a mais de 160 quilómetros de Londres, a uma hora combinada, quando o grupo se reunia, e pediram-lhe que escrevesse ou desenhasse algo sem o revelar a ninguém; depois, George era convidado a duplicar o esforço. Quando se verificava, conseguia fazê-lo.

George foi apresentado à senhora no apartamento da qual se realizavam agora as reuniões — ela era Lyndon Lang. Conhecia muitos contemporâneos do pai e pessoas com quem ele se relacionara no meio médico, e ainda tinha contactos com a Secção Oftalmológica da Royal Medical Association. O pai tinha sido fundador e primeiro presidente.

Durante a sua vida fazia uma doação anual aos fundos e, em memória do pai, Lyndon continuou a fazê-lo — de facto foi mais além e deu uma soma avultada para financiar a atribuição de uma medalha de ouro ao autor do discurso mais notável da Secção em cada ano. A noite da entrega do prémio ainda é conhecida como o “jantar de Lang”.

Vimos assim o que parecia ser o primeiro desenvolvimento inocente: o centro de cura em Birmingham; o segundo passo, na casa da Sra. Newey; o terceiro, as reuniões com membros da profissão médica e a apresentação a Miss Lang. O quarto desenvolvimento foi uma bomba, sem igual, tanto quanto sei.

Após cerca de dez anos de participação nas reuniões, disseram a George que, se se demitisse dos Bombeiros e se tornasse médium de cura a tempo inteiro, providenciariam instalações em Londres onde ele poderia viver com a família e ter um santuário de cura. Era o sonho de George de repente a tornar-se viável, e mal podia acreditar. No entanto, o entusiasmo foi abalado quando o Dr. Lang não concordou em trabalhar em Londres. Também ele queria que a parceria fosse a tempo inteiro, mas queria Aylesbury como centro. Os médicos não se opuseram e pediram a George que encontrasse uma casa adequada e disponível; depois fariam um empréstimo para a compra.

George encontrou uma casa em Wendover Road, Aylesbury. Demitiu-se dos Bombeiros. Eu e a minha mulher ajudámo-lo, a ele e à esposa, a esfregar soalhos e a pintar, a minha mulher fez todas as cortinas e nós oferecemos alguns móveis. Até então toda a cura fora gratuita, mas o que deveria fazer agora? Tinha dois filhos pequenos e a família precisava de comer, por isso colocou-se uma caixa para donativos voluntários na sala de espera.

Ao fim de catorze sessões de cura em sete dias, a caixa continha o equivalente a sessenta e duas pence métricas. Decidiu então cobrar cinquenta pence por paciente, com um dia reservado para pensionistas e

para quem não pudesse pagar, embora nunca se verificasse quem podia ou não. O número de pacientes duplicou.

Após cerca de dois anos, durante os quais continuou a atender médicos e cirurgiões em Londres e a fazer pagamentos periódicos do empréstimo, foi-lhe feita uma proposta final. O serviço de Dr. Lang à humanidade era tão importante que desejavam que continuasse o máximo de tempo possível e tivesse, esperavam, um efeito permanente na atitude da ciência médica. Assim, o saldo do empréstimo não precisaria de ser devolvido e seria redigida uma Escritura de Doação tornando George proprietário da casa.

Além disso, financiariam um Fundo Fiduciário que lhe daria um rendimento, assegurando-lhe estabilidade e libertando-o de preocupações financeiras. Isto ajudaria também a compensar a perda da segurança de rendimento e da pensão dos Bombeiros. Havia apenas duas condições: teria de continuar a respeitar o desejo deles de segredo e anonimato e encontrá-los regularmente até que terminassem o acordo ou até todos terem falecido.

George aceitou e as reuniões prolongaram-se por mais vinte anos; Miss Lyndon foi a última a morrer. George adquiriu uma casa maior em Wendover Road, que oferecia muito melhores condições para o trabalho. O Fundo Fiduciário assegurou a sua situação financeira, pois ele nunca chegou a utilizar o rendimento.

Este capítulo está quase concluído. Lyndon escreveu num envelope lacrado: “Não abrir até depois da minha morte” e entregou-o a George. Esteve quase a ser aberto uma vez. George foi convidado a discursar na Secção Oftalmológica da Royal Medical Association e pensou que poderia ser apropriado, depois de explicar a situação, pedir ao presidente que abrisse o envelope e lesse o conteúdo à assembleia. No último momento, conservou o envelope porque teve um fortíssimo pressentimento de que devia permanecer fechado. Pensa que contém os nomes dos médicos que frequentaram as reuniões, e não quereria causar embaraço nem publicidade indesejada a quem quer que fosse ligado a elas.

Eu e a minha mulher conhecemos Lyndon. Esteve presente várias vezes na sala de consultas em Aylesbury durante sessões de cura. O Dr. Lang apresentou-nos: cabelo branco, rosto fino, alta, e visivelmente a divertir-se, o seu sorriso correspondia ao iluminado e radiante sorriso do pai no rosto de George.

CAPÍTULO 17

O CÍRCULO DOMÉSTICO QUE O DR. LANG PREDISSE

Recordar-se-á de que, num dos meus primeiros encontros com o Dr. Lang, ele disse que eu teria, se assim desejasse, um Círculo Doméstico. Eu tinha de aprender o que era isso e durante anos questionei-me intermitentemente sobre como poderia começar. Observei atentamente pessoas que mostravam interesse em assuntos psíquicos, mas não fiz progressos nem encontrei oportunidade. Mudámo-nos para Essex e continuávamos a visitar George e o doutor regularmente — nenhum dos dois falava sobre um Círculo há muito tempo.

Ivy Tweedy vivia em Essex e a minha esposa conheceu-a numa loja onde fazia cortinados, enquanto a minha esposa se dedicava em part-time à costura. Em conversa geral surgiu o tema da cura psíquica e Ivy mostrou-se profundamente interessada em saber de George Chapman e William Lang, ficando também satisfeita por ter quem ouvisse atentamente a sua história. Com frequência tinha sonhos premonitórios, com pormenores de acontecimentos pouco importantes.

Certa manhã, ao acordar e antes de se levantar, disse ao marido Wallace que tinha visto, em sonho, dois homens de fato-macaco branco saírem de uma carrinha estacionada em frente da casa. Tiraram escadas do tejadilho da carrinha e tiveram alguma dificuldade porque um era alto e o outro baixo. Colocaram as escadas na berma de relva, tiraram material de pintura da carrinha e dirigiram-se para a casa. O sonho terminou. Ela sabia que Wallace tencionava mandar pintar a casa e tinha pedido orçamentos, mas não sabia que ele já tinha feito a encomenda. Wallace não era comunicativo por hábito, não sabia quando começariam os trabalhos e não tinha visto operários.

Enquanto conversavam, ouviram o ruído de um veículo a parar. Ao espreitarem pela janela, viram concretizar-se cada detalhe do que Ivy descrevera.

Ambos eram dançarinos consumados, vencedores de medalhas, na verdade. Durante o dia Ivy dispunha cada peça do vestuário de gala e, quando chegava a hora de se vestir, frequentemente algum dos pequenos itens, como uma luva ou um brinco cuidadosamente colocado, desaparecia. Dias depois, ao procurar por outra razão, o artigo perdido surgia num local onde nunca era guardado. Wallace pouco ligava, considerando que Ivy tinha uma imaginação fértil.

Convidámo-los a nossa casa para ouvirem uma gravação da primeira sessão do nosso filho mais novo, com a excelente médium de transe Lilian

Bailey, numa altura em que os estudos de engenharia e os exames ocupavam papel central na sua vida. Três espíritos — Bill Wooton, Dr. Adamson e o seu próprio auxiliar, um chinês — falaram a Peter de forma muito adequada sobre o seu trabalho, treino e estudos, analisando, encorajando, aconselhando. Peter estava preocupado porque, por vezes, tinha apagões mentais e falhas de memória. Tinha receio de que isso lhe acontecesse durante os exames. O diagnóstico do Dr. Adamson foi sobrecarga de estudo; prescreveu levedura de cerveja em cerveja fraca, e indicou uma fábrica em Londres de onde poderia ser obtida pelo correio.

Tanto Ivy como Wallace ficaram suficientemente impressionados para aceitar o nosso convite a formarmos um Círculo Doméstico. Tinham passado mais de doze anos desde a predição do Dr. Lang.

Antes de mudar para Essex, eu reformara-me cedo e aceitara um trabalho em que não estava feliz. A minha família preocupava-se secretamente com o que via como a minha deterioração e planeou incentivar-me a mudar para outra região. Conseguiram e eu e a minha mulher passámos seis meses de fins-de-semana a procurar em vários condados. Contei ao Dr. Lang e ele disse: “Experimenta Essex; tem mais pessoas psíquicas do que qualquer outro lugar no sul.” Nós já lá tínhamos ido e descartámo-lo.

Um dia chegou-nos uma circular de uma agência com detalhes de um bungalow em Essex. O preço era mais alto do que o meu limite decidido e não me interessei. A minha mulher e o meu filho foram vê-lo; ficaram favoravelmente impressionados. Eu nada fiz. O proprietário telefonou e reduziu o preço. Disse-lhe que não afirmaria que não valia o preço pedido; apenas era demasiado para mim. Telefonou novamente com nova redução, mas eu não estava disposto a ultrapassar o meu limite. Telefonou outra vez — podia ficar com a casa pelo meu preço. Mudámo-nos, embora eu não tivesse trabalho garantido. Arranjei emprego como professor num colégio.

Teríamos tido o Círculo Doméstico previsto se tivéssemos permanecido em Buckinghamshire? Estariam todas estas circunstâncias predestinadas? Não é uma ideia que eu esteja inclinado a aceitar, de qualquer forma. Não sei.

Semanalmente, na mesma noite e à mesma hora, os quatro sentávamo-nos durante uma hora, tranquilos e relaxados, no meu escritório, conversando, se assim nos apetecesse, sobre qualquer assunto ligado ao mundo psíquico — talvez livros, artigos de jornal, conversas com outras pessoas, um programa de televisão, ou pensamentos e ideias pessoais.

Principalmente, servíamo-nos das instruções preliminares que a Sra. Ivy Northage dava à sua classe de desenvolvimento e dos exercícios que aplicava. Um simples consistia em todos pensarmos, ao mesmo tempo, em

veludo preto; apenas negrume total, com os olhos fechados, e relatar quaisquer impressões. Isto ajudava a excluir pensamentos que se pudessem intrometer e fomentava a necessária tranquilidade mental. Os resultados chegaram depressa, pois era frequente um ou mais de nós "verem" nuvens de cores iluminadas em movimento, a aproximar-se e a afastar-se, a ondular e a mudar de forma — prateado, azuis, púrpuras, cor-de-rosa, quase fluorescentes.

Era interessante porque nada era antecipado — as cores eram apresentadas, não imaginadas. Imaginar é um esforço introspetivo, enquanto nós olhávamos para fora para receber o que estivesse disponível. Ao mesmo tempo, havia uma unidade e uma harmonia que não teriam sido alcançáveis se as mentes estivessem a operar em direções diferentes. As impressões diferiam em pormenor devido à aptidão e flexibilidade psíquicas inatas.

Ao abrir uma reunião, tínhamos sempre um período de silêncio de cinco minutos, em que cada um, à sua maneira, pensava em assuntos espirituais. Isto ajudava a desprender-nos das atividades profissionais ou domésticas do dia, ou talvez de uma correria para chegar a horas.

Nasceu uma menina para Ivy, que naturalmente conversou, na maternidade, com outra jovem mãe, Valerie, com dois primeiros resultados: a mãe de Valerie passou a tomar conta do bebé de Ivy e Wallace, para que estes pudessem continuar a frequentar o Círculo, e, em segundo lugar, algumas semanas depois, a própria Valerie juntou-se. Oito semanas mais tarde, a filha Valerie também se juntou. O irmão dela, Reg Hall, engenheiro sénior de desenvolvimento, convidado para uma noite social do Círculo, integrou o grupo, e pouco depois a sua esposa Jean inscreveu-se. Passámos a ter oito membros.

Será prudente ter quatro familiares próximos num Círculo? É uma boa questão. Poderiam estar demasiado ligados nas trivialidades do quotidiano e trazer para as reuniões conflitos familiares, afetando a atmosfera. Trata-se de uma questão de bom senso de todos, e o resultado depende das pessoas envolvidas.

Nas fases iniciais de treino é muito difícil evitar que pensamentos individuais se dispersem, por isso convém manter os exercícios curtos. Por vezes, alguns membros podem não os achar produtivos se tiverem tido um dia fisicamente ou mentalmente cansativo. Não há mal nenhum nisso; por outro lado, todos deviam procurar dar o seu contributo para a unidade. Aliás, é muito provável que se sintam revigorados. Num exercício, nomeava um membro para pensar numa cor viva e brilhante, à sua escolha secreta, e

tentar projetá-la silenciosamente para outro membro que eu indicava (com os olhos fechados era mais fácil).

O procedimento era o seguinte:
O emissor dizia quando estava pronto para transmitir e o recetor recebia a impressão rapidamente ou não a recebia de todo, expressando de imediato a primeira cor que lhe surgisse na mente.

Os restantes membros, que desconheciam a cor escolhida, deviam apoiar e reforçar o emissor, imaginando fluxos incolores e velozes, como névoa ou fumo, a ir do emissor ao recetor sob a forma de ponte. O emissor poderia achar mais fácil visualizar flores a mover-se, brilhando naturalmente com a cor escolhida. Se outro membro captasse a cor sem intenção, devia declará-lo depois. Cada pessoa devia ter uma vez de dar e de receber em cada reunião.

O princípio é o mesmo de qualquer treino sistemático para o desenvolvimento de aptidões físicas ou mentais: exercícios regulares e progressivos, do simples ao complexo. Aplica-se à aprendizagem escolar, a ofícios como a carpintaria, a desportos como corrida e futebol, e o método também é produtivo no cultivo das capacidades psíquicas.

Um desenvolvimento destes exercícios era o emissor tentar transmitir o primeiro nome de um rapaz ou rapariga, depois de indicar o sexo. Mais avançado ainda era o líder nomear um membro para receber de todos ao mesmo tempo, sem auxílio de cor ou nome. Era semelhante a ter sentimentos calorosos de simpatia e apoio e direcioná-los conscientemente para o recetor. Este exercício exigia mais tempo, porque o recetor tendia a reagir mais lentamente e podia haver um crescimento gradual de algo inicialmente vago. Por exemplo, uma vez vi indistintamente o que poderia ser uma folha, mas não estava certo.

A visão ampliou-se e mostrou várias folhas num ramo, depois um galho e, finalmente, uma árvore adulta. Além disso, tive a impressão de que era um símbolo do crescimento e da difusão do conhecimento. Noutra ocasião, começou com a “visão” de uma janela e expandiu-se até uma parede de uma sala, depois móveis encostados a essa parede, seguidos de uma mesa ao centro com uma toalha de malha de lã. Estava ali sentada uma idosa com vestido comprido, avental e um toucado simples, óculos de aro de arame com pequenas lentes, um grande livro aberto nos joelhos, parecendo adormecida.

Não tive indicação de quem seria. Não tenho dúvida de que estas “imagens” foram apresentadas à minha mente pelos ajudantes do Círculo no mundo espiritual, e a minha descrição falada transmitia-lhes o grau de êxito

alcançado. As impressões podiam ser de outra natureza: por exemplo, dois membros frequentemente “viam” chuva prateada, nem sempre em simultâneo, e também um ou mais pontos de luz prateados, brilhantes e distintos, com auréola envolvente, movendo-se na escuridão, ora lentamente, ora depressa, sem padrão, desaparecendo por momentos e regressando.

A capacidade psíquica de cada membro, tanto a dar como a receber, foi assim grandemente aumentada e intensificada, e no Círculo tornavam-se temporariamente capazes de uma sensibilidade num nível psíquico que normalmente não lhes estava disponível. Pela repetição semanal, a sua norma de perceção atingia um padrão mais elevado, geralmente por etapas. Descobriram que a experiência no Círculo ia além de qualquer expectativa — tiveram agradáveis surpresas — conduzindo a uma clarividência e clariaudiência encorajadoras.

Mais tarde, quando tivemos comunicação direta de voz do espírito, foi-nos dito que, em paralelo com o nosso trabalho no Círculo, os ajudantes espirituais estavam a desenvolver a sua capacidade de transmitir impressões mentais e a procurar um rapport. Tinham de experimentar para encontrar os métodos mais eficazes e eficientes de cooperação.

Não podiam ter certeza da clareza ou alcance do que apresentavam aos membros, mas ouviam o que se dizia no Círculo, daí a necessidade de cada um fazer relatórios breves no momento. O crescimento do poder psíquico dos membros aumentava o poder disponível no Círculo como um todo, permitindo que os controladores, organizadores e ajudantes do espírito convergissem de forma mais eficaz. Tornámo-nos conscientes da presença de personalidades distintas — apenas um lampejo: o alto e sábio, o baixo e risonho, o calmo e pacífico.

Um sentimento coletivo comum era uma queda súbita de temperatura durante a reunião, muitas vezes das pernas para baixo. Também havia frio individual de um lado do corpo ou nas costas. A sala estava sempre confortavelmente aquecida (não devia estar quente demais) e roupas extra não anulavam o frio. Não havia correntes de ar.

Está registado em muitos livros, e mais tarde os nossos amigos espirituais disseram-nos que vivem a uma temperatura muito mais baixa e constante do que a que nos seria aceitável. Um dos obstáculos à comunicação é a necessidade de se ajustarem à nossa temperatura mais elevada. Por isso, o nosso verão é menos propício à clareza da comunicação do que o inverno. A condição mais difícil que enfrentam é a atmosfera abafada que antecede uma trovoada.

O frio de um lado do corpo, ou por vezes nas costas, pode indicar a presença de uma entidade espiritual e, quando o membro estiver suficientemente avançado, quase certamente será informado de quem é, ouvindo o nome ou através de comunicação de um colega do Círculo sob controlo.

William Lang demonstrou-me muito eficazmente esta peculiaridade da temperatura. Eu era o último visitante de uma sessão de cura de cinco horas e, como sempre, levava caderno para estenografia. Era ao anoitecer, e ele estava sentado de um lado de uma lareira a gás acesa. Convidou-me a sentar do outro lado, de frente para ele. Mencionou uma recente expedição ao Evereste e disse acreditar que espíritos poderiam existir no topo sem problemas, onde um corpo físico morreria. Estendeu-me as mãos e pediu que as segurasse para sentir a temperatura. Eram, claro, as mãos de George Chapman, e estavam geladas. Colocou-as junto ao fogo, mantendo-as ali muito mais tempo do que eu seria capaz, e depois voltou a dá-las. Não havia qualquer mudança de temperatura.

A sala estava muito quente. William Lang apontou que, na outra extremidade da sala, havia um aquecedor elétrico a óleo ligado e pediu-me que lesse um termómetro na parede, a uns dois metros e meio de nós. Na escuridão crescente, com os olhos junto ao instrumento, eu estava prestes a dar-lhe a leitura quando ele corretamente disse que eram 75 graus Fahrenheit.

Como poderia saber sem sair da cadeira não compreendi. Explicou que, ao tomar posse do corpo de George Chapman, este ficava frio porque a sua temperatura normal era muito mais baixa, mas em nada desconfortável. A sala quente era-lhe um incómodo, mas necessária para que, ao regressar, o médium pudesse retomar o corpo frio e ajustar-se à temperatura normal antes de deixar a sala, caso contrário poderia apanhar uma forte constipação.

Nessa altura, outros fenómenos ocorreram com membros, como uma pressão externa na testa e em redor da cabeça, como se fosse aplicada uma faixa apertada. Também a sensação de uma mão a passar levemente pelo cabelo, criando eletricidade estática e levantando-o — a minha mulher sentia isto com frequência. Bolhas suaves e animadas eram sentidas no rosto. Apenas uma vez a mão de um membro foi segurada dolorosamente por outra mão invisível e maior, sem possibilidade de movimento.

Eram efeitos secundários, relatados no momento ou logo a seguir, do trabalho realizado pelos nossos ajudantes espirituais para apoiar o progresso psíquico no Círculo, tanto coletivo como individual. Por exemplo, Wallace deixou de adormecer em cada reunião e, por alguns minutos,

gesticulava involuntariamente com os braços erguidos. Uma vez, com um aquecedor elétrico na sala, tocou nele sem reagir; depois vimos uma queimadura na sua mão. Via minúsculos rostos que apareciam e desapareciam rápido demais para registar as feições. Nós víamos o rosto dele mudar drasticamente de forma e contorno, refletindo características faciais de diferentes raças.

Dizia não ter controlo pessoal sobre nada disto, embora estivesse consciente. Eram apenas indícios, de que ele era um potencial médium de transe. Às vezes sentia um impulso de falar sem saber o quê, mas nenhum som saía; achava que tinha falado. Pode-se dar demasiado significado a estas preliminares; eram exercícios de progresso conduzidos pelo lado espiritual para desenvolver controlo e rapport.

A Ivy era a mais prolífica e ouvia muitos nomes, a maioria dos quais era reconhecida por algum dos membros; por vezes, também via a pessoa. Houve um homem que, disse ela, tinha problemas com a dentadura postiça — conseguia ouvi-la a bater porque não lhe assentava bem. Depois sentiu dor nas costas e viu um homem com uma corcunda atrás de um ombro. Só a minha esposa, além de mim, sabia que se tratava do meu pai nos seus últimos anos; ele nunca viera a Essex enquanto lá vivíamos, e eu nunca falara da sua deformidade, pela qual tinha grande sensibilidade em vida. Noutra reunião, Ivy viu um homem de cabelo muito grisalho, faces rosadas e saudáveis, vestido com roupas que “pareciam ser uma farda”, incluindo uma cartola que Ivy viu pousar na minha cabeça.

Disse também que estava presente uma jovem com um vestido peculiar, com faixa e punhos brancos como os usados antigamente pelo pessoal doméstico. Depois viu um marinheiro chamado Jack, que disse estar próximo de mim e ligado a mim. Nessa ocasião, Ivy tinha descrito o meu pai nos seus dias de juventude, antes de eu nascer, quando era cocheiro principal de uma família rica e usava a libré típica da época; a jovem era a minha mãe, que se tornou cozinheira na mesma casa. Jack era irmão da minha mãe, morto ao serviço da Marinha Real na Primeira Guerra Mundial. No Círculo, Ivy tornara-se agora clarividente e clariaudiente.

Um sinal de desenvolvimento era sentir a presença e a emoção de um visitante espiritual. Ivy viu um homem junto a Wallace, mas demasiado vagamente para o descrever. Wallace começou a chorar convulsivamente e não conseguia parar. Teve a impressão de que o seu pai estava ao seu lado, com quem nunca tivera grande ligação, e percebeu que as lágrimas pertenciam ao pai. Estas experiências emocionais terminavam rapidamente.

As reuniões do Círculo tinham agora uma atmosfera nitidamente calma, aprazível e descontraída, mas carregada de um poder evidente mal se

entrava na sala. Os exercícios fluíam de forma mais fácil e produtiva; os pensamentos já não divagavam. Durante a semana, em casa ou no trabalho, os membros sentiam-se impelidos a fazer algo construtivo, como escrever uma carta, telefonar a alguém ou falar casualmente com um estranho. Havia alegria quando ficava claro que um bom propósito tinha sido servido. Uma das senhoras ganhou reputação, no escritório de advogados onde trabalhava, por ter “inspiração” para encontrar documentos desaparecidos.

Ainda assim, ao longo do percurso, havia dificuldades de dúvida e perguntas sem resposta, comuns a todos. Teria a imaginação tomado conta? Vejo e ouço porque quero fazê-lo? Estarei a enganar-me a mim próprio? Perguntas sensatas são saudáveis e necessárias, mas pode ter-se a certeza de que, resolvida uma, logo surgem outras. As respostas devem ser sempre procuradas. A base da certeza, num sentido ou noutro, nasce da experiência. Se um membro não encontra por si mesmo nenhuma certeza da verdade da vida e da comunicação espiritual, deve ponderar abandonar o Círculo. Tivemos um caso assim e ele saiu.

Dois exemplos mais do progresso da Ivy: viu, no centro do Círculo, uma idosa cega a segurar uma bengala branca e ouviu o nome “Dixon”. Recordei-me de que, em criança, uma Sra. Dixon e a família tinham sido vizinhos dos meus pais em Yorkshire. Cerca de dezoito meses depois dessa reunião, uma tia minha veio passar férias connosco. Em conversa casual, soubemos de algo que não sabíamos: antes de falecer, a Sra. Dixon tinha ficado cega e usava uma bengala branca.

O outro exemplo foi mais complexo. Ivy viu uma senhora que deu o nome invulgar de “Shearman” e disse ter trabalhado numa loja. Quando eu era rapaz, em Dewsbury, a uns cem metros da loja dos meus pais, vivia uma família — o Sr. e a Sra. Shearman com várias filhas — que tinham uma confeitaria e ervanária.

Na mesma reunião, Ivy relatara já como, durante aquele dia, vira várias vezes, de forma espontânea e clarividente, um homem que descreveu. Viu-o numa florista, rodeado de flores, orgulhoso da montra. Sempre que o via, vinha-lhe a impressão de que o tema do divórcio estava associado.

A minha esposa e eu sabíamos que se tratava do irmão dela, no seu estabelecimento, lá longe, em Yorkshire, onde vivia. Tinha um filho, o nosso sobrinho. Ivy não o ligara aos Shearman. A referência ao divórcio não compreendemos. Vários anos após essa reunião, o nosso sobrinho casou com uma neta do Sr. e da Sra. Shearman e, cerca de dez anos depois, divorciaram-se.

Li e ouvi falar de pessoas que, ao assistirem à sua primeira reunião em que se demonstrava mediunidade, pública ou privada, entraram inadvertidamente em transe. Nada disto aconteceu no nosso Círculo; tivemos de perseverar e ser muito pacientes, muitas vezes desejando que as coisas avançassem mais depressa. Mas era sempre uma noite social agradável.

As capacidades de clarividência e clariaudiência no Círculo passaram a ser usadas para transmissão de informações e conselhos de auxiliares espirituais. Como sempre, havia necessidade de questionar até que ponto a mente do médium interferia com as opiniões dos comunicadores. Deve-se evitar interpretar nas comunicações aquilo que mais agrada; a política do esperar para ver é, muitas vezes, a mais sábia.

Na realidade, estávamos a ser bem servidos, mas desejávamos avançar, por isso decidimos convidar um médium profissional a visitar o Círculo, na esperança de obter indicações para progredir. Escolhemos Anthony Trevor. Sentou-se connosco, abrimos a reunião como de costume, e ele comentou o desenvolvimento e as perspetivas de cada um no campo psíquico. Disse à Ivy que já há algum tempo estava pronta para o transe, pediu-lhe que relaxasse completamente, disse-me para colocar a minha mão esquerda (ela sentava-se à minha direita) em frente do seu plexo solar, a uns oito centímetros, para aumentar a força.

Ela respirou profundamente várias vezes e entrou em transe profundo; para ela, simplesmente adormeceu. Um espírito, um homem, numa voz totalmente diferente da de Ivy, mas usando a sua caixa vocal e o seu aparelho vocal, manifestou grande prazer por estar presente e poder falar, elogiou o nosso progresso e paciência, disse que as perspetivas futuras do Círculo eram boas. Ivy despertou, um pouco confusa, sem saber o que ocorrera. Foi um dia memorável para nós, e a partir daí houve mediunidade de transe quase todas as semanas.

Não há duas pessoas exatamente iguais na constituição física e, provavelmente, as variações não físicas são ainda mais marcadas, por isso nenhum Círculo pode ter resultados idênticos a outro. Cada Círculo é formado pelas qualidades e atributos combinados dos seus membros, quase como uma fórmula matemática — a soma do melhor das suas naturezas, reduzida por qualquer mediania ou por tudo o que seja menos digno.

Tudo entra na mistura e pode comparar-se ao conteúdo de várias caixas, cheias ou meio cheias (o que também significa meio vazias), sendo despejado numa única grande caixa. Os mesmos princípios aplicam-se à seleção e harmonização dos que, do lado espiritual, são responsáveis pela

organização e pelas atividades. Além disso, é necessária a fusão das duas partes.

Os auxiliares espirituais têm de experimentar vários métodos, retendo os que funcionam melhor para a cooperação e os resultados. As experiências no lado espiritual, por tentativa e erro, costumam justificar períodos de aparente estagnação. Aprender pela experiência aplica-se a ambos os lados. Os espíritos têm de descobrir quem, no Círculo, recebe mais facilmente e com maior precisão de quem, do lado deles. Dois ou três, do lado espiritual, podem ser testados com um membro.

Assim se estabelecem os principais comunicadores, e isso leva tempo. Homens e mulheres de várias vozes e origens falaram através da Ivy em transe. Quando o transe era superficial, ela sabia que alguém a manipulava, bem como o tema falado, mas não conseguia intervir e não sabia o que era dito. Sabia se estava com ela um homem ou uma mulher. Os músculos da garganta e da laringe ficavam muitas vezes doridos, devido a uma manipulação diferente da do seu uso normal. Quando era levada a um transe mais profundo, à medida que o controlo se tornava mais eficaz, não tinha qualquer consciência do que acontecia.

Os comunicadores das primeiras semanas desta nova fase eram, na maioria, parentes dos membros que, disseram-nos, tinham esperado muito tempo, em grande expectativa, por aquela oportunidade. Deram provas claras de identidade pelo conhecimento da sua vida terrena, de pessoas conhecidas e de assuntos comuns a si e aos respetivos membros. Houve o meu avô, o pai e o avô do Reg, o pai da Jean, o padrasto da Anne, o tio do Wallace, a avó da Ivy, e outros. O padrasto da minha mulher começou por dizer: “Tão bom estar aqui. Respiração difícil. Nunca tive oportunidade antes; muito emocionado e nervoso; tão entusiasmado. É bom estar aqui. Sou o avô Percy”.

Na primeira visita, o orador muitas vezes demonstrava incerteza e confusão. Faziam referência a precisar de ajuda, a não se orientarem, a terem de pensar por que tinham vindo. Um disse: “Pensei que nunca chegaria. Fico sem ar. Estava decidido a vir, de qualquer maneira. Agora tenho de falar. Extremamente difícil”. Outro disse: “Meu Deus, que surpresa ver-vos a todos aqui. Nunca pensei viver para este dia. Preciso de tempo para recuperar, é um choque tão grande. Tenho de pensar quem sou. Estranho, sabem, acho que é a emoção que nos faz perder a memória”. Quando ganhavam balanço, falavam à vontade e tínhamos conversas de até vinte minutos, às vezes com humor, sempre alegres.

Começaram a chegar visitantes que não eram conhecidos, um ou dois por noite. Uma voz masculina forte, através da Ivy, disse: “Gostava do meu

cachimbo (ouvimos batidas como se estivesse a ser limpo). Fica-te no peito? (risos). Passei anos no mar. Nunca tive muito tempo em terra. Trago o boné de pala e o cachimbo. Costumavam dizer-me a bordo: 'Porque raio não largas esse cachimbo?' Nunca descobriram que tabaco eu fumava (risos). Fumava qualquer coisa barata. Guardava o cachimbo no casaco; cheguei a pegar fogo a mim próprio. Passei a vida no mar, tal como o meu pai antes de mim. Tive um filho; ele nunca foi, ficou em terra. Nunca compreendi esse rapaz não gostar do mar. Tínhamos um cozinheiro miserável a bordo. Quando tinha licença só queria comida decente e tabaco. Fui sepultado no mar, como tinha pedido, em 1861. A vida no mar era muito dura". E terminou abruptamente.

Alguns destes desconhecidos estavam muito confusos ao início, e os nossos auxiliares espirituais aconselharam-nos que a melhor forma de ajudar seria sermos firmes mas não rudes ao interrogá-los sobre quem eram, onde tinham vivido, qual fora o seu trabalho na Terra, e assim por diante. Se tinham dificuldade em responder, não se devia insistir, mas sim voltar a colocar a questão mais tarde. Também nos foi dito que, embora isso nem sempre fosse aparente para nós, havia sempre um propósito em permitir e ajudar que viessem comunicar. Muitas vezes dava-lhes algo em que pensar e ajudava-os a ultrapassar dificuldades em aceitar e integrar-se na vida do lado espiritual.

Os organizadores espirituais do Círculo tinham, segundo disseram, as suas reuniões regulares para decidir quem teria a oportunidade de comunicar. Discutiam o Círculo em geral e faziam planos para o futuro, mas podiam surgir condições que interferiam ou impediam a execução das intenções. Tudo era muito delicado e equilibrado; a ausência de um membro podia perturbar os arranjos.

Condições causadas por membros preocupados, angustiados ou deprimidos com assuntos pessoais, ou debilitados de saúde, podiam dificultar a tal ponto que o lado espiritual não conseguia superar naquela altura; nesse caso o contacto tornava-se fraco e a supervisão do trabalho menos precisa do que deveria ser. Estas circunstâncias podiam permitir a entrada forçada de um espírito de vontade forte, sem benefício para ninguém. Tivemos vários assim — muito confusos, sentindo-se perdidos, irritadiços, sem compreenderem o ambiente à volta, mas atraídos pelo som das nossas vozes. O Círculo era também uma luz para eles (gerada pelo nosso poder psíquico), onde esperavam reencontrar contactos sociais.

Os nossos guias disseram-nos que devíamos manter sempre o controlo do Círculo do nosso lado. Visitantes do outro lado deviam ser bem recebidos, questionados e encorajados a falar, mas se houvesse dificuldade ou falta de

clareza deviam ser educadamente convidados a retirar-se, com a explicação de que outros desejavam comunicar. As nossas perguntas ajudavam-nos a pensar por si próprios. Devia usar-se uma voz firme, não tímida, ao falar com eles, e compreender que algumas informações podiam ser apenas parcialmente corretas — por exemplo, um nome certo mas uma morada errada — e podíamos então perguntar se estavam certos disso. Nada de religioso ou altamente espiritual devia ser introduzido, pois podia despertar oposição em espíritos ainda agarrados às suas convicções terrenas. Fomos assegurados de que, em todos os casos, estávamos a prestar um serviço de valor ao indivíduo.

Um comunicador que veio apenas uma vez disse pela Ivy:
"Olá, é muito agradável estar convosco. Chamo-me Nicholas. É a primeira vez que venho e quis ver como funcionam. Eu era um tanto antiquado na Terra e não acreditava realmente nestas coisas, mas agora estou a aprender por mim mesmo a verdade. Estou profundamente grato e satisfeito por haver vida para além da que conhecemos neste plano terrestre. Seria aterrador pensar que tudo acabava aqui, que nos tornávamos pó e desaparecíamos, sem nunca mais ressurgir para tomar lugar numa forma mais elevada, num sistema superior de vida e desenvolvimento.

Devemos estar gratos se pudermos aprender a verdade ainda como mortais, pois é difícil para muitos, depois da morte, aprenderem e desenvolverem-se. Muitos entram num longo período de repouso, escuridão e recuperação, sentindo que nada lhes resta, sem saberem para onde estender a mão nem o que procurar. Pode levar muito tempo até os entes queridos conseguirem alcançá-los. Sois, de facto, abençoados por conhecerdes a verdade antes de passardes para este lado. Boa noite."

CAPÍTULO 18

QUANDO MORREMOS

As pessoas que comunicam a partir do espírito num Círculo caseiro não andam por aí apenas para isso; têm a sua vida e ocupações no seu próprio ambiente, tal como nós aqui. O Dr. Lang disse que, quando George não estava em transe nem a trabalhar em ligação com a cura, deveria viver uma vida normal como quisesse, um assunto privado em que o médico não intervinha, embora estivesse sempre disponível se George o chamasse.

Não decorre automaticamente que as comunicações sejam autênticas e elevadas apenas por virem de espíritos. Alguns que já progrediram bastante no espírito, estando bem integrados e conhecedores, podem comunicar por razões específicas e dignas. Outros podem ser aprendizes ainda aspirantes.

Todos podem colaborar num Círculo caseiro, e também, do lado espiritual, ajudar almas menos esclarecidas que lá têm problemas — por exemplo, os que estão num estado de limbo, sem consciência de terem morrido, talvez apenas a emergir de uma confusão mental. Depois há muitos infelizes perpetuamente atormentados por circunstâncias da sua vida terrena. Para muitos, a situação é uma mistura. Todos teremos problemas ao morrer, porque muito nos será novo. Quando partirmos, pensemos nisto: alguns de nós comunicaremos através de um médium, e alguns faremos parte de uma equipa a trabalhar com um Círculo caseiro.

Vejamos brevemente o que está por trás da qualidade da comunicação. A ciência já estabeleceu que o morrer começa entre a conceção e o nascimento; faz parte da nossa natureza vital que células do corpo morram e sejam substituídas várias vezes; a pele descarta células mortas continuamente — uma colher de chá a cada vinte e quatro horas, creio eu. Há muitos exemplos da forma como o corpo físico é continuamente afetado por leis inexoráveis que não podemos evitar nem dominar. Por essas leis morremos; elas aplicam-se independentemente dos nossos esforços, desejos, crenças ou preconceitos.

O princípio da lei de Newton, de que ação e reação são iguais e opostas, pode aplicar-se aqui. Crer ou descrer na operação destas leis é irrelevante. Temos livre-arbítrio de certa forma, mas sempre dentro destas leis. O nosso livre-arbítrio, por exemplo, não nos permite decidir que não morreremos fisicamente. Por isso, é sensato ouvir os que já morreram quando falam das suas experiências.

Detalhes foram dados ao longo de muitos anos, em muitos países, e muitas civilizações antigas já conheciam estes factos. Sócrates sabia muito sobre a morte e a vida espiritual e falou longamente de ambos. Morreu em 399 a.C. As provas atuais mostram que tinha razão na sua compreensão. Na mesma época, Platão registou que, quando a morte se aproxima, a parte mortal do homem morre, mas as partes imortais partem seguras e incorruptíveis.

A morte iminente é conhecida no mundo espiritual e pode ser prestada uma assistência calma e pacífica no momento da passagem normal, por aqueles que no espírito foram treinados para tal — o equivalente aos nossos parteiros, mas sem tribulação. O primeiro grande acontecimento após a perda do corpo físico é ver a vida recém-terminada como se se assistisse a um filme projetado rapidamente de trás para a frente até ao nascimento.

Muitas pessoas que estiveram perto da morte numa emergência dizem que a vida lhes passou diante dos olhos. Leva mais tempo quando a morte acontece de facto, mas sem despertar emoção; o filme é visto de modo desapegado.

A etapa seguinte envolve geralmente a sensação de movimento na escuridão, flutuando sem esforço por um túnel em direção a uma luz ao fundo. Vi uma pintura com setecentos anos no Palácio Ducal de Veneza que representava esta cena — uma luz ao fundo de um túnel escuro, erguida por alguém de túnica branca. Os relatos concordam que alguém no espírito está visivelmente à espera para dar as boas-vindas e conduzir a um lugar de repouso, onde se dorme até haver recuperação suficiente e libertação da mente dos fardos da doença e da idade. Para alguns, o tempo de repouso é curto; para outros, é longo, muito longo segundo o nosso tempo, pois no espírito não há relógio — apenas estado ou condição.

O despertar chega, provavelmente de modo onírico ao início, com reconhecimento gradual do ambiente e das pessoas próximas que dão carinho e cuidado, treinadas para ajudar na adaptação a um mundo de dimensões reais e sólidas para os sentidos do corpo espiritual.

William Lang tem o cuidado de assistir todos os seus pacientes de cura depois da sua passagem, removendo quaisquer efeitos de doença física dos seus corpos espirituais. Existem hospitais no mundo espiritual com este fim — e que poderia ser mais apropriado para alguém que, estando consciente de estar num hospital na Terra, morre sem saber e desperta numa cama, tratado por enfermeiros e médicos que o tranquilizam e "curam" a sua condição; pouco a pouco é esclarecido sobre a sua morte e "recebe alta curado" para um novo começo.

Um dos casos de resgate no Círculo, relatado mais adiante, foi deste tipo: uma senhora com filhos a mais que estava a ter outro. William Lang disse-me que, embora George Chapman não tivesse formação médica, quando dorme o seu corpo espiritual é um médico num desses hospitais; não tem memória disso ao acordar, mas Lang disse que tudo lhe será devolvido quando ele próprio passar.

Após a introdução a esta nova esfera vem a aprendizagem de novas técnicas, incluindo um uso mais vasto e eficaz da mente, num mundo onde nem a distância nem o tempo são barreiras. Desenvolvem-se sentimentos muito mais sensíveis — poderíamos dizer que o poder psíquico é aprimorado — e, quando em estado adequado, e só então, chega outra fase: o julgamento. Com conhecimento prévio, pode ocorrer pouco depois da morte. Uma vez iniciado, o processo vai até ao fim e não pode ser impedido ou interrompido. Deus não pode ser evitado nem aplacado, e o modo de julgamento é idêntico para todos; sem favoritismos nem exceções.

Não há juiz como na lei da Terra, um homem talentoso mas falível que pode ser influenciado por opiniões. Não há defesa, porque não é possível defesa ou apelo à clemência. Não somos acusados, portanto não há acusação.

Estamos em isolamento absoluto, sem ninguém em quem nos apoiar. As leis de Deus aplicam uma justiça que tem em conta tudo, sem omissão, desvio ou ajuda; somos absorvidos e vemos de novo o filme desde o início. Reproduz-se cada palavra que dissemos, cada pensamento que passou pela mente, cada sentimento e ação, cada intenção. Sem tréguas, apenas a verdade, na qual estamos imersos e que exclui tudo o mais.

As alegrias e prazeres que outros tiveram como resultado da nossa vida são sentidos por nós em plenitude — agora pertencem-nos, porque fomos nós que os proporcionámos. As dores e tristezas que outros sofreram pela nossa vida também nos pertencem totalmente e também as experimentamos, porque somos responsáveis. O que acreditámos sobre a vida e Deus é muito menos importante do que o que fizemos ou deixámos de fazer com as nossas oportunidades. A crença foi relevante apenas na medida em que influenciou as ações e os serviços prestados aos outros.

O filme é seguido por uma representação cumulativa dos frutos da vida; suportamos e sentimos o peso de tudo o que foi menos digno e de tudo o que foi valioso. Fica gravado na nossa mente o valor de um contra o outro. A misericórdia de Deus é que não somos falsamente acusados nem responsabilizados por nada que não fosse da nossa responsabilidade, tendo em conta a nossa compreensão ou ignorância na altura. O desfecho final é de perfeita justiça — e quem poderá queixar-se disso? Contudo, a conclusão fica suspensa até que outra questão de história seja revista.

O nosso nascimento foi planeado antes da conceção. Pessoas no espírito deram relatos detalhados de como isto é organizado no além, e disseram que a Terra é uma escola de treino, um lugar de problemas e dificuldades para seres em evolução. Vivíamos no mundo espiritual e fazíamos uso das facilidades de aprendizagem e progresso disponíveis de acordo com a nossa capacidade, até que percebíamos que tínhamos chegado a um impasse.

Talvez nos demorássemos nesse estado de espírito, mas mais cedo ou mais tarde ficávamos insatisfeitos e frustrados. Identificávamos os traços específicos da nossa constituição que precisavam ser corrigidos antes de podermos avançar mais. Recebíamos ajuda de quem era mais sábio do que nós, e o conselho de que essas necessidades só poderiam ser supridas no tipo de vida existente na Terra, a escola de treino onde encontraríamos circunstâncias de grande impacto diretamente relacionadas com as deficiências que tínhamos de superar para evoluir espiritualmente.

Decidíamos então frequentar essa escola, e o assunto era retirado das nossas mãos: pessoas do espírito com as qualificações e experiência necessárias organizavam a nossa transferência e nascimento num

ambiente que, de uma forma ou de outra, embora não precisamente pré-ordenada, produziria as provas que viéramos enfrentar. Parte essencial da expedição era que a nossa memória fosse apagada, para começarmos aqui de folha limpa, cabendo-nos decidir o que faríamos dela.

Agora tudo isto encaixa. A memória é-nos devolvida e sabemos com que propósito viemos. Sabemos em que medida fomos bem-sucedidos e vemos o nosso recente episódio de vida terrena no seu verdadeiro contexto. O julgamento aproxima-se do fim e a nossa nova posição e ambiente no mundo espiritual ficam estabelecidos de acordo com o que ganhámos e merecemos. Este é o pano de fundo de todos os tipos de comunicação entre pessoas no espírito e os que estão na Terra.

A perspetiva esperançosa é a de que se abrirão novos campos para exploração e aprendizagem, para a aquisição de verdade, sabedoria, felicidade e maior evolução, juntamente com muitos amigos estimados e queridos.

Considero que a maioria dos comunicadores espirituais não terminou há muito tempo este julgamento, ou dito de outra forma, não progrediram muito depois dele, enquanto alguns podem ainda andar numa fase intermédia, e outros mal terão começado a sua aclimatação. Isto influencia certamente o tom da comunicação, caso consigam fazê-la.

Regra geral, os comunicadores regulares já passaram pelo julgamento e ajustaram-se ao seu novo meio com graus variados de progresso, mas conservam um forte impulso residual de se dedicarem ao serviço da humanidade, e ficam satisfeitos por saber que existem meios de o fazer. Alguns comunicadores disseram que isso implica um adiamento temporário da sua mudança para outras esferas de progresso, enquanto outros, incluindo William Lang, afirmaram que não.

Foi-nos dito que não há falta de pessoas no lado espiritual dispostas a treinar no trabalho de Círculos caseiros, mas há infelizmente uma escassez de Círculos adequados na Terra, onde pessoas psíquicas dispostas possam ser instruídas sobre como cooperar com eles.

Os organizadores de um Círculo são maduros em experiência e compreendem os membros, as suas capacidades e potencialidades inatas bem como as suas deficiências, estruturando o currículo em conformidade. Introduzem outros espíritos que se enquadram no plano, embora não tão conhecedores. O factor limitador é sempre a qualidade dos membros do Círculo. Se forem superficiais ou frívolos, então espíritos equivalentes conduzirão o Círculo; se procurarem sensação ou entretenimento, isso ser-lhes-á fornecido a um nível baixo por espíritos que encontram satisfação em

corresponder a tais desejos. O semelhante atrai o semelhante, dentro de certos limites. O “mexer por curiosidade” abre portas a espíritos igualmente ignorantes, que podem ser maliciosos e vingativos e tentar influenciar os membros. Há muitos que procuram continuar o modo de vida terrestre, sem saberem que morreram fisicamente. É como alguém abrir a porta de casa numa noite escura e convidar a viver consigo os primeiros meia dúzia de transeuntes que por ali passam. Podem ser afáveis no início, mas depois de instalados não querem sair.

Uma senhora que conheci pediu o meu conselho acerca da irmã, por quem estava preocupada. O irmão delas tinha morrido e tinham ido a várias demonstrações públicas de médiuns na esperança de o ouvir, mas sem sucesso. Com a melhor das intenções, mas de forma errada, tinham-se concentrado nele durante as sessões, desejando que aparecesse. Usaram também uma tábua ouija.

A irmã tentou a escrita automática um dia, sozinha, e funcionou — o escritor afirmava ser o irmão dela. Ela ficou tão encantada que, ao fim de pouco tempo, passava grande parte do dia a escrever sozinha. O tom do conteúdo mudou, passando da simpatia e lisonja a jogar intensamente com as suas emoções. Aconselhei-a a parar imediatamente, mas não o fez, por lealdade ao irmão. Depois a escrita começou a acusar o marido de visitar uma “amiga” nas noites em que deveria estar no pub local. Ela acreditou e confrontou o marido. Houve um grande abalo familiar. Mais tarde, ela falou em voz alta ao escritor, questionando-o severamente, e ele admitiu por escrito que não era o irmão.

Conheci outra senhora, amiga chegada, que teve experiência semelhante. O escritor não reclamava parentesco mas deu um nome e uma morada a mais de 160 km de distância. O marido dela, que tinha algum conhecimento destes assuntos, levou-a à cidade e descobriu que tal morada nunca existira. Quando confrontado, o escritor admitiu que era fictícia. Ela disse-lhe para se ir embora, mas continuou a escrever sozinha e, aparentemente, outro assumiu. Mais tarde, confessou ser o mesmo de antes. A nossa amiga, sabiamente, desistiu.

Não há perigo em Círculos onde se usa um mínimo de bom senso, com um forte e sincero desejo de aprender a verdade. Uma das verdades é que as pessoas não mudam de natureza, carácter ou opiniões pelo simples processo de morrer. Apenas passaram para outra sala, por isso tem de haver todo o tipo de pessoas lá — algumas muito encantadoras.

CAPÍTULO 19

UMA CASA ASSOMBRADA

Um homem falou pela Ivy durante mais de vinte minutos e disse ser o meu avô William Cross. Entre outras coisas referiu Arthur (que era meu tio; falecera cerca de quarenta anos antes) e disse que Annie estava com ele, uma tia-avó que tinha vivido em Morley, embora achasse que eu não me lembraria dela, o que era correto. Sei que, quando a minha mãe era rapariga, viveu em Morley, uma pequena cidade em Yorkshire.

Na verdade, o meu avô falou várias vezes demoradamente, e um pouco da sua biografia pode ser de interesse. Lembro-me dele e da minha avó quando, já com mais de setenta anos, por vezes pedalavam de bicicleta os 110 km entre Beverley, onde viviam, e Dewsbury, onde eu morava. Devia ter uns oito anos quando o vi pela última vez. Era muito alto e magro, a minha avó muito pequena e esbelta. Eram, respetivamente, o Diretor e a Matrona do Albergue de Beverley, nos tempos em que os vagabundos eram numerosos. Só podiam pernoitar uma noite e tinham de realizar tarefas, como rachar lenha, antes de poderem partir na manhã seguinte. Ambos foram elogiados em comunicações posteriores por muitos atos de bondade para com os pobres, especialmente a minha avó pela ajuda a mulheres indigentes.

O avô William disse que eu iria conhecer um jovem chamado Bob que pediria a minha ajuda. Aproximar-se-ia de mim através do meu trabalho diário no Colégio. Perguntei de que forma deveria ajudá-lo, mas William respondeu que isso dependia inteiramente de mim.

Um professor do Colégio mostrara interesse pelo Círculo caseiro e ouvira a gravação em fita que incluía a conversa acima. Não era do mesmo departamento que eu e trabalhava sobretudo num anexo do Colégio. Nove dias depois desse Círculo, e seis dias após a reprodução da fita, dois aprendizes de engenharia que frequentavam o Colégio uma vez por semana foram a esse anexo.

O professor encontrou-os no corredor e eles perguntaram-lhe onde poderiam encontrar um certo docente do Departamento de Estudos Gerais que lhes falara sobre fenómenos psíquicos. O homem por quem perguntaram não lecionava naquele anexo, pelo que o professor lhes sugeriu que fossem ao edifício principal e me procurassem. Conheci-os e um deles contou-me sobre um jovem casal amigo que estava a ter problemas com uma entidade espiritual em casa, em Upminster, e perguntou-me se poderia ajudá-los. Combinei uma visita.

Numa noite de verão fui a uma casa numa estrada principal em Upminster, geminada, solidamente construída em pedra, com as divisões habituais. Havia uma escada de madeira fechada que subia da cozinha para o andar superior. Tennant e Wynne viviam ali há poucas semanas, depois de algum tempo com os sogros em Southend, após o casamento. Wynne estava grávida; Tennant era trabalhador agrícola. Ambos com cerca de vinte anos, agradáveis e sensatos.

Pouco depois de se mudarem, começaram a sentir a presença de mais alguém na casa. Primeiro surgiram ruídos inexplicáveis — pancadas nas portas, nas paredes e debaixo das escadas. A porta entre a cozinha e a lavandaria, que fechava bem, abria-se sozinha. Wynne sentia-se particularmente observada. Estas manifestações intensificaram-se e, de vez em quando, alguém a beliscava quando andava nas lides da casa. Repetidamente, durante a noite, ouviam arranhar do lado de fora da porta do quarto e, de manhã, encontravam novos riscos na madeira, muito acima da altura a que um gato os poderia fazer.

Wynne via frequentemente gatos espirituais pela casa. Sabia que tinha capacidade psíquica e ambos conseguiam ver auras. Wynne disse que, quando ainda viviam em Southend, ele erguia-se na cama a meio da noite, adormecido, e falava numa língua estrangeira. Havia entre eles uma forte afinidade — quando Tennant estava no trabalho, sabia quando a mulher se sentia mal. Ambos começaram a ver, ainda que de forma imprecisa, a figura de um homem pela casa, suficientemente clara para perceber que era de baixa estatura, mas não para distinguir os traços faciais.

O pior de tudo era a atmosfera desagradável da sua presença, a sensação de antagonismo e de atitude vingativa. Perguntavam-se o que ele poderia tentar fazer, e a sua influência tornava-se cada vez mais forte e certa com o passar do tempo. Na semana da minha visita, Wynne desceu duas vezes de noite à cozinha. Em ambas encontrou o homem, tão ameaçador que fugiu de volta escada acima, em pânico.

À noite, quando estavam sentados na cozinha ou na sala de estar, em várias ocasiões Tennant levantava-se de repente e gritava: “Fui arranhado nas costas”. Isso tinha acontecido na véspera da minha visita, e ele tirou a camisa para mostrar três vergões vermelhos, cada um com cerca de meio centímetro de largura, que iam desde entre as omoplatas até à zona lombar. Destacavam-se nitidamente da cor normal da pele em redor e podiam ser vistos facilmente do outro lado da sala. Disse que desapareciam rapidamente, geralmente em dois dias.

Contaram-me que o homem aparecia regularmente ao anoitecer, por volta das nove, através da porta da sala de estar. A porta não se abria — ele

fundia-se com ela e depois ficava de pé diante dela na cozinha, onde quase toda a sua silhueta se tornava visível.

O amigo Peter, que me tinha falado no Colégio, estava presente na minha primeira visita e disse-me que nunca tivera experiências psíquicas, exceto naquela casa. O primeiro sinal era um tremor nas barrigas das pernas, enquanto estava sentado; depois espalhava-se por toda a perna direita, que não conseguia controlar de maneira nenhuma. A seguir, o braço direito tremia e ficava paralisado. Isto só acontecia na presença da entidade espiritual e durava quase exatamente uma hora de cada vez. Se mudasse de lugar, o tremor parava por pouco tempo e depois recomeçava. Chegou a mudar na noite da visita semanal habitual e não lhe aconteceu durante duas sessões, mas depois voltou a acontecer.

O gato jovem deles comportava-se de forma muito estranha quando o espírito se manifestava. Corria pela sala como se estivesse enlouquecido, batendo com a cabeça nas paredes e, sobretudo, contra a porta da sala de estar. Pensaram que tivesse ataques; ficou paralisado de um lado, por isso levaram-no a um veterinário, que fez um exame minucioso e não encontrou nada de errado.

Os vizinhos do lado viviam ali há quarenta anos, mas nada sabiam de assombrações anteriores, embora tivessem ouvido algumas das pancadas que Wynne e Tennant também experimentaram.

Os sogros tinham ido à casa e tentaram contactar o espírito, sentando-se a uma mesa e falando com ele. Eram espiritualistas, e o sogro alegadamente entrou em transe, o que, dizia-se, era capaz de fazer. O resultado foi nulo. Seguindo o conselho deles, Tennant fez uma pequena cruz de plástico e, durante algumas noites ao anoitecer, ergueu-a e ordenou em voz alta que o espírito partisse. Tennant contou que, nesse processo, a cruz branca de esferovite ficou preta. Estava bastante descolorada quando a vi sobre a lareira e parecia enegrecida de fuligem, mas não sabia em que estado original se encontrava.

Na noite em que lá fui, estávamos sentados a conversar na sala de estar quando, ao cair da noite, Peter disse que as suas barrigas das pernas estavam a começar a tremer. Houve uma queda nítida de temperatura. Continuámos a conversar. Uma hora depois, Peter disse que sentia a presença do espírito, que lhe aparecia diante da porta que dava para o vestíbulo de entrada. A mão direita de Peter estava gelada e a perna direita inteira tremia de vez em quando. Quinze minutos depois, Tennant disse que via vagamente alguém atrás da cadeira de Peter, e uma luz por cima. Peter tremia violentamente na perna e no braço direitos. Disse que sentia calor nas costas. Eu estava sentado ao lado de Peter e tive uma forte impressão

de uma personalidade atrás dele, mas nada mais. Após mais quinze minutos nessas condições, a temperatura subiu visivelmente, Peter deixou de tremer, tudo voltou ao normal e concordámos que o espírito já não estava presente.

A explicação habitual em tais casos é que a pessoa que morreu fisicamente na casa não se dá conta disso e tenta continuar a viver ali, fazendo o possível para se livrar dos estranhos que tomaram o seu lugar. Disse ao jovem casal que deviam ter a assistência de um médium experiente e sugeri Anthony Trevor, que conhecia como sendo uma pessoa prática e com os pés bem assentes na terra.

Telefonei-lhe no dia seguinte e ele aceitou de imediato ajudar, pelo que marcámos uma visita para dali a quinze dias. Entretanto, Peter telefonou-me a dizer que as coisas estavam muito piores — podia fazer-se algo depressa? Wynne estava muito perturbada e havia preocupação com o efeito sobre o seu estado. O sr. Trevor, com amabilidade, desmarcou outros compromissos para poder ir num domingo à tarde. O professor do Colégio perguntou se podia estar presente, por isso fomos três.

Anthony Trevor ouviu atentamente o que o casal tinha para contar, pedindo por vezes esclarecimentos. Estava muito pensativo, demorava-se, e dizia pouco. Depois pediu a Wynne que fosse com ele à cozinha, onde tiveram uma longa conversa. Depois teve outra sessão com Tennant. Reunimo-nos na sala e ele disse que os seus ajudantes espirituais lhe tinham indicado que havia um passado infeliz de carácter psíquico ligado à situação, que se tinha manifestado antes de os jovens se mudarem para a casa, e perguntou-lhes se tinha havido algo de invulgar. Contaram esta história.

Os sogros, com quem tinham vivido, iam regularmente a uma Igreja Espiritualista e persuadiram-nos a ir com eles a um Círculo Aberto semanal, que qualquer pessoa podia frequentar. Durante a reunião, Tennant caiu da cadeira aparentemente inconsciente. Houve grande alarme porque demorou muito a recuperar e, quando falou, disse que tinha desmaiado por ter sido estrangulado. Examinaram-lhe o pescoço e lá estavam, bem visíveis, as marcas de uma corda grossa em todo o redor. Não voltaram mais.

O sr. Trevor disse que essa era a ligação — a entidade espiritual tinha entrado com Tennant quando se mudaram para a casa. O nome dele era George e não tinha ligação com inquilinos anteriores. O médium disse que Tennant era psíquico, mas em estado completamente descontrolado, e estava psíquica- mente muito exposto. Ao ter participado no Círculo Aberto nesse seu estado normal, com a “porta psíquica” escancarada, recebia quase tudo o que aparecesse. O espírito chamado George, atraído à reunião, tinha-se-lhe ligado e não queria partir porque assim encontrava

oportunidade para procurar alguma retaliação ou vingança pelo tratamento que sofrera. George tinha sido enforcado por roubo de ovelhas duzentos anos antes e mantinha ressentimento e rancor contra a sociedade. Embora limitado nas suas capacidades, esse espírito retirava alguma satisfação em causar problemas na casa.

Anthony Trevor disse que, com a ajuda dos seus auxiliares, conseguira "falar" mentalmente com George e convencê-lo de que essa aventura estava definitivamente terminada, que havia pessoas junto dele que compreendiam os seus sentimentos acerca da sua morte e que o ajudariam a encontrar descanso e paz. Os ajudantes de Trevor tinham assumido o encargo desse espírito infeliz, que não regressaria. Relativamente a Peter, tinha sido importante porque George conseguira retirar dele muita da energia necessária para produzir efeitos físicos e materializar-se parcialmente, embora Tennant e Wynne também tivessem contribuído involuntariamente.

Explicou ainda que era bem sabido, no âmbito da mediunidade, que um recinto fechado ajudava muito à consolidação de poderes e forças requeridas para materialização, e George descobrira que podia usar o vestíbulo da porta da frente, onde se sentia mais forte; o casal raramente o usava porque a porta estava sempre trancada. Falou com muita seriedade aos jovens e disse que Tennant precisava de pensar verdadeiramente no que queria da vida, o que desejava fazer dela, e tomar decisões sobre os seus propósitos e direção. Estava então num estado mental intermédio, suscetível de ser influenciado tanto para o bem como para o mal, ou por ambos. O médium aconselhou que nenhum dos dois procurasse qualquer ligação com matérias psíquicas durante alguns anos, ou, em alternativa, que se afastassem completamente do assunto.

Algumas semanas depois, Daisy George referiu-se a este caso no nosso Círculo e mencionou que me tinha sido dado um nome errado para o jovem que me procuraria. Disse que tais erros não eram incomuns mas seriam sempre corrigidos — talvez um nome, um local ou uma data errados — e que era importante que assim fosse. Ninguém devia ser culpado disso; tudo se fazia através de equipamento mental e certos elementos podiam ser traduzidos de forma errada. O espírito George estava muito preso à Terra e os problemas não poderiam ter sido resolvidos sem a intervenção de um médium.

Doze meses mais tarde, soube por Peter que não tinha havido mais recorrências e que Tennant e Wynne estavam de partida da região, pois ele conseguira um emprego melhor. Não há dúvida de que os Círculos Abertos não deviam ser realizados. Reúnem uma mistura demasiado complexa de

capacidades psíquicas de níveis muito diferentes. Alguns participam por brincadeira ou entretenimento. O semelhante atrai o semelhante, e o tipo de espíritos que acorrem só pode ser de baixo nível, sem qualquer proteção. Um Círculo Aberto é altamente imprudente e perigoso para os que nele participam.

Um exorcismo requer um médium experiente e de personalidade forte; não há outra maneira. Os espíritos perturbadores precisam de ajuda, não de condenação, e essa ajuda não pode ser imposta. A tentativa de resgate é organizada do lado espiritual, com a cooperação essencial do lado terreno, mas só devem envolver-se aqueles que sabem, por conhecimento e experiência, que dispõem de proteção espiritual poderosa em tais circunstâncias. Não é tarefa para amadores.

CAPÍTULO 20

OS AUXILIARES ESPIRITUAIS ORGANIZAM O CÍRCULO

Ivy foi o instrumento de uma reunião surpreendente e extremamente divertida. Entrou em controlo e desatou a rir-se às gargalhadas, rebolando na cadeira, e em breve todos os membros riam com ela. Depois, uma voz feminina forte falou através de Ivy:
— Ai, ai, controla-te Daisy. Tenho de me acalmar.

E, com visível esforço, conseguiu até certo ponto. Disse que devíamos ser alegres no Círculo “e dar boas gargalhadas”. Estávamos muitas vezes demasiado sérios; a comunicação era mais fácil para eles se as pessoas simplesmente se rissem e se divertissem, acrescentando que o Chinês lhe tinha pedido para vir animar a reunião. Na semana seguinte voltou em nova explosão de riso e declarou que sempre gostara de uma boa piada. Depois de levantar de novo o ânimo do Círculo, disse-nos:

— Eu costumava deixá-los todos dobrados a rir. Tenho de voltar; nunca encontrei gente tão animada. Ai estas ilhargas, como me doem. Eu dizia muitas vezes à Gracie Fields — era grande amiga minha. Fui famosa no meu tempo. Fiz aquela mulher rir muitas vezes; costumava vir assistir ao meu número.

Daisy começou a cantar. Wallace achou tudo aquilo extremamente divertido porque Ivy não tinha qualquer capacidade para cantar. Daisy disse-lhe:

— Jovem, estou a ouvir-te rir. A Gracie dizia-me: “Sabes, Daisy, tu és um rapazola”. Pouca gente sabia que eu tinha um lado sério e que podia cantar ópera. Não sei o que dirá o velho Chinês quando eu regressar. Aposto que lhe ficaram os cabelos brancos. Ele vai dizer: “Não te mando mais”. Mas ele

é boa pessoa, estou só a brincar. Não achas que sei cantar, rapaz? Eu costumava cantar a *Madame Butterfly*.

Cantou um pequeno excerto e depois concluiu:

— É a voz dela, percebes, é a garganta dela. Não consigo alcançar as notas agudas. Diverti-me muito esta noite. Adeus.

Depois, Ivy disse que lhe doía o corpo todo e que a garganta lhe estava em ferida.

Num Círculo posterior discutimos sobre Daisy, o seu sexo e nome. Quando voltou a falar por Ivy achou imensa graça e contou-nos que sempre se metera em todo o tipo de tropelias; por exemplo, quando chegava a uma pensão teatral, apresentava-se como mulher, subia ao quarto e descia depois como homem, surpreendendo a senhoria. Disse que poderia dar o nome completo e seria fácil identificá-la, mas que, para este trabalho, queria manter-se anónima. Os nossos pais lembrar-se-iam bem dela, por isso pediu que aceitássemos o nome de Daisy George, que tinha ouvido alguém no Círculo sugerir quando falávamos dela, pois até gostava da ideia.

Daisy George, viva, humorada e também muitas vezes séria, foi uma das principais comunicadoras durante os três anos seguintes, dando conselhos úteis aos indivíduos sobre o seu desenvolvimento e muitas instruções de valor e interesse geral para o Círculo. Eis um resumo de alguns dos seus comentários:

A posição em que os membros se sentavam no Círculo era importante. Sempre que possível, homem e mulher deviam sentar-se alternadamente para conseguir uma fusão mais eficaz das suas forças, mas mais importante ainda era quem ficava em frente de quem. Alguns participantes, pela sua própria natureza, davam muito de si durante as reuniões para apoiar e ajudar os que se estavam a desenvolver, e desta forma contribuíam de modo essencial para o trabalho do Círculo, lembrando que os auxiliares espirituais podiam usar e reforçar esse fluxo.

Os que beneficiavam de se sentar frente a um “dador” nem sempre se apercebiam da fonte dessa ajuda. Dois dadores frente a frente tendiam a anular-se, não tirando proveito, mas também sem se desgastarem. Se alguém estivesse demasiado cansado ou em baixo antes da reunião, devia avisar o dirigente e pedir para se sentar ao lado de um médium em desenvolvimento em vez de em frente. As posições não deviam ser alteradas depois do início do Círculo, e o dirigente devia explicar em voz alta as alterações temporárias para que os auxiliares espirituais soubessem e pudessem evitar perturbações no trabalho.

No dia seguinte, um dador sentir-se-ia provavelmente cansado e sem energia, conforme a sua capacidade de dar e a medida em que foi solicitado. Não se podia encarar isto como simples fadiga de um esforço físico ou de falta de sono. Era importante não assumir que o lado espiritual estaria plenamente consciente do grau de esgotamento.

Problemas resultantes deviam ser relatados na reunião seguinte para que o espírito pudesse fazer ajustes, talvez adiando um tema ou limitando a duração das comunicações ou da própria reunião. Podiam pedir a um dador que, por uma noite, ficasse noutra sala. Em três ocasiões Anne foi aconselhada a fazê-lo e a não participar no Círculo seguinte. No entanto, salientava-se que ninguém devia ausentar-se, pois durante o descanso os auxiliares espirituais do Círculo dariam cuidados especiais conforme a necessidade.

Todos os membros deviam, dentro do possível, levar o dia do Círculo com calma e fazer uma refeição ligeira ao fim da tarde. Ninguém era suposto dar a ponto de prejudicar a saúde ou de não poder cumprir as responsabilidades diárias. Embora o espírito tomasse medidas para repor a energia usada, os participantes tinham de usar o seu discernimento e manter um equilíbrio razoável. A responsabilidade não devia recair inteiramente do lado espiritual.

No nosso Círculo, as principais fontes de energia eram Jean e, sobretudo, Anne — que invariavelmente sofria e muitas vezes não estava totalmente recuperada para a reunião seguinte. Não conseguia controlar o desgaste dos seus recursos, mas não desistia, apesar de, como sempre acontecia sob stress, os olhos lhe reagirem mal. Creio que dava tanto de si que não lhe restava reserva para o desenvolvimento de uma mediunidade específica. O Círculo nunca funcionava bem nas suas raras ausências.

Perle, um comunicador regular posterior, desenvolveu este tema dizendo que nenhum do poder psíquico que dávamos se perdia, e que, se nem tudo fosse necessário no Círculo ou se fosse mais urgente do lado espiritual para ajudar pessoas lá (serviço sobre o qual pouco ou nada saberíamos até passarmos para o outro lado, onde ficaríamos surpreendidos ao ver o que fora conseguido), então sempre se fazia o melhor uso dele. Noutra noite, um comunicador disse que podiam recolher e armazenar energia psíquica, e quando perguntámos como, respondeu com uma gargalhada: “Em sacos de plástico” — e essa foi a única resposta.

Perle disse que o Círculo era usado de outra forma. As nossas reuniões atraíam muitos espíritos inofensivos e errantes, que em vida pouco se tinham interessado por qualidades espirituais e agora viviam numa névoa mental cinzenta, sem princípio nem fim. Desejavam sinceramente um

caminho melhor e estavam prontos a ser ajudados, de modo que os trabalhadores espirituais podiam conduzi-los a um estado mental que, ao abrir-se, lhes permitia ver um clarão de luz agradável através da escuridão e sentir o desejo de se aproximar. Ao fazê-lo, muitos ouviam vozes que os deixavam ainda mais curiosos. A energia psíquica produzia luz e cor espirituais quando devidamente orientada, e o Círculo era o farol que podiam ver, e as nossas conversas no Círculo eram o que conseguiam ouvir. Sob os cuidados dos nossos amigos espirituais, isso marcava para essas almas o início do progresso e da compreensão da sua situação.

Fiquei particularmente satisfeito por saber isto, pois muitas vezes tinha visto clarividentemente pessoas de pé à volta do Círculo em filas de quatro ou cinco. Não havia cor nelas, apenas tons de cinzento, e observavam-nos atentamente. Algumas conversavam entre si, intrigadas, discutindo o que se passava. Outras afastavam-se, não suficientemente interessadas em ficar, mas iam falando umas com as outras, abanando a cabeça e olhando para trás.

Certa vez, Daisy George disse sobre a função do Círculo:

— Temos mais trabalho do nosso lado do que vós do vosso. Somos nós que tomamos a iniciativa, e devo frisar que tudo o que acontece neste Círculo, incluindo cada pensamento dos membros, fica registado aqui. Sabê-lo-ão quando vierem para o nosso lado. Não estão simplesmente sentados aqui, como possam pensar. Mantenham-se em harmonia, confiem em nós, não percam a fé.

— Quando estiverem sentados no Círculo, por vezes sentirão a presença do vosso guia a aproximar-se. Pode ser um arrepio, um tremor nas pernas ou braços, ou em todo o corpo. O vosso guia está então o mais próximo que pode estar e provavelmente perto o suficiente para assumir controlo, em circunstâncias adequadas, no Círculo. Outros sinais da sua proximidade podem ser sensações de calor ou frio. Os membros mais sensíveis sentirão isto, e surgirá de forma inesperada. Pode ser tão intenso que tremam da cabeça aos pés sem conseguir parar — mas não tentem. Não pensem “Ai, o que me está a acontecer?” porque isso é medo, e corta a vibração. É de grande ajuda respirar profundamente. Tenham em mente que estas ocasiões secam rapidamente os fluidos do corpo físico — ficarão desidratados — por isso bebam bastante água.

Surgiu ainda outra particularidade surpreendente. Na sala do Círculo havia um sofá e uma poltrona de pele que a minha esposa e eu tínhamos pensado dar ao nosso filho, juntamente com as cortinas, pois ele ia montar casa. Daisy George disse:

— Temos lido um pouco os vossos pensamentos e sabemos que querem tirar alguns móveis desta sala. Isso não é aconselhável. Preferíamos que deixassem tudo como está, mas se tiver mesmo de ser, por favor avisem-nos, e só poderão retirar uma peça de cada vez. E devo pedir que não mexam absolutamente nas cortinas; não as tirem sequer para sacudir. Tudo nesta sala faz agora parte do vosso Círculo, e se tirarem coisas, retirarão parte do vosso Círculo.

Mais tarde, outro espírito confirmou, dizendo ter ouvido que pretendíamos dar ao nosso filho um roupeiro que estava guardado na sala. Ele concordava com essa peça e ficava satisfeito por ser para o nosso filho, pois este tinha dons psíquicos, o que facilitaria o trabalho deles com a mudança. Mas também ele desejava que as cortinas e o tapete permanecessem. Parece enquadrar-se em investigações científicas e é razoável admitir que a energia gerada no Círculo, da qual sabemos tão pouco, tivesse influência sobre os átomos que compõem os móveis da sala. Mas não devo especular.

Daisy disse que o Círculo não devia deixar de se reunir, salvo por acordo prévio com eles. O compromisso com o espírito tinha de ser mantido, mesmo que apenas um comparecesse durante trinta minutos. Uma interrupção exigia reconstrução de três ou quatro semanas por cada semana de ausência total.

Noutra ocasião, Daisy salientou que eles não eram super-humanos e só podiam trabalhar com o material disponível no Círculo e sempre dentro das leis do universo, que os regiam a eles e a nós. Além disso, não vinham resolver todas as nossas preocupações e problemas. Primeiro, porque não eram competentes para tal; segundo, porque não era esse o seu propósito. Haveria ocasiões em que poderiam dar ajuda ou avisos, mas de nada servia preparar listas de perguntas pessoais e esperar respostas. Os problemas da vida cabiam-nos a nós resolver — esse era o objetivo de viver na Terra, e eles não podiam interferir.

Exemplo de ajuda espiritual sem prevenção

Permitam-me divergir para dar um exemplo de ajuda espiritual sem que tivesse havido prevenção.

Já vos aconteceu começarem umas férias com desastre? A alguns acontece-lhes ficarem estragadas por greves, hotéis inadequados ou por ações e descuidos de outras pessoas. No nosso caso, a culpa só podia ser nossa quando partimos para a Áustria a rebocar a nossa nova caravana, sobrecarregada, com um carro fraco, em plena vaga de calor. Tivemos todo o tipo de problemas. Deixámos comida e equipamento ao cuidado do

responsável de um parque de caravanas na Bélgica, e mais tarde deixámos a caravana ao cuidado do responsável de um parque na Alemanha, seguindo viagem a dormir no carro. Quando ficámos sem água no radiador e imobilizados numa autoestrada alemã, duas pessoas pararam voluntariamente e voltaram depois com água; o chefe de um grupo de jovens ingleses emprestou-nos uma tenda nova; duas vezes pessoas fizeram viagens de propósito para nos conduzir a parques de caravanas (um homem, nos subúrbios de Frankfurt, quando estávamos perdidos, fechou a ourivesaria mais cedo para nos guiar pela cidade até à entrada de um parque).

Recolhemos a caravana no regresso e não nos cobraram nada; passámos no parque na Bélgica para recolher os nossos pertences — a maior parte da comida oferecemos ao responsável — e também não nos cobrou nada por a ter guardado em casa; e assim sucessivamente. Visitámos ainda a Áustria e a Suíça e tivemos umas férias maravilhosas.

Na primeira reunião do Círculo após a viagem, Daisy George revelou que sabia tudo “daqueles acontecimentos”, como lhes chamou, e acrescentou:

— Quero dizer-vos que tiveram muita ajuda nessas férias; as coisas podiam ter corrido muito pior, mas regressaram sãos e salvos.

Voltando, depois desta digressão, aos métodos e exigências dos controladores espirituais do Círculo, acrescento agora algo sobre o desenvolvimento da faculdade psíquica. Três membros — Reg, a sua esposa Jean e a irmã Valerie — escreveram cada um um relato detalhado do seu progresso desde o início.

Reg já participava há um ano quando Daisy George lhe pediu para ter no Círculo um bloco de papel no colo e desenhar o que visse como imagem mental. Os seus desenhos evoluíram de objetos simples para rostos e figuras inteiras. Algumas das pessoas que retratou falaram em reuniões posteriores através de um médium em transe. Foi apenas um exercício para ele; tornou-se muito sensível no Círculo e sentia com precisão qualquer dor ou incómodo físico experimentado por cada membro durante a semana anterior. A seguir foi-lhe sugerido dar cura no Círculo, recebendo instruções para tal. Chegou a altura em que passou a praticar a cura em casa, a pessoas que o procuravam.

Jean desenvolveu-se mais lentamente, travada pelo desejo de ter absoluta certeza antes de admitir as suas impressões no Círculo. Daisy George ensinou-lhe como realizar exercícios de psicometria no Círculo e nas noites sociais mensais, mas isso terminou quando começou a ganhar proficiência em clarividência, que passou a usar para ajudar Reg no seu trabalho de

cura. A psicometria consiste em, através do manuseio de um objeto, receber impressões sobre o objeto ou o seu dono. Algumas pessoas são muito aptas nesta forma de mediunidade.

O caminho de Valerie foi diferente. Durante muito tempo, embora participasse com grande interesse, encontrava sobretudo uma paz interior nas reuniões, e a sua clarividência manifestava-se quando via total ou parcialmente o que Ivy via e descrevia. Depois começou a ver pessoas em detalhe, e também os ambientes em que tinham vivido na Terra, no trabalho ou em casa.

Nessa altura Daisy George interrogava-a de perto sobre o que via e começava a ouvir. Daisy pediu-lhe também que fizesse psicometria, como Jean, e incentivou-a a deixar-se levar, a flutuar pacificamente sem esforço, até sentir sono. Isso conduziu ao estado de transe. Nas primeiras fases, Valerie sentia sonolência, percebia a aproximação de uma personalidade benigna, que Daisy pedia para mover as suas mãos e braços, e depois para partir. Valerie sentia-a ir-se embora. Depois surgiu a fala através dela — e assim tornou-se médium de transe. Perle foi o seu principal comunicador.

O Círculo Doméstico estava formado. O Dr. Lang tinha razão.

CAPÍTULO 21

RESGATES

Já se perguntaram o que farão logo após morrer? Pouca gente o faz. Saberão que morreram? É uma boa pergunta, porque muitos não sabem.

O Círculo já se reunia há cinco anos quando Maria, de voz suave e delicada, que só falava ocasionalmente connosco através de Ivy, anunciou que o Círculo ia iniciar uma atividade inteiramente nova: seriam tentados “resgates”, para os quais tanto Valerie como Ivy seriam levadas a transe muito mais profundo do que antes. Explicou brevemente o papel que nos caberia.

Os organizadores do Círculo, reforçados por auxiliares espirituais especialmente treinados, trariam até nós espíritos em grande necessidade de ajuda, mas ainda tão próximos das condições terrenas que só poderiam ser abordados a partir do lado da Terra — e essa seria a nossa tarefa. Estariam numa fase em que podiam ser auxiliados, seriam conduzidos ao Círculo e habilitados a falar connosco através de Valerie ou Ivy. Alguns vagueavam em escuridão e silêncio, procurando as antigas ligações com a vida terrena, algo confusos e apenas vagamente conscientes da mudança, sem saberem que tinham morrido. Outros estavam presos às circunstâncias

trágicas do momento da morte, que dominavam a mente numa engrenagem de repetição com todas as emoções associadas.

As nossas duas médiuns de transe foram avisadas de que, nesse estado profundo, absorveriam os sentimentos dos visitantes a tal ponto que deixariam de ser elas próprias e quase se tornariam essa pessoa. Recordariam pouco ou nada depois, mas nada havia a temer. Receberiam proteção total, a recuperação seria rápida, e o visitante não seria autorizado a permanecer.

Reg e eu fomos designados para conversar com essas entidades espirituais, recebendo orientação de tempos a tempos. As regras gerais eram que todos os membros deviam manter viva uma profunda simpatia e desejo de ajudar, criando uma atmosfera a que o visitante pudesse responder. Tínhamos de manter a calma perante o sofrimento. Nunca teríamos aviso prévio ou informação, mas seríamos inspirados quanto à abordagem, geralmente persuadindo-os de que os problemas tinham terminado, que estavam agora num caminho de compreensão, paz e felicidade, acompanhados por pessoas visivelmente à espera para os ajudar. Não devíamos ser impacientes, críticos ou julgadores, e não devíamos estranhar que alguns rejeitassem a nossa aproximação. Aprendemos muito com a experiência de mais de cinquenta casos nos meses seguintes — raramente mais de um por reunião e às vezes nenhum.

As nossas palavras eram coisas como:

— Olá, bem-vindo ao nosso Círculo. Queres falar connosco? Somos amigos e queremos ajudar-te. Podes dizer-nos o teu nome? Aproxima-te e verás que será mais fácil falar.

Eles ouviam sempre, mas alguns achavam difícil responder, pois para eles era uma experiência muito estranha, tingida de incerteza ou receio. Contudo, desejavam falar com alguém.

Vários eram crianças. Uma começou em pranto, soluçando desesperadamente. Valerie levou as mãos ao rosto e chorou. Conseguimos saber que se chamava Angela, que estivera em escuridão e queria a Mãe. À medida que conversávamos, parou de chorar. Pouco depois, Angela viu luz, sentiu calor e avistou um grupo de pessoas, a quem disse: “Quero a minha Mãe”. Contou-nos que uma lhe pegara na mão para ser amiga e levá-la ao encontro da Mãe, e que por isso nos deixaria.

Outra, Kathleen, de doze anos, disse que usava tranças longas com fitas vermelhas, blusa branca, saia-calção azul-escuro, meias pretas e sapatos. Não conseguia levantar o braço direito “porque está paralisado”. Desejava tristemente tocar piano — sempre fora o seu sonho — mas “tinha de se

livrar deste braço". Contou que muitos médicos o tinham examinado, por isso eu disse-lhe que pediríamos a um médico especial que o tratasse: o Dr. John (um dos médicos espirituais de Reg). Kathleen respondeu:
— Dr. John, pode ajudar-me? Quero usar o meu braço para tocar piano.

Depois contou-nos que via um médico idoso, de bigode e cabelo grisalho, e ficou excitada e faladora porque estava a levantar o braço "pela primeira vez" (Valerie levantou o seu próprio braço), dizendo que agora estava leve e fácil de mover; que poderia pintar e tocar piano, pois ia a caminho da escola, embora sentisse frio. Disse que via árvores e saltitava alegremente pela estrada, rodando ambos os braços. No fim da estrada havia um grande edifício onde crianças entravam. Animadíssima, Kathleen disse que também ia entrar, que agora podia usar o braço e aprenderia a tocar piano. Deixou-nos com vários entusiásticos "Adeus".

Não havia uniformidade nos casos. Um era um soldado que acreditava estar preso debaixo de um veículo militar no deserto do Norte de África, na Segunda Guerra Mundial. Continuava lá, à espera de ajuda. Nós "levantámos" o veículo para que pudesse ser libertado e um oficial veio buscá-lo. Outro era um avarento que apareceu agarrado à sua caixa de moedas, que não queria largar por pensar que a queríamos. Esse foi o nosso único verdadeiro fracasso.

Um resgate difícil – a Sra. Stella King

Numa das reuniões, Valerie entrou em transe sem que ninguém notasse e fomos surpreendidos quando ela gritou de terror:

— Tirem isso, tirem isso, não quero ver o forno, vão-se embora, vão-se embora. Fiz uma coisa terrível, uma coisa muito terrível.

Estava muito agitada e tivemos dificuldade em acalmá-la, até que Anne lhe disse:

— Por favor, dá-me a mão e eu seguro-te.

Ao início recusou:

— Não posso ir contigo porque não consigo estar de pé.

Com alguma insistência acabou por aceitar, agarrou-se com força e disse que era reconfortante, pois estivera tanto tempo no escuro e sozinha. O nome dela era Sra. Stella King e tinha vivido numa bela casa perto da água, numa pequena cidade de Surrey com muitas lojas, numa época em que Lloyd George era Primeiro-Ministro. Stella voltou a perturbar-se:

— Vão-se embora, não quero ver. Fiz uma coisa terrível porque tirei a minha própria vida.

Não foi fácil acalmá-la e garantir-lhe que o forno tinha sido retirado por pessoas que compreendiam e queriam ajudá-la, que a sua terrível experiência tinha terminado e que agora podia entrar numa nova fase da vida. Ela própria disse:

— Está a ir-se embora — embora — embora...

E contou-nos que sentia o alívio de um grande peso levantado e que podia ver melhor o que a rodeava. Era bom, era maravilhoso — havia bosques lindíssimos, cobertos de campainhas azuis, e Sheila estava lá, para onde se dirigia, agradecendo-nos com ternura pela nossa bondade.

O caso de Jane

Um exemplo muito diferente foi o de Jane. Valerie estava em transe, emitindo sons ténues, talvez de alguém a tentar falar. Seguiu-se a conversa, as minhas palavras entre parêntesis:

(— Qual é o teu nome?)

— Jane.

(— Damos-te as boas-vindas à nossa reunião.)

— Não consigo ver ninguém.

(— Olha à tua volta, talvez consigas ver uma luz.)

— Sim, consigo.

(— De que cor é?)

— Azul.

(— A cor da cura, de sarar.)

— Não entendo.

(— Nós vamos ajudar-te. Talvez não te tenhas sentido bem.)

— Sou cega.

(— Então vamos tentar que a tua visão seja restaurada.)

— Não pode ser restaurada. Disseram-me que nunca mais veria.

(— Vais conseguir ver; ninguém fica cego para sempre. Vais ver agora — primeiro uma luz, talvez um brilho ténue ou um ponto muito pequeno — apercebes-te disso?)

— Sim.

(— Nessa luz consegues ver um rosto sorridente?)

— Não.

(— Um rosto belo e sorridente e duas mãos que vêm ao teu encontro para te ajudar a recuperar a visão e o prazer que tanto te faltou?)

— Sim.

(— Há ajudantes à tua volta e também pessoas queridas?)

— Sim.

(— Estende a tua mão e sente-a ser segurada com firmeza e amor.)

Valerie estendeu a mão e Anne segurou-a.

(— Vais com estas boas pessoas? Estás a caminhar com elas?)

— Sim, estamos mais perto.

De repente, com grande entusiasmo, bradou:

— Consigo ver o sol e o mar!

(— A tua visão está a voltar?)

— Sim, sim!

(— Consegues ver a praia?)

— Sim, e árvores, consigo ver o porto, consigo ver a casa onde vivi.

(— Os teus entes queridos estão a mostrar-te isso para provar que a escuridão passou.)

— Agora compreendo, vou dizer-vos “adeus”.

(— Vai com os teus amigos, tudo está bem.)

Despediu-se com emoção:

— Adeus e obrigada!

A mulher cansada e perdida

Outra visitante, exausta e abatida, disse:

— Estou aqui sozinha. Estou sozinha, a vaguear sem parar, sempre a entrar e sair do hospital. Sinto-me doente. Estou sempre grávida. Estou sempre a ter bebés. Não sei onde estou.

Não se lembrava dos nomes dos filhos, até que recordou que o último bebé se chamava Peter, e queixava-se de não o encontrar. Voltava sempre ao hospital. Agora havia com ela um homem engraçado; era estranho porque não o conhecia, mas via que era bondoso. Não se lembrava de onde morava nem de onde estava o marido, embora quisesse regressar a casa para junto da família. Apesar da escuridão, percebia que estava a receber ajuda e continuava a ver o homem.

Disse que não queria mais filhos porque já tinha demasiados. Começou a sentir-se melhor, o hospital a desaparecer, e ficou exultante ao descobrir que tinha agora um novo corpo. Já não estava grávida; tudo se tornava luminoso, via flores lindas; iam-lhe dando a mão e ia com aquele cavalheiro, voando, voando, voando para longe. Estava tão melhor, tão feliz, pois não teria mais filhos. Despediu-se do Círculo, a voz cada vez mais ténue, murmurando:

— Voando, voando para longe...

O fazendeiro australiano

Com exceção do avarento da caixa de moedas, só tivemos um visitante verdadeiramente truculento: um criador de ovelhas australiano que vivia isolado no interior, apenas com os seus cães. Deixou claro que detestava as pessoas, todas elas, por serem ávidas e gananciosas. Não confiava em ninguém e só preferia os cães. Queria ficar longe, sozinho. Conseguimos convencê-lo a ficar um pouco connosco. Não lhe faltavam palavras, mas a atitude foi-se suavizando à medida que falávamos e lhe mostrávamos que existiam pessoas altruístas. Também não era possível tirarmos qualquer vantagem dele, mesmo que quiséssemos. A sua hostilidade perdeu força e, pelas mudanças na voz e nas hesitações, parecia refletir. Quando partiu para continuar a vida no interior, talvez lhe tivéssemos plantado algumas sementes na mente.

O homicídio

Houve um caso muito diferente para mim: não só Valerie descreveu continuamente a cena, como eu próprio a vi clarividentemente (embora apenas tivesse clarividência dentro do Círculo). Além disso, Valerie recordou claramente depois, pelo que relato a sua história.

“Tomei consciência de estar numa sala ampla, bem mobilada. Eu era uma jovem de vinte e poucos anos. A sala tinha um conjunto de veludo castanho-escuro, de braços largos, e uma cadeira perto de uma janela francesa aberta. Estava sozinha, de pé sobre um grande tapete diante de

uma lareira de azulejos bege. Vestia blusa branca de gola Peter Pan, casaco preto de malha, saia tartan escura — aspeto de secretária. Era domingo de manhã, ambiente descontraído de casa de família, e eu estava feliz. Virei-me para o espelho sobre a lareira, gravado com flores, e tive de ficar em bicos de pés para me ver, pois era baixa. Tinha um pente na mão e penteava o cabelo ruivo com calma.

Peguei numa escova e vi refletido no espelho o meu pequeno relógio de ouro, de mostrador redondo, preso ao pulso por fita de seda preta. Também vi, à direita, a janela aberta, com cortinas de chintz compridas, encostadas mas não tanto que escondessem o padrão de flores vermelhas e folhas verdes, descendo até ao soalho de carvalho polido. Além, no jardim, via-se relvado e flores ao sol, uma vista muito agradável. Tudo era calmo, pacífico, feliz.

De repente, no espelho, apareceu um homem vindo do jardim e parou na janela. Não sei se o conhecia, mas foi um choque enorme. Virei-me e vi, aterrorizada, que apontava-me uma arma. A boca abriu-se mas não saiu som; ouviu-se um estrondo. Senti um embate no peito, calor, queima, e depois escuridão total.

A seguir dei por mim a gritar de medo, mas ouvi uma voz a confortar-me e a assegurar que tudo ficaria bem. O orador disse que ele e outros se tinham reunido especialmente para me ajudar. Não consegui dizer o meu nome, tal a tensão. Convidou-me a sair da sala e ir para o jardim. Assim fiz, e fiquei surpresa e tão contente por ver lá a minha mãe, falecida quando eu era criança. Ela acenou-me e fui até ela, despedindo-me do homem que me falava."

Esse homem era Reg.

Quando a jovem partiu, Valerie sentiu a própria cabeça e ombros levantarem-se e encontrou-se de novo no Círculo, tentando adaptar-se. Normalmente era assim após um "resgate", mas desta vez ainda sentia o medo e o peito pesado, custando a respirar. O Círculo cantou algumas canções alegres, a atmosfera limpou-se e Valerie recuperou.

Lily, a noiva

Os membros estavam descontraídos entre eventos, sentados em silêncio, quando Ivy disse ver uma jovem a andar pela sala, vestida de noiva, com longo vestido de cetim e tiara na cabeça. Ivy sentiu a sua aflição. Sugeri que pensássemos em Valerie para dar à jovem a oportunidade de falar, mas foi Ivy quem entrou em transe.

Uma voz feminina clara, muito diferente do sotaque de Essex de Ivy, disse:

— Boa noite. Sou Lily, a noiva, e encontrei o caminho até aqui. Acredito que talvez encontre aqui alguma ajuda. Sou uma noiva e tenho estado à espera de me casar há vários anos, mas continuo a ir à Igreja e não está lá ninguém. Sei que passei por alguma mudança, e no entanto ainda estou viva, ainda sou a mesma, a mesma pessoa. Estou igual, com o meu vestido de noiva e as minhas flores, mas não encontro o meu noivo, aquele com quem ia casar. Vou à Igreja e não há ninguém. Disseram-me que, se encontrasse uma luz, devia segui-la, e foi isso que fiz. Segui-a até aqui, e quero muito casar, quero encontrar o meu noivo e não sei por onde começar a procurar.

(— Talvez possamos ajudar-te.)

— Espero bem que sim.

(— Tens alguma recordação de um acidente?)

— Não propriamente. Apenas que estava a caminho da casa do meu noivo e, de repente, tudo ficou escuro e parecia que estava em coma; quando despertei parecia que estava sozinha — ninguém, só eu — e olhei para mim e vi que estava vestida de noiva. Lembrei-me então que ia casar e chamei pelo meu noivo, que se chama Tommy, mas nunca o consegui encontrar.

(— Não sabemos de momento onde está o Tommy, mas é possível que tenha havido um acidente no caminho e que tenhas mudado de estado. Tu, como pessoa, não morreste, e onde estás agora, no lado espiritual da vida, há mais possibilidades, mais felicidade, do que temos aqui. Nós, que nos reunimos aqui para tentar ajudar-te, ainda estamos na Terra.)

— Não sou feliz. Estou muito infeliz.

(— Compreendemos, e sem dúvida sentes-te perdida neste momento.)

— Estou perdida.

(— Queremos ajudar-te, e há pessoas, não muito longe de ti neste momento, que também querem ajudar-te — foram elas que te trouxeram aqui.)

— Por vezes vejo pessoas mas, quando tento aproximar-me, desaparecem. Não lhes consigo tocar. Parece que fogem de mim.

(— Vamos ver se conseguimos mudar isso, se conseguimos ajudar-te a encontrar pessoas, a conhecê-las e falar com elas, e pedir-lhes que te acompanhem até à Igreja.)

— Eu ia casar-me às três horas, lembro-me bem. Ia casar-me lá.

(— Sabes a data?)

— Foi num sábado, no mês de janeiro, não consigo recordar o dia — mas tinha acabado de fazer 21 anos e o meu noivo tinha 22.

(— Em que ano foi?)

— Foi há muito tempo, e o meu noivo estava nas Forças Armadas.

(— Então foi durante a guerra.)

— Ele tinha licença especial para vir casar comigo, mas quando cheguei à Igreja não estava lá ninguém.

(Comentário: neste momento tive a primeira impressão consciente neste caso, e a imagem foi tão clara que ainda hoje a recordo sem consultar as notas. Estava de pé sobre a relva, à beira de uma estrada que ficava atrás de mim. Ao lado começava um caminho asfaltado preto, perpendicular à estrada, com cerca de 2,5 metros de largura e 15 de comprimento, que ia dar a outro caminho paralelo à estrada. Voltando à esquerda, um pouco mais à frente, do lado direito, havia uma igreja de pedra bem construída, com uma torre alta, rodeada de relva curta e delimitada por caminhos. Para além da igreja, outra estrada paralela à primeira e, mais distante, uma linha de edifícios desfocados. Lily estava ao meu lado, vestida de noiva, e ambos observávamos a cena. A porta aberta da igreja, sob a torre, ficava voltada para nós. É possível que esta imagem me tenha sido apresentada pelos trabalhadores espirituais como símbolo, sabendo que serviria ao propósito, e não como representação exata da igreja onde Lily deveria casar-se. Acrescento que não sabia se Tommy já tinha falecido — podia ter casado com outra pessoa — por isso tive de ser cauteloso.)

(— Consegues ver alguma coisa agora?)

— Consigo ver a igreja. Estou sempre a ver a igreja.

(— Vamos entrar na igreja para ver se alguém está à tua espera, um amigo? Talvez alguém que ainda não conheces. Queres entrar?)

— Estou a ouvir a música do órgão a tocar.

(Comentário: agora via apenas a entrada da igreja, mas de muito mais perto.)

(— Está alguém logo à entrada com a mão estendida para ti?)

— Parece haver muitas pessoas reunidas na igreja, mas quando me aproximo desaparecem.

(Comentário: provavelmente isto acontecia durante os ofícios dominicais.)

(— Está alguém agora na porta a sorrir e a dizer: “Bem-vinda, minha querida”?)

(Comentário: tive a impressão que sim, mas Lily não o percebia.)

— Não consigo ver a cara de ninguém. Estão todos de costas. Estou a caminhar pelo corredor central.

(Comentário: eu estava agora com Lily no fundo da igreja. Olhando ao longo do corredor, vendo pessoas sentadas, vi um ministro de batina preta e sobrepeliz branca, perto do altar, que observava Lily. Tinha a mão esquerda levantada à altura do ombro, segurando um castiçal com uma vela acesa.)

(— Está alguém à frente da igreja à tua espera?)

— Sim, parece que o pároco está lá agora. Consigo vê-lo, mas é muito diferente do que eu imaginava. Talvez seja outro pároco, não o que eu conhecia.

(— Não é o pároco que conheces, ele mudou. Este é o amigo que vai ajudar-te.)

— Sim. Parece muito bondoso.

(— Estende-te as mãos para te receber?)

— Sim. Tem uma luz, uma vela numa mão, e está a acenar-me para ir até ele.

(— Vai, ele levar-te-á até uma luz maior. Vai afastar-te da tristeza; agora vais encontrar felicidade.)

— Quero encontrar o Tommy.

(— O pároco vai contar-te tudo sobre o Tommy. Ele poderá explicar-te a situação. Sabe muito mais do que nós. Queres ir com ele?)

— Sim, quero, porque quero descobrir o que aconteceu.

(— Ele explicar-te-á, falar-te-á do Tommy.)

— Obrigada. Sinto-me a mesma, estou igual, mas sei que algo não está bem porque não consigo tocar nas pessoas como antes.

(— As pessoas em quem tentaste tocar estão deste lado da vida, o lado da Terra. Queremos que olhes antes para o lado espiritual, para os ajudantes, os anjos da vida. São eles que podem ajudar-te.)

— Sim.

(— E o pároco é um deles.)

— Sim.

(— Ele quer especialmente que vás com ele. Tem grande amor e compreensão; conhece todas as circunstâncias da tua vida e veio ajudar-te. Vais com ele?)

— Sim. Parece muito bondoso.

(— É, e é sábio.)

— Sim.

(— Poderá explicar-te muitas coisas.)

— Vou tentar fazer o que dizes. Estou a tentar encontrá-lo.

(— Vais com ele?)

— Sim. Está a chamar-me e a acenar-me, mas parece uma distância enorme para atravessar o corredor. Parece que se está a afastar.

(— Não queremos que isso aconteça. Queremos que te aproximes depressa dele, da luz. A tristeza ficou para trás — esquece-a por agora. Olha em frente, segue o pároco. A felicidade está lá. Não hesites. Vais rapidamente até ele?)

— Estou a tentar apressar-me. Estou a tentar alcançá-lo.

(— Rápido. Não hesites.)

— Sim, estou a aproximar-me dele. A igreja ganhou vida e todas as pessoas estão a olhar para mim.

(— Agora estás a conseguir, minha querida.)

— Sinto que agora vou encontrar o Tommy.

(— Era isto que esperavas.)

— Sim. Quero tanto casar com ele.

(— O pároco vai cuidar de ti agora. Vai dar-te orientação e conselho.)

— Sim. Obrigada. Sinto-me uma noiva tão bela agora. Sinto-me de novo viva.

(— Sim, és mesmo.)

— Obrigada, obrigada, meu amigo.

(— De nada.)

— Vou partir.

(— Deus te abençoe.)

(Comentário: Lily começou a recair no seu estado de infelicidade quando disse que o pároco parecia afastar-se cada vez mais, e foi necessário incentivá-la a avançar. Se tivesse regredido, poderia ter demorado muito tempo — pelos nossos padrões — até ter nova oportunidade de progresso.)

CAPÍTULO 23

O PADRE

Alguém disse:

— Meu Deus, sentem isto?

A sala do Círculo era muitas vezes fortemente carregada de energia psíquica, que nos estimulava e fazia sentir uma atmosfera espiritual elevada, que não era criada por nós. Mas desta vez foi diferente — estávamos a prosseguir como de costume quando houve uma súbita mudança no ambiente calmo, e a força da energia aumentou várias vezes, parecendo até ter pressão física, sinal de que todos tínhamos sido solicitados de forma excecional. O que iria acontecer? Não havia excitação nem batimentos cardíacos acelerados, apenas expectativa.

Wallace entrou em leve transe e o seu orientador disse com urgência:

— Vamos, Ivy, vamos, vamos, depressa.

Ivy estava a entrar em transe, mas não tão rapidamente nem profundamente quanto era necessário, por isso a entidade espiritual que falava por Wallace, que não conhecíamos, pediu-nos que déssemos as mãos e transmitíssemos força a Ivy. Ela tremeu como de frio, respirou profundamente algumas vezes, e mergulhou em transe profundo. Os lábios moveram-se e, da sua boca, surgiu a voz alta, culta, bem modulada de um homem — profunda e clara, com dicção perfeita, intensa de emoção em cada palavra — ao começar a recitar o Salmo 23:

“O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.

Deitar-me faz em verdes pastos; guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.

Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam...”

Parou, fez uma pausa e, em desespero e agonia, disse:

— Não há regresso, não há volta atrás.

Todos estávamos imóveis, presos a cada palavra e a pensar no que viria a seguir — se fosse um caso de resgate, nunca tínhamos tido nada semelhante. Wallace mantinha-se em transe ligeiro e o seu guia assumiu a conversa:

(as perguntas do grupo vêm primeiro; as respostas do visitante estão recuadas)

— Diz-nos quem és.

— Não há volta atrás.

— Diz-nos quem és.

— Estou a pensar, a tentar.

— O que foste na Terra, o que fazias?

— Lia a Bíblia. Pregava muitas coisas, mas estava errado.

— Onde pregavas?

— Só encontro agora a verdade, nesta nova terra.

— Lembras-te de quem és? Tenho a certeza que sim.

— Não. Não me lembro.

— Lembras-te de onde vivias?

— Lembro-me da igreja de St. James.

— Em que cidade?

— É longe, onde a terra era verde.

— Inglaterra?

— Inglaterra? Não sei o que é Inglaterra.

— Irlanda?

— Não sei.

— Escócia?

— É isso que tenho de descobrir. É por isso que continuo a procurar.

— Já recordas o teu nome?

— Estou a tentar encontrar.

— Recordas onde na Escócia pregavas?

— Sinto tanta pena pelos milhões de pessoas a quem ensinei. Ensinei-os errado.

— A que fé pertencias?

— Não me lembro.

— Era uma igreja?

— Estou muito perdido, muito perdido.

— Estamos aqui para te ajudar.

— E quero encontrar a minha casa.

— Estamos todos aqui para te ajudar esta noite, e também os muitos que te rodeiam. Se olhares, verás esses amigos e entes queridos que se aproximam para te tirar das trevas para a luz, e o sol cairá no teu rosto e tu verás.

— Sim? A única coisa que consigo ver é o meu livro, o meu livro de oração e de ensino.

— Fecha o teu livro e olha ao redor, porque Deus é amor, e os teus amigos aqui contigo sabem que, no teu coração, nunca tiveste intenção de errar — e é isso que importa. O que conta é o que está no coração, não o que foi pregado.

— Tenho um longo caminho a percorrer.

— Sim, mas já começaste o caminho.

— Sim, mas ainda não encontrei.

— Se estenderes as mãos, serás erguido.

— Não vou encontrar. Não consigo encontrar. Não consigo.

— Estende as mãos.

— As minhas mãos seguram apenas uma coisa: o meu livro de ensino.

(Anne interveio aqui e disse:)

— Queres dar-mo a mim, para que te ajude a carregá-lo?

— Não quero separar-me dele.

(Comentário: Anne estendeu as mãos e estas caíram de repente sobre os joelhos, imóveis. Mais tarde contou que sentiu como se um grande peso

tivesse sido atirado sobre elas, forçando-as para baixo, sem conseguir mover parte alguma devido à pressão. O guia de Wallace prosseguiu:)

— Não é este livro que está errado, é a interpretação.

— O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.

— Estamos contigo em todos os momentos.

— Enquanto for guiado por Ele, não errarei.

— Ele não falhará contigo, nem os amigos que te rodeiam.

— Tenho de O encontrar.

— Sai das trevas para a luz.

— Não O encontro aqui.

(O guia tornou-se mais firme e imperativo:)

— Sim, irás encontrá-Lo; estende as mãos, abre os olhos.

— Não consigo encontrá-Lo.

— Dá o primeiro passo. Vem pela ponte para o jardim do Éden. Vamos, anda. Os teus amigos estão aqui de braços abertos. Muito amor te é enviado, porque no teu coração não erraste — e é isso que conta.

— Estou a tentar acreditar.

— Tens de acreditar; é verdade.

— Estou a tentar.

— Esquece o passado.

— Ainda tenho as minhas vestes.

— Deita fora as vestes.

— E a corrente ao pescoço.

— Deita fora a corrente.

— Eu fui um Padre.

— Não há correntes.

— E o meu trabalho era para Deus.

(— Ainda podes trabalhar para Deus deste lado, mas de uma forma diferente. Podes ajudar os Ministros na Terra a seguir os ensinamentos corretos, como tu próprio terias feito se os tivesses conhecido.)

— Estou a ir-me embora.

(Comentário: o Padre começava a resvalar novamente para a lama do desespero.)

(— Vamos, vamos, tens de ir.)

— Sinto-me muito mais feliz. Estou a ir-me embora. Não consigo encontrar.

(— Vamos ajudar-te. Vem até nós. Procura aqui — aqui está o amor.)

(De repente, a voz e atitude do Padre mudaram como se tivesse feito uma descoberta maravilhosa. Outro membro do Círculo estava agora sob controlo — eram já três — e o comunicador habitual através dele, Robert, assumiu a conversa.)

— Consigo ver uma estrela. Consigo ver uma estrela. Está a ficar mais brilhante. Esse é o começo.

— Está a ficar enorme. É tão grande! Oh, é tão luminosa, tão imensa.

(— Estás a encontrar paz.)

— Sim. Estou a ser atraído para esta estrela. É como um diamante a brilhar. Lindo.

(— Estás a aproximar-te?)

— Sim. Consigo vê-la.

(— Tenta um pouco mais.)

— (Com dúvida) Para onde me levará?

(— Para junto dos teus entes queridos, numa terra maravilhosa, onde encontrarás paz de espírito.)

— Quero voltar à Terra. Quero voltar à Terra.

(— Lá não há paz.)

— Não há paz.

(Robert, que era normalmente forte e decidido, tornou-se agora mais imperativo.)

— Vem comigo. Vem, vem.

— Oh, homem! Oh sim! Sim, agora consigo ver-te.

— Sim, oh homem, vejo-te.

(Comentário: até este momento, embora o Padre conseguisse conversar, ainda não tinha visto ninguém.)

(— Os teus amigos estão contigo.)

— Oh, tu és a estrela!

(— Sim. Vem comigo.)

— Tu és a estrela; consigo ver-te.

(— Eu queria que me visses.)

— Oh, vieste encontrar-me!

(— Sim, vim para te levar.)

— Irei contigo, amigo, irei contigo.

(— Sim, preparei o caminho.)

— Oh sim, sim! Sim, irei contigo, amigo, irei contigo. A luz desceu, a luz veio. Graças a Deus.

— O Senhor é o meu pastor.

(— Agora tens muito trabalho a fazer.)

— Tenho, tenho. *(com convicção)*

(— Agradece a estas pessoas no Círculo por te terem ajudado.)

— Agradeço. Digo em oração: “Deus vos abençoe”.

(— Consegues dizer-nos quem foste, antes de ires?)

— Não consigo lembrar.

(— Não faz mal.)

— Acho que estou a lembrar-me. *(devagar)*

(— Sim, força.)

— Eu era o Reverendo Gordon Gosling.

(— Onde pregaste?)

— Era padre católico romano.

(— Sim, mas onde ensinaste?)

— Ensinei em St. James, James’s... St. James, sim.

(— Onde era isso?)

— Onde os campos são verdes.

(— Conta-nos mais um pouco.)

— Perto da água.

(— É perto da cidade?)

— Creio que sim, sim.

(— Vá lá, diz-nos mais.)

— Não consigo.

(— Estas boas pessoas no Círculo trabalharam arduamente por ti, muito, porque te amam.)

— Oh, eu sei, sim, percebo.

(— Consegues dizer-nos quando partiste?)

— É difícil.

(— Eu sei que é, é difícil para todos nós.)

— Eu era um homem muito idoso.

(— Quando partiste?)

— Há muitos, muitos anos, muitos anos.

(— Consegues dizer-nos o ano?)

(Gemeu, como se o esforço fosse demasiado.)

(— Consegues dizer-nos quem era o Primeiro-Ministro?)

(Continuou a gemer.)

(— Vá lá, diz-nos quem era o Primeiro-Ministro, tu sabes isso.)

— Não sei.

(— Era o Balfour?*)

— Não sei.

(— Quem era o Cardeal?)

— Não sei, já foi há tanto tempo.

(— Disparate.)

— Consigo ver a Rainha Vitória, consigo vê-la.

(— Chegaste a encontrá-la?)

— Tenho de ir. Sinto que devo ir.

(— Sim, está bem. Foste muito gentil.)

— Estou muito mais feliz, mas muito cansado. Sou um homem muito velho, muito velho.

(Ray interveio aqui e disse:)

— Há muito amor contigo.

— Obrigado, obrigado, meu amigo, e adeus.

(Para Robert)

— Tu és a minha estrela-guia, a quem seguirei. Seguirei essa estrela.

(— Despede-te destas pessoas.)

— Direi boa noite.

* O Rt. Hon. A. J. Balfour foi Primeiro-Ministro de 1902 a 1905. A Rainha Vitória faleceu em 1901.

ALGUNS PROBLEMAS

Os livros de ou sobre médiuns que li, em grande parte, relatam histórias de sucesso notável, de progresso repentino ou contínuo e suave — clarividência e clariaudiência de primeira ordem, conversas com pessoas no espírito e declarações iluminadoras sobre o propósito da vida transmitidas por médiuns em transe, as vozes de entes queridos surgindo claramente através de um megafone ou trombeta ou simplesmente do espaço da sala, objetos vindos de outros quartos, de outros lugares ou países, depositados no colo de alguém, metais dobrados e objetos movidos sem contacto físico, materialização de rostos, mãos ou de um corpo inteiro, vozes registadas em gravadores ligados em silêncio, etc. etc., tudo verificado vezes sem conta, em vários países e épocas, por cientistas e outras pessoas experientes e qualificadas.

Nas minhas leituras encontrei muito pouco sobre fracassos, frustrações, retrocessos e desilusões na busca psíquica de indivíduos — mas tenho a certeza de que existem. Eu próprio testemunhei mediunidade exemplar assim como medíocre, tanto em palco público como em sessões privadas — consultas pessoais com médiuns que se atrapalharam, baralharam e falharam. Felizmente, os primeiros que conheci foram George Chapman e William Lang.

A mediocridade de muita mediunidade, embora honesta da parte do médium, é lamentada por quem tem uma compreensão sólida do assunto. E, claro, abre terreno fértil a chamados investigadores “especialistas”, com mentes enviesadas, que pretendem pré-qualificar o fenómeno exigindo respostas a preto e branco às suas perguntas “não-me-engana”. Estão completamente desencontrados da realidade espiritual. Como o aluno sem intenção de aprender que, pela atitude e postura perante os professores, julga justificar-se posando: “Vá lá, você é que é o inteligente, ensine-me”, e fica à espera do milagre.

A inevitável exposição mediática resume-se ao óbvio — cortar o filme em trechos para impor uma impressão. Mas o auge da insensatez é a introdução de um mágico profissional ávido de publicidade para exibir a sua perícia na arte confessada do engano. Tão sensato como supor que, porque um ventríloquo consegue demonstrar realismo com um boneco, todas as pessoas que falam e se movem são bonecos.

Ninguém, deste lado ou do lado espiritual, tem obrigação de “provar” seja o que for a quem não quer ou não consegue compreender a evidência. Os espíritos não têm tempo nem energia a perder com tais pessoas. Nem eu. Mas a enxurrada de ignorância “inteligente” pode confundir muito os principiantes.

Perguntas surgem para as quais não há resposta. Não fico satisfeito quando oradores espirituais dizem que não explicam porque não seria entendido e envolve assuntos que não concebemos. O meu sentimento é: “Experimentem-me”. Por exemplo: quem pode explicar os curadores das Filipinas? Muitos especialistas em cirurgia, medicina, direito, psicologia, psiquiatria, etc., em grupos ou individualmente, de quase todos os países, visitaram-nos com câmaras, filmes, gravadores, para investigar esses habitantes não instruídos que praticam curas contadas às centenas.

Como em quase tudo, também houve falhanços e tratamentos pouco convincentes. Os métodos e êxitos dos melhores curadores são quase inacreditáveis — quase — mas os testemunhos e relatórios dos investigadores confirmam a sua veracidade. Vi pessoalmente dois filmes a cores, mostrados em privado por um advogado alemão, de tratamentos de dois destes curadores, filmados por ele a menos de sessenta centímetros de distância.

Em dois ou três minutos, usando apenas as mãos, faz-se uma incisão no corpo físico sem dor nem anestesia; o sangue corre, o tecido ofensivo é retirado e colocado numa taça, o sangue limpo — e não fica sinal da incisão. Ou então a incisão visível é feita passando a mão nua sobre o

corpo, ou apontando o dedo a sessenta centímetros de distância. E isto é apenas parte.

Muitos pontos de interrogação têm de ser pendurados na parede da mente e mantidos lá em suspenso, na esperança de que, com mais experiência e compreensão, venham a ser resolvidos. Essa parede nunca fica vazia.

O lado espiritual também enfrenta dificuldades. Os nossos amigos disseram-nos que encontram mais obstáculos à comunicação do que nós. Os meios de comunicação noticiam incessantemente pessoas de má índole, que se comprazem em malícia e violência contra os outros por qualquer ou nenhum motivo. Levam consigo essa natureza distorcida ao morrer, juntam-se a semelhantes, surgem líderes, e o seu poder combinado para o mal é enorme contra todos os que se lhes opõem.

Pode travar-se um forte confronto de vontades entre eles e os organizadores e apoiantes de um Círculo doméstico, para impedir a intrusão. Com tristeza e pesar, nunca com raiva, perante tal ignorância, os controladores espirituais de um Círculo sólido conseguem sempre unir forças e assegurar que as barreiras fiquem muito afastadas, garantindo proteção total. Falaram pouco disto, mas repetidamente nos asseguraram que nunca deveríamos ter medo ao reunir-nos.

Noutro tom, certa noite, tivemos uma breve clarividência e depois uma comunicadora regular disse que não podia ficar, pois havia muitas almas necessitadas de ajuda urgente, e o Círculo deveria encerrar mais cedo. No dia seguinte, as manchetes noticiavam uma grande perda de vidas na véspera, num acidente aéreo.

Dentro do Círculo, membros com experiência prévia podem ser problemáticos quando têm dificuldade em adotar novos métodos. Há o espiritualista de igreja, para quem a experiência espiritual se baseia no culto dominical, e que, pelo seu viés, acha que o Círculo deveria ter orientação religiosa de igreja. As religiões e igrejas, com os seus rituais, são para quem as escolhe, e para muitos são suficientes — talvez necessárias.

Assim seja. Tivemos dois membros assim — ele tinha alguma mediunidade de transe e logo quis que abandonássemos os conselhos e ensinamentos recebidos do espírito ao longo dos anos, sustentando que tínhamos sido enganados; a esposa, clarividente, concordava. Não ficaram muito tempo.

Uma vez adiantámo-nos antes da aprovação final do espírito e aceitámos um casal, ambos psíquicos, ele com experiência em transe. No Círculo, ela pressionava-o em sussurros para se pôr sob controlo, o que nunca aconteceu. Depois das reuniões expressava ideias estranhas e deixava-se atrair por grupos marginais extravagantes. A sua passagem foi curta. O

pobre homem estava doente, e quando se ausentaram o nosso comunicador pediu-me para lhes escrever, sugerindo que ele precisava de descanso de todas as atividades psíquicas; garantiu-nos que não voltariam — e assim foi. Disseram-nos também que, embora o espírito tivesse conseguido ajudar muito o homem, como o casal não tinha sido formalmente admitido na organização do Círculo (por se saber que acabaria por sair), não haveria consequências negativas, embora tivessem atraído temporariamente influências indesejáveis.

Quando membros credenciados deixam um Círculo, o equilíbrio altera-se, mudando a direção, funções caem por falta da energia necessária para as manter, ou, pelo contrário, pode surgir trabalho adicional. Grande desgosto sentimos quando uma membro-chave saiu. Era competente em transe, e a sua principal guia espiritual, que se tinha preparado para realizar o controlo como serviço pelo qual a própria médium avançaria em espírito, viu-se subitamente cortada e, tão afetada e abalada, precisou de cuidados prolongados numa casa de repouso. Nunca mais comunicou. Foi muito triste perder uma amiga que tinha ganho o nosso afeto.

Abandonar um Círculo, uma vez estabelecido como membro, não pode ser feito levianamente. Assume-se um compromisso de cooperação com uma hierarquia espiritual que se eleva a alturas para além do que é alcançável na Terra, e que envolve as leis que regem a humanidade e o universo — as leis de Deus. É um privilégio ter essa oportunidade. Quanto maior o potencial de contribuição através do Círculo, maior o compromisso. Uma personalidade psíquica forte atrai forças semelhantes do lado espiritual, e os dois compromissos não se desfazem facilmente.

Tivemos um casal que, após algumas semanas, achou difícil continuar a comparecer — ambos trabalhavam, tinham vários filhos pequenos, viagens longas — mas tinham sido escolhidos pelo espírito para trabalho específico no Círculo. Daisy George mostrou grande preocupação quando se ausentaram e disse que era essencial regressarem mais uma vez, para que os laços espirituais forjados pudessem ser quebrados. Isto não podia ser feito do lado da Terra, apenas do lado espiritual.

Quando voltaram, Daisy George interrogou-os de perto e pediu a cada um que expressasse claramente o desejo de sair e que era uma decisão final, tomada livremente. Pediu também a cada um que reconhecesse que compreendia não poder regressar, embora pudesse desenvolver os seus dons noutra parte, oportunidade que talvez não surgisse por muito tempo — ou nunca. Não fez qualquer tentativa de persuasão, nem recriminações.

Mais tarde explicou que, tendo já feito considerável progresso e prontos para avançar, a sua capacidade psíquica aumentada ficaria sem saída, o

que poderia causar complicações no quotidiano, como frustração e irritabilidade inexplicáveis. Os trabalhadores espirituais do Círculo não poderiam protegê-los nem assisti-los, e o casal poderia ser empurrado de um lado para o outro por pressões psíquicas vindas de espíritos irrelevantes ou indesejáveis. Na sua última presença, a porta para o poder psíquico foi fechada pelos controladores do Círculo, ficando assim a sua posição psíquica em estado negativo.

Tivemos uma membro muito avançada cujo sucesso e importância na clarividência, clariaudiência e transe a levaram a desenvolver ciúmes de outros no Círculo que tinham progredido bastante e podiam partilhar o lugar de destaque que ela assumira. Inevitavelmente a comunicação através dela cessou, surgiu desarmonia, a cooperação diminuiu e pouco progresso foi feito por qualquer membro. Chegou-se a um impasse, e pedi a ela e ao marido que se retirassem.

Como os seus laços já se tinham enfraquecido, a capacidade diminuído, e a decisão foi tomada por mim como líder, não foi necessária uma presença adicional para encerrar formalmente a ligação. Vale a pena notar que, em tais casos, a menos que tenham outros meios de manter ou melhorar a capacidade psíquica, esta descerá muito, e se fizerem sessões privadas pagas, faltar-lhes-á também proteção contra indesejáveis, chegando até a enfraquecer a fibra moral no sentido mais amplo, bem como a felicidade.

Pode-se ter a impressão de que os organizadores do Círculo aprovam resoluções de boa intenção sobre novos desenvolvimentos que dependem demasiado de possibilidades em vez de certezas. Recebemos instruções detalhadas sobre um trompete ou megafone que devia ser colocado no centro do Círculo antes de cada reunião; apenas o líder podia tocá-lo, nunca durante a reunião, e nunca deveria pôr os dedos dentro.

O objeto não devia sair da sala. Em cada encontro, os membros tinham de passar alguns minutos concentrando conjuntamente o pensamento no trompete, imaginando-se dentro dele e ficando cada vez mais pequenos. Foi explicado que isso criaria força acumulada que, suplementada pelas energias aplicadas pelo espírito, permitiria a construção de uma caixa de voz de ectoplasma no interior. Primeiro o trompete deveria tombar, ficando onde repousasse até ao fim da sessão; mais tarde elevar-se-ia do chão e, finalmente, flutuaria pela sala, apontando para membros específicos, e pessoas do espírito conhecidas por eles falariam com a sua voz normal através da caixa de voz.

Cumprimos meticulosamente durante cerca de seis anos — por vezes alguém do espírito surgia e supervisionava o exercício — mas nunca fez mais do que oscilar uns cinco centímetros para os lados.

Foi-nos predita a materialização parcial, bem como a levitação e o toque de um pequeno sino de latão, e o virar das páginas de um livro, ambos ao lado do trompete e fornecidos a pedido. Repetiram-nos muitas vezes que tais fenómenos estavam “ao virar da esquina”, e uma dúzia ou mais de vezes foram anunciados. Nenhum aconteceu. No nosso entusiasmo, esquecíamos quase tão frequentemente que também nos diziam que era necessária mais força no Círculo, só possível com a adição de dois ou três novos membros. Tentámos encontrá-los sem êxito, o que foi uma grande desilusão, pois o esforço foi longo e sério.

Também pode haver membros a mais, se a sua contribuição combinada resultar numa mistura demasiado diversa para ser harmonizada. Os prometidos fenómenos físicos e materializações não ocorreram, e não há dúvida de que a capacidade psíquica dos membros não era adequada. Vivíamos numa zona semi-rural, com áreas populosas a cinco ou mais milhas, sem transporte público útil, aparentemente demasiado longe para a maioria, sobretudo em mau tempo.

Creio que os melhores Círculos são visitados por espíritos personificadores. Tivemos, em momentos diferentes, uma “Rainha Maria” que dizia estar com “George”, uma “Rainha Vitória” que mencionava “Albert” e, em duas ocasiões, um “Winston Churchill” que discursou sobre a nação de forma pouco convincente.

Volto a referir a experiência já mencionada do meu amigo George Chapman, que recebeu cartas de pessoas entusiasmadas a dizer que William Lang tinha falado com elas através de um médium. Tanto George como Lang me disseram que em nenhum caso era verdade: primeiro, porque não era possível William Lang estar em dois lugares ao mesmo tempo e, segundo, porque nunca trabalhou nem trabalharia senão através do seu médium parceiro treinado.

A questão é se essa personificação é permitida. Pensemos numa pessoa que levou uma vida humilde, rotineira e monótona, com pouca ou nenhuma oportunidade de desenvolver mente ou expressão, e que olhava com admiração para a vida dos grandes nomes sempre nas manchetes. Ao morrer fisicamente, sem o saber, sente um certo alívio nas suas amarras e, por pouco que seja, deleita-se na diminuição das restrições e na possibilidade de uma liberdade que imaginava existir apenas nos líderes do seu tempo.

Descobre que pode fingir ser uma dessas figuras e divertir-se. Mais tarde, chega o momento em que pode libertar-se dessa vida de faz-de-conta e é levado a um Círculo, onde tem ouvintes atentos. Pode ser o passo final para sair dessa pseudo-existência, que provavelmente já se esgotava.

E se alguém realmente notável decidir prestar um serviço à humanidade e, ao mesmo tempo, avançar no seu próprio progresso espiritual e expiação? Que melhor maneira do que começar de novo, sustentando-se apenas na qualidade da sua espiritualidade interior? Aqui está a chave para os inúmeros Índios da América do Norte e Chineses que comunicam — fornece um anonimato seguro, adotado depois de aprenderem e treinarem para se apresentar numa aparência que não pode ser questionada. Passam a valer pelo que são, não pelo que foram. Por que razão este anonimato se centra quase exclusivamente nestas duas raças permanece sem resposta. Os apologistas sugerem que é porque são das culturas mais antigas e, nos seus primórdios, espiritualmente sábias.

As perguntas e problemas são constantes. Pode haver algum consolo nas descobertas amplas e crescentes de cientistas, médicos e outros especialistas, que cada vez mais apoiam o testemunho empírico. Há uma crescente apreciação de que, além dos procedimentos habituais da ciência, métodos espirituais devem ser aplicados na investigação das forças espirituais. A ciência, por enquanto, não sabe o que são essas forças, e provavelmente muitos nem querem saber. Mas é arrogância afirmar que a única verdade é a que a ciência prova e aceita. Lyall Watson, biólogo, escreve no seu livro *The Romeo Error*: *"Parece que algumas coisas não podem ou não querem ser conhecidas, pelo menos não pela abordagem atual."*

Pergunto-me quantos investigadores aceitariam que ninguém deve fazer um movimento repentino na presença de uma pessoa em transe — como sair da sala ou acender uma luz — sem consequências. Quantos aceitariam como legítima uma instrução de nunca se colocar entre um médium e o objeto que, no momento, é o foco. Recordo que, há anos, Bert Hazle, potencial curador que muitas vezes assistia George Chapman em transe sob instrução de William Lang, foi advertido por este a nunca passar entre Chapman em transe e a pessoa que ele tratava. Um dia fê-lo inadvertidamente.

Chapman caiu e esteve inconsciente quase meia hora. Recuperou gradualmente, com dores fortíssimas ao nível do plexo solar. No corpo apareceu uma marca de queimadura transversal que persistiu durante semanas. Qualquer movimento causava dor lancinante e teve de suspender tratamentos por duas semanas, embora Lang sem dúvida trabalhasse nele com afinco. Do mesmo modo, se um médium está em escrita automática e a caneta lhe é arrancada, o bem-estar do médium pode ser gravemente afetado.

Se uma ação for indispensável, deve pedir-se primeiro autorização verbal aos trabalhadores espirituais para que tomem precauções e protejam o médium — eles próprios poderiam sofrer choque. Este é um ponto importante para os Círculos domésticos. Devem ser tomadas medidas para que não haja interrupções por telefone ou campainha. Brincadeiras nunca devem ser permitidas.

Estou convencido de que os processos da mediunidade e comunicação, em todas as categorias, são muito mais complexos e delicados do que geralmente se representa, e há vasto campo para investigação. A humanidade beneficiará imensamente de uma melhor compreensão da sua constituição e do que a faz funcionar. Cada pessoa é espírito e possui um veículo pouco conhecido, intermediário, que fornece uma energia tipo dínamo a esse aspeto espiritual.

Após a morte física, este gerador mantém o espírito com restos de força física até que o ambiente e as fontes espirituais assumam, e então extingue-se. Foi isto que nos transmitiram. Haverá outros sistemas de funcionamento no espírito? Uma circulação própria equivalente ao sangue, com contrapartes de componentes? Um sistema nervoso central? Um sistema elétrico ligado às correntes essenciais do corpo vivo? Se tais existirem, poderão ser visíveis e acessíveis aos curadores espirituais que assim conseguem corrigir defeitos físicos?

No conjunto, tanto se passou no Círculo — os amigos espirituais brincaram connosco, responderam a perguntas, conversaram longamente e discursaram para nossa iluminação. Também instruíram e guiaram o desenvolvimento psíquico dos membros na clarividência, clariaudiência, transe e cura. Disso não resta dúvida, e o caso está provado para mim.

Os amigos espirituais disseram-nos que a oração é a chave de muitos problemas, e fazemos demasiado pouco uso dela. Não há barreiras na oração do homem a Deus — é o dar do nosso amor a Deus e à bondade, que os Seus ministros usarão onde for mais eficaz no serviço aos outros na Terra e no espírito. Há também o clamor da alma que precisa de orientação e fortaleza nas dificuldades da vida.

A imagem que tenho é a de que as orações são conhecidas pelos guias espirituais e, se apropriado, a bênção deles acompanha a oração, mas esta permanece sagrada à medida que os ultrapassa. Já referi anteriormente que um Círculo doméstico não concede privilégios, mas a ligação com o mundo espiritual abre canais que facilitam o processo da oração, tornando-a mais uma certeza do que uma esperança de que alguém, em algum lugar, a ouvirá — e mais uma certeza de que haverá resposta.

O estudo da nossa existência espiritual — passada, presente e futura — produz reflexões muito sóbrias: a consciência de que cada palavra dita, cada ato, pensamento, emoção, propósito, intenção, conquista e frustração está registada e só nós próprios responderemos por isso. Durante toda a vida na Terra contribuímos continuamente para o total universal do bem e da verdade, ou do mal e da falsidade, ou das misturas entre ambos, através de cada intenção e ação. Assim, reforçamos os poderes do bem, do mal ou da indiferença, que atuam sobre a humanidade e em seu benefício. Grande responsabilidade carregamos — e todos contam.

CAPÍTULO 25

O DR. LANG TEM A ÚLTIMA PALAVRA

Na entrevista final com o Dr. Lang, para lhe colocar perguntas sobre alguns pontos deste livro de modo a concluí-lo satisfatoriamente, a minha última questão foi:

— O senhor já viu milhares de pacientes de diferentes origens e muitos países; o que considera ser a maior necessidade das pessoas hoje?

A sua resposta foi:

— Procurarem compreender os seus semelhantes e mostrarem amor uns pelos outros; terem uma compreensão do amor em todos os seus sentimentos; terem amor a Deus. Há tanta gente na Terra que vive de ciúmes; há muita cobiça e inveja entre os homens, cobiça de poder. Assim é dentro das nações e entre elas. Se substituíssem essa cobiça e inveja pelo amor, haveria harmonia dentro e entre as nações. Se o homem compreendesse o amor, teria maior compreensão de Deus e do que é a sua vida.